



Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA



Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

Março de 2023 - Nº 4 - ISSN 2446-5615

Bahia, Itabuna

2023

Copyright © 2023 by Academia de Letras de Itabuna (ALITA)

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem autorização por escrito dos autores.

Presidente da Academia de Letras de Itabuna

Wilson Caitano de Jesus Filho

Diretor da Revista

Charles Nascimento de Sá

Conselho Editorial

Ceres Marylise Rebouças
Celina Silva dos Santos
Charles Nascimento de Sá
Margarida Cordeiro Fahel

Revisão textual

Charles Nascimento de Sá
Ceres Marylise Rebouças
Margarida Cordeiro Fahel

Diagramação

Elimarcos Santana

Serviço Editorial

Via Litterarum Editora
Rua Frederimco Maron, 299 - Térreo - Centro
Ibicaraí - Bahia - Brasil - CEP: 45745-000
www.viaeditora.com.br

A ideia do nome Guriatã para a revista e a da capa e contracapa com o pássaro é do acadêmico Cyro de Mattos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Guriatã – Revista da Academia de Letras de Itabuna. n. 4, (2023).
Publicação da Academia de Letras de Itabuna (ALITA). Itabuna-Bahia:
Libri Editorial, julho de 2020.
220 p.: il.; 15x22cm

ISSN: 2446-5615

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Poesia. 4. Poemas. I. Título.

CDU 82.34; 82-1; 7.04

Sumário

Apresentação 11

Charles Nascimento de Sá,
Margarida Fahel
Ceres Marylise
Celina Santos

Artigos e Ensaios

**Sensibilidade pós-moderna:
a fratura do tempo** 19

Heloísa Prazeres

**A presença feminina entre os batistas na região sul baiana
durante a primeira metade do século XX** 29

Janete Ruiz de Macêdo

Expressões da literatura grapiuna em pluralidades 53

Maria de Lourdes Netto Simões

A identidade negra, a literatura e a escola 71

Jorge Luiz Batista dos Santos

**Breves considerações sobre poesia e romantismo
na obra de Jorge Amado** 79

Margarida Cordeiro Fahel

Itabuna nas telas de Walter Moreira 89

Lurdes Bertol Rocha

Poesia

Eu os repudio!	97
Escrava e senhora	99
Repovoem o mundo!	100
Construção	102
Ceres Marylise	
Viagem sem tamanho	103
Cyro de Mattos	
minibiografia	109
Constant	110
nome de família	111
elementares	111
boas festas	112
Heloísa Prazeres	
Labuta	21
Lexicografia	21
Filmagem	21
Ruy Póvoas	
Cárcere	116
Pedra mundo	117
Raquel Rocha	

Ser de brinquedo	119
O vendedor de cata-ventos	120
Barco em banco de areia	120
Canto do meio-dia	121
A selva dos sentidos	122
Renato de Oliveira Prata	

Contos

O menino assassino	125
Ruy Póvoas	
A casa mais feliz do mundo	131
Raquel Rocha	

Outros textos

Eu e Ilhéus: uma história de amor	139
Marcos Antonio Santos Bandeira	
Jorge e eu	147
Charles Nascimento de Sá	
Os trilhos da esperança	153
João Otavio Macedo	
Ferradas na história do gramado	157
Gustavo Veloso	
A magia do Caminho de Santiago	21
Silvio Porto de Oliveira	

Entre comunidades virtuais
e um caminho real175
Celina Santos

Consciência negra e a luta pela igualdade racial177
Sione Maria Porto de Oliveira

Discursos

Discurso de posse do novo presidente
da Academia de Letras de Itabuna - Biênio 2021/2023 .. 183
Wilson Caitano de Jesus Filho

Discurso de posse da nova diretoria da Academia
de Letras de Itabuna e despedida da antiga diretora -
Biênio 2021/2023187
Silmara Oliveira

ALITA 10 anos!191
Silmara Oliveira

Trabalhar por nossas letras
Discurso de posse na ALITA197
Aeilton Fonseca

Registros

Assembleia Legislativa outorga
Comenda 2 de Julho ao poeta e escritor
Cyro de Mattos 203

Posse da diretoria da Academia de Letras
de Itabuna 204

Roda de leitura Sônia Maron
incentiva estrada do saber 206

O sentido de viver com amor
Lançamento do Hino da Academia de Letras
de Itabuna 208

Aos 70 anos, morre promotor itabunense
Carlos Eduardo Passos212

Concurso literário marca interação
da Alita com estudantes213

Alita deixa assinatura em Sarau de poesia 214

Posse de Heloísa Prazeres mostra emoção
da volta à origem 215

Diversos

Membros e Patronos da Academia de Letras de Itabuna -
2011-2020.....221

Membros e Patronos da Academia de Letras de Itabuna -
2020-2022 223

Apresentação

Findando-se a parte mais dolente do período pandêmico, a Academia de Letras de Itabuna – ALITA retomou com renovado vigor suas atividades rotineiras. Dentre tantas realizadas, houve a produção de sua revista, veículo primordial para divulgação dos saberes de seus acadêmicos a cada gestão.

Lançado em 2021 o número 3 da Revista Guriatã, e após eleição de nova diretoria da ALITA coube-me como novo diretor da revista e às confradeiras Margarida Fahel, Ceres Marylise e Celina Santos, dar continuidade ao trabalho até então desenvolvido pelo ilustre confrade Cyro de Mattos. Desse quarteto e suas normais limitações é que vem à luz o número 4 da nossa revista. Desde nossa posse, um objetivo se nos foi imposto: que o conteúdo aqui divulgado pudesse contar com o mais amplo espectro de participações das confradeiras e confrades que tornam a ALITA tão plural e significativa para a cultura e a sociedade das terras grapiúnas.

Iniciamos este número com a seção “Artigos” que perfazem em seu conteúdo, abordagem, discussão teórica, poética e cultural, a simbologia perfeita da diversidade acadêmica que é a força da ALITA.

Inicia este volume o texto da confradeira Heloísa Prazeres, intitulado *Sensibilidade pós-moderna: a fratura do tempo*. Discute essa eminente poeta e teórica da Língua Portuguesa

as questões inerentes à cultura pós-moderna e às fraturas que o tempo impôs ao olhar e à subjetividade em nossa sociedade. O segundo artigo tem como autora a historiadora Janete Ruiz de Macêdo. Mesclando história, cultura, religião e gênero. Em seu texto ela executa *A presença feminina entre os batistas na região sul baiana durante a primeira metade do século XX*, um instigante estudo sobre a gênese dessa igreja protestante e sua difusão nas terras do cacau. A presença da mulher é aí ressaltada e norteia o estudo histórico posto. Da História para as Letras, Tica Simões nos apresenta, em profícua e apaixonada discussão, um panorama da literatura sul-baiana e seus autores, no escrito *Expressões da literatura grapiúna em pluralidades*. A questão racial, a educação e os aspectos teóricos e filosóficos desses assuntos são discutidos e debatidos no instigante conteúdo do confrade Jorge Luiz Batista dos Santos, em seu artigo *A identidade negra, a literatura e a escola*, no qual desenvolve uma análise sobre a premência desses temas e sua discussão pela sociedade que se quer mais democrática e igualitária. Margarida Fahel apresenta nesta edição sua discussão desenvolvida no último Webnário sobre Jorge Amado. Intitula-se *Breves considerações sobre poesia e romantismo na obra de Jorge Amado*, e traz em seu bojo o seu profundo conhecimento teórico e literário sobre o tema. Extrapolando um pouco os campos da literatura, da história e da educação, encerramos o capítulo dedicado aos artigos com o breve, porém excelente texto da confrreira Lurdes Bertol, o seu *Itabuna nas telas de Walter Moreira* que aproxima através da escrita, a cidade sede da ALITA e sua representação pelo olhar do nosso nunca esquecido artista.

Entendendo-se que “não há intelectual mais realista que o poeta” (SILVA, 2019, p. 44), cujo sentido pretendido pela citação do historiador e membro da Academia Brasileira de Letras, Alberto da Costa e Silva, é o viés pelo qual singramos, na constituição da presente edição da revista, em seu capítulo dedicado à poesia, contamos com participações de Ceres Marylise, Heloísa Prazeres, Cyro de Mattos, Ruy Póvoas e Renato Prata. Debuta nessa seção poética a confrreira Raquel Rocha com dois poemas. Que sejam eles os primeiros de tantos outros.

No capítulo “Contos”, temos duas preciosidades escritas: uma por Ruy Póvoas, com o seu *O menino assassino* e outra com Raquel Rocha, e sua *A casa mais feliz do mundo*.

No remate “Outros textos,” outra gama considerável de participações, que tangenciam escritas as mais diversas, com variadas abordagens e gêneros discursivos. confrade Marcos Bandeira em seu *Eu e ilhéus: uma história de amor* declara, em belo texto, seu carinho pela Princesa do Sul. Charles Nascimento de Sá, diretor da presente revista, aborda suas memórias juvenis e indica seu primeiro contato com a obra amadiana, através do romance *Terras do sem fim*. História e memória são também o fio condutor do texto *Os trilhos da esperança*, do confrade João Otavio Macêdo. Memória que se faz necessária e importante àqueles que buscam conhecer o desenvolvimento de nossa região. O confrade Gustavo Veloso aborda, com detalhes quase biográficos, em *Ferradas na história do gramado*, a presença do mais apaixonante dos esportes globais, nessa área geográfica vista como nascedouro do município de Itabuna. *A magia do caminho de Santiago* conduz o leitor pela memória e pelo relato de viagem. Seu autor, o confrade Silvio Porto, apresenta sua experiência,

enquanto turista e fiel, com o sagrado caminho espanhol. *Entre comunidades virtuais e um caminho real*, Celina Santos faz uma reflexão sobre a imersão da sociedade contemporânea no universo virtual e sua implicação em nossas relações sociais. Consciência negra e a luta pela igualdade racial, da confrreira Sione Porto, retoma a sempre premente discussão sobre a luta pelo fim da desigualdade social e seus símbolos.

Ainda nessa tão profícua edição, têm-se os “Discursos”. Começamos pelo discurso de posse como presidente da ALITA, biênio 2021-23, do confrade Wilson Caitano. Logo após, vem o texto da ex-presidente da Academia, Silmara Oliveira, em sua saudação à nova diretoria. Em sequência, discurso da mesma autora, agora contemplando os 10 anos de fundação da ALITA. Encerramos com o discurso de posse do confrade Aleilton Fonseca.

Finalizando a parte textual da revista, encontram-se os registros das atividades desenvolvidas pela Academia, no decorrer do findo 2022. Tal seção, suas matérias e conteúdos divulgados contaram com a competência jornalística da confrreira Celina Silva.

Como elemento pós-textual temos o Quadro Social da ALITA

Um adendo: à exceção dos discursos, optou-se aqui por não se indicar nenhum tipo de ordem numérica na disposição dos textos que compõem este número da Guriatã. Fica assim, ao sabor do leitor e de suas preferências, ver por quais títulos iniciar o seu olhar. Ao entrar em contato com os variados temas postos nesta edição, terá ele a certeza de que ao mergulhar em tão versáteis páginas, foi invadido pelo elevado sabor que somente o conhecimento traz aos que o buscam.

É com esse intento que desejamos horas proveitosas a todos os nossos leitores e leitoras. E que o canto do Guriatã possa continuar a ser ouvido por todos nós!

Charles Nascimento de Sá,
Margarida Fahel
Ceres Marylise
Celina Santos

(janeiro de 2023)

Referências das citações:

SILVA, Alberto da Costa e. *Três vezes Brasil: Alberto da Costa e Silva, Evaldo Cabral de Mello, José Murilo de Carvalho*. Org. Heloísa Starling; Lilia Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Artigos e Ensaaios

Sensibilidade pós-moderna: a fratura do tempo

Heloísa Prazeres*

O período presente é uma daquelas épocas nas quais tudo o que normalmente parece constituir uma razão para viver se desvanece; em que, sob pena de se perder na confusão ou na inconsciência, devemos questionar tudo.

Simone Weil (1996)

A situação da contemporaneidade deixa em aberto o sentido e os limites da prática literária e da sua inscrição temporal. Transcorridas mais de duas décadas do século XXI, creio que há distância para o tratamento do conceito de literatura, na era pós-industrial, quando se deu o enfraquecimento

* Heloísa Prazeres, professora adjunta, aposentada pela UFBA. Cumpriu o doutorado na University of Cincinnati, OH, Estados Unidos. Natural de Itabuna, poeta, ensaísta e pesquisadora, desenvolve sua escrita principalmente no gênero lírico. Foi titular e pesquisadora da Universidade Salvador (UNIFACS) e coordenou o Núcleo de Referência Cultural da Fundação Cultural do Estado da Bahia (2004 -2007). Heloísa Prazeres possui vasta produção acadêmica, com artigos publicados em diversas revistas especializadas. Obra principal: *Temas e Teimas em narrativas baianas do centro-sul* (2000), *Pequena história, poemas selecionados* (2014), *Casa onde habitamos, poemas* (2016), *Arcos de sentidos, literatura, tradução e memória cultural* (2018), *Tenda acesa, poemas* (2020) e *A vigília dos peixes, poemas* (2021). Desde julho de 2021 Heloísa Prazeres ocupa a Cadeira nº 26, na Academia de Letras da Bahia. Membro, recém-eleita, da Academia de Letras de Itabuna, ALITA.

da tradição moderna. As questões que mobilizam a crítica contemporânea podem ser compreendidas como efeito desse enfrentamento da heterogeneidade da cena literária.

O entendimento das alterações da temporalidade desta era - as transformações da razão histórica; o aparecimento de uma nova concepção temporal; a percepção, que nos leva, hoje, a um campo, onde as definições não conseguem mais abarcar as ocorrências, deve-se, pioneiramente, ao filósofo e psicanalista francês, Cornelius Castoriadis, que propõe a configuração de uma maneira inédita de pensar a partir da imaginação e do imaginário - pela "inversão" do pensamento do Ocidente: numa nova compreensão do sujeito humano (cf. Castoriadis 1986).

Merleau-Ponty, em *Conversas-1948*, também antevê uma nova fase para o pensamento ocidental; reconhece a ambiguidade desse tempo, em si revolucionário, no qual, *não se realiza algo, realiza-se sempre, ininterruptamente*. Suas reflexões são originais, porque situam-se no período imediato ao pós-Segunda Guerra Mundial, quando circularam inúmeros questionamentos críticos.

A verdade é que o problema para nós é fazer, no nosso tempo e por meio de nossa própria experiência, o que os clássicos fizeram no tempo deles [...]. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 76).

Pode-se identificar no pensamento de Merleau-Ponty o despertar do conceito de *pós-modernidade* (Cf. (MANIERE, 2014).

No final do século passado, encontra-se idêntica reflexão em outros pensadores. O filósofo francês, Jean-François Lyotard, refere a indeterminação (LYOTARD, 1998), associando-a à valorização do relativismo, à indiferença e aos processos intelectuais

indefinidos; ele os descreve como *tempo desmoronado*, no qual, a síntese totalitária não tem mais lugar. Isto é, uma temporalidade que se assemelha a perdas. A ausência sendo entendida como nova temporalidade, não sentida como tempo renovado.

Desse modo, convive-se a todo o momento com uma imanência que assusta - de onde o conceito de *agoridade*, analisado extensivamente e brilhantemente pelo professor e escritor, Aleilton Fonseca, neste encontro.

De modo prolífico, também se manifesta o sociólogo polonês, filósofo e professor, no Reino Unido, Zygmunt Bauman, que reflete vastamente sobre a alteração radical de paradigmas e sobre a crise da representatividade, indagando a respeito dos caminhos do subjetivismo (BAUMAN, 2008). Desse contexto, destacam-se alguns possíveis eixos: o fim da União Soviética - o mundo a entrar numa possível *nova ordem*, dando-se, ao invés, como se sabe, um aumento de desigualdades, que se evidenciam mais e mais profundas.

Toda a configuração desses contextos gera a chamada *sociedade do cansaço*, conceituada pelo filósofo sul coreano, professor da universidade de Berlim, Byung-Chul Han, que discute sobre um mundo em que o consumo se liga à valorização social e as relações convertem-se num modelo em que os indivíduos se tornam mercadorias.

O contemporâneo e as artes criativas

Nessas duas décadas do novo milênio, consolidaram-se sinalizações no campo acadêmico, como o prestígio do eu histórico; o sujeito que escreve sendo suposto conhecer-se e o processo

desse entendimento alterando-se, em meio da diferenciação entre ele e os outros - numa época em que tudo flui muito rapidamente e que é necessário refletir-se sobre a própria existência, sobre o tempo em que vivemos. É precisamente ao conceito de tempo que a definição de contemporaneidade se encontra associada. Giorgio Agamben (2009), no ensaio "O que é contemporâneo" aborda o tema:

[...] Quem e o que são contemporâneos? E antes de mais nada, o que significa ser contemporâneo? (cf. AGAMBEN, 2009, p.57)

Estamos continuamente mobilizados por novas descobertas, por questões imprevisíveis, que requerem respostas rápidas. Há o reconhecimento da flexibilidade, da capacidade fragmentária e do deslocamento de papéis, que definem a identidade do sujeito, bem como em relação à pluralidade e relatividade dos cenários - com tendência crescente à virtualidade. Ou seja, a realidade e o tema que a vive, o audiovisual, os recursos interativos dos multimídias, sugerem uma forma de negação da história, como curso exclusivo, sustentado pela ideia de progresso. Dessa forma, uma reconfiguração da subjetividade, longe do humanismo, e intimamente ligada ao manejo do mundo digital, torna-se uma realidade consolidada.

Recorro ao projeto poético de Fernando Pessoa, que, dramaticamente, engendrou percepções diversas em sensibilidade e duração. O mais contemporâneo entre os seus heterônimos, Álvaro de Campos, no "Poema em linha reta", assinou crítica às relações sociais e observou, de fora sua incapacidade de operar na realidade por regras e condutas. O sujeito lírico apontando a hipocrisia das relações,

[...]

Eu, que tenho sofrido a angústia das
pequenas coisas ridículas,

Eu verifico que não tenho par nisto tudo
neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala
comigo

Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu
enxovalho,

[...]

Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta
terra?

Álvaro de Campos constituindo-se iconoclasta, pós-moderno, *avant la lettre*, existencial e inconformado, melhor traduz a historicidade poética do ser-homem. Encarna a estética do Absurdo da Condição Humana, reconhece seus limites e não crê no sentido profundo das coisas. Essa condição que Heidegger (2012) define como *in-ser* expressa a capacidade de encontro, de relacionamento, de diálogo que a existência humana é capaz de afirmar.

Mas olhando para a realidade que renunciou a essa ligação com o passado, em particular para o continente norte-americano estadunidense - onde vivi no início dos anos 1980 - não é difícil descobrir como a ruptura gerou um sistema que, em nome da contemporaneidade, produziu, em vez disso, a ausência de ser, onde o homem não tem raízes, não tem referências, exceto num contexto de ficções, e,

como disse Borges, “*aquí la misma historia está confundida y perdida*” (Borges, 2014, p. 79).

A estudiosa argentina Josefina Ludmer (2007) especula sobre a presença de uma era *pós-autônoma* da literatura com foco na busca do sentido das representações e autorrepresentações ficcionais. A autora adverte para a necessidade de compreensão dessas questões a partir da ambiguidade, que a introdução do elemento biográfico impõe ao leitor.

Hoje, a realidade cotidiana adota a forma do testemunho, da autobiografia, da reportagem jornalística, da crônica, do diário íntimo, e até da etnografia. É uma realidade que não quer ser representada, porque já é pura representação: um tecido de palavras e imagens de diferentes velocidades, graus e densidades, interiores-exteriores a um sujeito que inclui o acontecimento, mas também o virtual, o potencial, o mágico e o fantasmático (Ludmer, 2007).

Os *novos realismos*, o *realismo sujo* e outras designações das produções que utilizam procedimentos de interpelações diretas às experiências de vida apontam-nos novas significações e espaços desconhecidos. Os contemporâneos por seus esforços antidogmáticos também se liberam de certas tensões. A *migrância* (Bhabha, 2011), adquire uma dimensão cultural, que excede a transladação geográfica e configura um lócus instável, a partir do qual se geram usos particulares da cultura, e neles constituem-se como sujeitos *desagregados*, difusos e heterogêneos.

Cito, neste sentido, o escritor chileno Roberto Bolaño, que seguiu à risca o caminho dos exilados borgianos, que encon-

tram refúgio entre estantes de bibliotecas espalhadas pelos países. Assim, são características comuns em sua escrita inquietações, dúvidas e vazios, adotando, permanentemente, uma escrita biográfica e deixando claro que ninguém consegue ser totalmente sincero.

[...]

A poesia entra no sonho
como um mergulhador em um lago.
A poesia, mais valente que qualquer um
entra e cai
como chumbo
num lago infinito como o Lago Ness
ou turvo e infausto como o lago Balatón.
Contemplai-a desde o fundo:
um mergulhador
inocente
envolto nas plumas
da vontade.
A poesia entra no sonho
como um mergulhador morto
no olho de Deus.
(de Ressurreição, BOLAÑO, 221, p.791)

Observe-se que, ao lado da ideia de coragem, há o desejo de vontade: um mergulhador/ /inocente/ envolto nas plumas/ da vontade. Mas essa poesia entra no sonho: como um mergulhador morto / no olho de Deus. A poesia de Bolaño penetra no olho de Deus, na visão divina, mas como um mergulhador

morto e refere como a palavra habilita a uma visão diferente e a uma explicação da realidade ou sua intersecção entre o real e o sonho. Tal ambiguidade, marcada por todos os aspectos sensoriais, que necessariamente intervêm no processo perceptivo, regula a relação entre realidade e pensamento e contribui para a realização de redes comunicantes de necessidade de poesia. Assim, a contemporaneidade é expressa com toda a vitalidade de alguém que pretende ir além do visível, como um criador cuidadoso, que por meio das palavras escritas buscasse compreender o significado que está além da escrita simples ou, como se expressou Heidegger (2002, apud CRITELLI), alguém que visasse ao alcance de metas *com os pés do silêncio*.

Finalmente, peço-lhes, licença para fazer a leitura de um poema de minha autoria, de coletânea de poemas *A Vigília dos peixes*, que dialoga com o tema em debate.

A vigília dos peixes

Para Jamison

convincente é a vigília dos peixes
carentes de pálpebras para o breu
ancoram-se nas barbatanas
seus débeis corpos
descem ao fundo e sobem
para respirar. Sem sono profundo
evitam serem varridos
pelas correntes oceânicas
repousam em estado de alerta
consoantes aos poetas

Referências

AGAMBEN, Giorgio. "O que é o contemporâneo?" *In*: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. p. 57-72.

BHABHA, Homi K. Pós-modernismo e pós-colonialismo. *In*: BHABHA, Homi K. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos**. Org.de Eduardo F. Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. p. 80-94

BAUMAN, Zygmunt. Como pensamos. Fé e satisfação instantânea. *In*: BAUMAN, Zygmunt. **A Sociedade individualizada, vidas contadas e histórias vividas**. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 194-202.

BOLAÑO ROBERTO. **A universidade desconhecida**. Trad. Josely V. Batista, São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p.791

BORGES, Jorge Luis. Utopia de um homem que está cansado. *In*: _____. Livro de areia. **Obras Completas**, v. III. Trad. Lígia Morrone Averbuck. São Paulo: Editora Globo, 1999, p. 59-64,

CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Tradução por Guy Reynaud. 2.ed., Rio, Paz e Terra, [1975]. 1986.

CRITELLI Dulce. A Folha de São Paulo. Folha Equilíbrio. S.P. 14/11/02, p.12).

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Giachini, Enio Paulo. 2. 2017. Vozes, Petrópolis: 128

HEIDEGGER. "A Essência da Linguagem". *In: A Caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, Editora São Francisco, 2003, pp.121-171.

LUDMER, Josefina (2007). *Literaturas postautónomas*. Ciberletras: Revista de crítica Literária e de Cultura, Bronx, v. 17, n. 2. On-line. Disponível em: <https://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v17/ludmer.htm>. Acesso em: 20 nov. 2021.

LYOTARD, Jean-François. O campo do saber nas sociedades individualizadas.

In: LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**.

Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998. p.3-10.

MANIERI, Dagmar. A temporalidade na condição pós-moderna. Recuperado de <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28852> captado em 27 nov, 2021

MERLEAU-PONTY. **Conversas-1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Álvaro de Campos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PRAZERES, Heloísa. **A vigília dos peixes**, poemas. SP: Scortecci, 2021, p. 60.

WEIL, S. (1996b). A gravidade e a graça. A atenção e a vontade. *In:* S. Weil,

A condição operária e outros estudos sobre a opressão.

Rio de Janeiro: Paz e Terra.

A presença feminina entre os batistas na região sul baiana durante a primeira metade do século XX

Janete Ruiz de Macêdo*

Resumo:

Estudo sobre a atuação das mulheres batistas da região sul baiana. O tema propõe olhar a denominação Batista a partir da visão de gênero, colocando em foco de forma específica as Igrejas Batistas do Sul da Bahia, contribuindo também para uma leitura menos deficiente da participação da mulher na construção social sul baiana. Trata de analisar a trajetória das mulheres batistas do Sul da Bahia, levando em consideração o contexto social, os espaços ocupados e suas potencialidades de influência direta e indireta. Busca identificar as brechas de poder exploradas.

* Doutora em História - Universidad de Leon/ES (2000). Professora Titular - Plena da Universidade Estadual de Santa Cruz. Trabalha na área de História, com ênfase em História Regional, atuando principalmente nos seguintes temas: história e religião - preservação - patrimônio, - cidade e cultura - memória. Fundou o Centro de Documentação e Memória Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz, em 1993, órgão que dirigiu até março de 2008. Tem produção científica com livros, artigos e outros artefatos culturais na sua área de atuação. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa cadeira número 39, tendo como patrono Manuel Bomfim Fogueira.

A pesquisa tem como fonte principal o periódico mensal *A Voz do Sul* que circulou na região por quase vinte anos e que por vários anos foi editado e gerenciado por três mulheres que deram espaço e visibilidade às reivindicações e ações femininas.

Palavras Chave: Batistas, Sul da Bahia, Mulheres, Poder.

1. Introdução

Númeras e até profundas transformações se processam no nosso mundo pós-moderno aprofundando discussões antigas e abrindo novos campos de pesquisa. Assim, a partir do paradigma da diferença, se busca reconhecer e dar voz a atores sociais silenciados ao longo do transcorrer da história. Assim surgem novos campos temáticos. Como diz Lucien Febvre (1989), a "História é filha do seu tempo", significando que a produção historiográfica se coaduna com a época que a produz.

Segundo Lipovetsky (2005, p. 70), "vivemos em um mundo que vai se desfazendo na medida em que o sujeito moderno percebe que o enfraquecimento da sua confiança na razão, que não significa que a razão retrocedeu, não o identificou com o nada" e na sua fragilidade ele está sendo levado na direção da busca infinita de satisfações de desejos, incentivado pelo consumo de massa e pelos meios de comunicação, ou na transcendência, na busca além de si.

Nesse contexto, a temática História e Religião tem se apresentado como um campo promissor. Propõe desvendar as crenças e suas expressões, as formas de crer e seus protagonistas ao longo do tempo. As relações entre religião e sociedade têm

sido abordadas por vários teóricos, que partindo dos estudos de Max Weber têm buscado estabelecer os vínculos entre a religião e a posição de classe, examinando diferentes grupos religiosos. Aprofundando o recorte, chegamos às relações de poder envolvendo religião e gênero, que tem sido um tema envolvente, principalmente no que tange aos espaços e papéis destinados aos sujeitos masculinos e femininos dentro da estrutura sócio-religiosa da civilização judaico-cristã.

Para Ebner (2012), nos primórdios do cristianismo, nas comunidades paulinas² os direitos de participação na *ekklesia* de Deus não estavam restritos aos cidadãos plenos, mas também eram exercidos pelas mulheres e pelos escravos. Entretanto, na medida em que a visão de *ekklesia* passa a se identificar como *oikos* (casa), surge a figura do ecônomo de Deus, transmutada em *pater familia* e "as mulheres que nas comunidades paulinas tinham igualdades de direitos são remetidas com veemência da vida pública da comunidade à casa particular, sob a proteção de um senhor da casa, com o dever de se dedicarem à oração" (EBNER, 2012, p. 35). Essa visão se perpetuará ao longo da história através de diversos discursos em que se exige da mulher atitudes que deveriam corresponder ao que se imagina ter sido a vida da Mãe de Jesus, a Virgem Maria: dona de casa, doméstica, pura, casta, submissa e calada.

² Segundo a teologia cristã fundamental, enunciada pelo Apóstolo Paulo, "Não há mais homem e mulher; todos vós sois um em Cristo Jesus" (Carta do Apóstolo Paulo aos Gálatas, capítulo 3, versículo 28 – Gl 3,28). Este enunciado de Paulo, considerado pelo cristianismo como inspirado, significa que no Cristianismo se transcende à questão dos sexos, e num sentido teológico puro (teórico) homem e mulher são absolutamente iguais, podendo, em princípio, exercer qualquer função dentro da Igreja cristã.

No início dos tempos modernos, a Reforma Protestante, ao afirmar o princípio do sacerdócio universal, abriu uma brecha, um espaço para uma leitura mais igualitária, na qual não existe diferenciação de gênero perante Deus, entretanto esse princípio não se converteu numa mudança substancial na antropologia patriarcal, dado que as interpretações dos seus principais protagonistas na verdade a referendam.

Lutero desenvolve a teoria da igualdade original de Eva e Adão que termina em se transformar na revalidação do discurso da pecaminosidade feminina, aquela que fez por merecer o castigo da subjugação. Calvino, por sua vez, não discute a premissa da hierarquização de gênero, apenas o justifica desenvolvendo a ideia de que o homem domina não porque ele seja superior, mas por que Deus lhe ordena que o faça. A mulher obedece não por que seja inferior, mas por que este é o papel que Deus lhe atribuiu.

Estabelece-se então um conflito entre o princípio teológico do sacerdócio universal e o exercício hermenêutico tradicional dos reformadores que não conseguem desvencilharem-se da leitura oficial dos Pais da Igreja. O pensamento calvinista da estrutura social humana estabelecida por Deus é muito bem explicada e defendida na teologia contemporânea por Karl Barth, conforme apresentado por Ruether.

Para Barth, essa ordem estabelecida e criada do homem sobre a mulher reflete o pacto da criação. Como criador, Deus é soberano sobre sua criação. O pacto da natureza não foi anulado, mas restabelecido no pacto da graça, pelo qual Cristo, como cabeça, governa seu povo como servo obediente. Por conseguinte, o homem e a

mulher estão ordenados necessariamente numa relação entre aqueles que lideram e aquelas que seguem. Ambos deveriam aceitar seu próprio lugar nessa ordem, ele com humildade e ela com boa vontade. Com isso, o homem não é exaltado nem a mulher rebaixada; antes, os dois só ocupam seu próprio lugar no esquema de coisas decretado por Deus, aceitando essa ordem apropriada (RUETHER, 1993, p. 98).

No discurso da Denominação Batista, homem e mulher são colocados em pé de igualdade diante de Deus, no entanto a estrutura social estabelecida ao longo de séculos mantém muitas barreiras no exercício deste discurso. A situação feminina no século XIX e início do século XX era de extrema submissão, sendo as mulheres desprovidas de qualquer direito ou autonomia. A educação das mulheres estava restrita a conhecimentos úteis dentro do ambiente doméstico, nenhum crédito era conferido ao potencial feminino, até por que isso não fazia parte do processo cultural da época. Entretanto, mesmo submetidas, as mulheres encontram invariavelmente refúgio e visibilidade nas igrejas em contraste com o que ocorre na sociedade externa que as marginaliza.

Michelle Perrot (2005, p. 270) afirma que "os vínculos entre mulheres e religião são antigos, poderosos e ambivalentes, uma relação que mesclava sujeição e liberação, opressão e poder de maneira quase indissolúvel", dessa forma, é nesse ambiente, apesar de ainda encontrarem fortes barreiras, que as mulheres descobrem maneiras de ter voz e exercer influência e poder.

No seio da Igreja Católica as mulheres não tendo espaço dentro da hierarquia eclesiástica, é-lhes possível ocupar posições subalternas: pode ajudar ao padre a distribuir a comunhão, ser catequista, ser secretária da igreja, promover festividades, limpar e enfeitar as igrejas e, em alguns casos, chegam a dirigir grupos para-eclesiásticos

A presença da mulher na estrutura funcional das igrejas evangélicas é muito diversificada. Na igreja luterana, a mulher do pastor geralmente assume uma função de liderança na comunidade. Auxilia seu marido na pastoral. Hoje em dia, inclusive, há pastoras e diaconisas. Nas igrejas presbiterianas, fiéis a Calvino, a mulher não participa da administração suprema da igreja. Isto está reservado ao conselho de presbíteros, composto exclusivamente por homens. Quanto o espaço ocupado pelas mulheres no seio da denominação Batista muito ainda teremos que estudar e analisar.

Ao estudar as mulheres batistas da região sul baiana se pode identificar e refletir sobre as brechas de poder exploradas por elas na sociedade patriarcal e coronelista sul baiana, sabendo que estas mulheres foram influentes na expansão do evangelho nessas paragens. A ampliação do conhecimento sobre o tema está propondo uma nova ótica histórica da religião evangélica a partir da visão de gênero, colocando em foco de forma específica as Igrejas Batistas do Sul da Bahia, contribuindo também para uma leitura menos deficiente da participação da mulher na construção social desta região. Analiso a trajetória das mulheres batistas do Sul da Bahia, levando em consideração o contexto social, os espaços ocupados e suas potencialidades de influência direta e indireta.

Os caminhos trilhados para viabilizar a proposta desse estudo estão centrados em documentação hemerográfica inédita. Trata-se do periódico mensal *A Voz do Sul* que circulou na região por quase vinte anos. Editado por uma mulher, Edith Bittencourt, proporcionou voz para outras tantas mulheres e não deixou de publicar as ações femininas no mundo batista sul baiano. "As Bittencourt", (Edith, sua irmã Guiomar e sua tia Cecília), algumas vezes tratadas como a "trindade evangélica", são as protagonistas, porém algumas outras matérias sobre mulheres ou para as mulheres publicadas no jornal *A Voz do Sul* foram incorporadas.

2. Religião, mulher e poder

Conforme Michelle Perrot (2007), a relação das mulheres com a religião é paradoxal, uma vez que as religiões representam ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres. Exerce "poder sobre as mulheres", por ter na diferença entre os sexos um de seus fundamentos, como é comum entre as grandes religiões monoteístas. No entanto, a religião torna-se "poder das mulheres", quando estas conseguem transformar a posição de submissão que a religião lhes reserva, na base de um "contra-poder" e de uma "sociabilidade". Dessa maneira, a religião ainda que reforce a submissão das mulheres, apresenta-se como um abrigo às suas misérias (PERROT, 2007, p. 83).

Entende-se, portanto, que as mulheres encontram refúgio na religião; além de acalento às suas dores e fraquezas, elas podem buscar conhecimento e exercer práticas de liderança, mesmo que mínimas.

A questão de gênero toca as noções individuais de masculinidade e feminilidade, o que é ser masculino ou feminino, como educar e ser educado como menina ou como menino e chegar à idade adulta com uma identidade produzida pela cultura e pela sociedade, impregnada de atributos, privilégios e limitações, baseando-se no que é biológico. Os processos sociais e individuais de aquisição de identidade de gênero são importantes pontos de partida para se enfrentar a ideia corrente de que mulheres e homens são naturalmente talhados para certas tarefas e que a biologia é quem melhor define quem deve fazer o quê.

Para Joan Scott (1987), a análise das relações de gênero também implica a análise das relações de poder; e neste sentido, ressalta que essa relação permite a apreensão de duas dimensões, a saber: “o gênero como elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças perceptíveis entre os sexos e o gênero como forma básica de representar relações de poder em que as representações dominantes são apresentadas como naturais e inquestionáveis” (SCOTT, 1990, p. 106).

Os papéis de gênero são aprendidos e diferem-se de uma sociedade para outra, de um lugar para outro, e variam de acordo com a época. Fatores passageiros como a moda, e tão complexos como as relações desiguais de poder, determinam as particularidades dos atributos de gênero numa dada cultura.

Desta forma, a religião cristã tem a sua forma particular de compreender e estabelecer as relações de gênero. Através do discurso patriarcal, o cristianismo manteve por muitas décadas a dominação masculina e a submissão total da mulher,

como é descrito de forma clara e objetiva por Bianca Seixas em sua dissertação de mestrado, quando coloca que, na História do Cristianismo, a submissão da mulher é tanto reflexo de sua natureza inferior, quanto punição por sua responsabilidade pelo pecado. Esse padrão da Antropologia patriarcal pode ser ilustrado em toda a linha da teologia cristã clássica, desde os tempos antigos até os modernos (ALMEIDA, 2006).

Mais especificamente no âmbito Batista, observa-se muitas características da herança do cristianismo ortodoxo. Em sua tese de doutorado, Elizete da Silva, relata uma espécie de práxis do cotidiano dessas mulheres, no que diz respeito à mobilidade política eclesial nas congregações Batistas até a década de 30. Segundo ela, as mulheres podiam ser eficientes e capacitadas missionárias; no entanto, lhes são vetada a ordenação, a ministração da ceia e o batismo, considerados, pelos batistas, como ordenanças do Novo Testamento. Podiam até pregar e ensinar a Bíblia, mas não do púlpito: a tribuna sagrada era privativa do sexo masculino (SILVA, 1998).

Entretanto, esses limites não foram assim tão rígidos, é o que têm demonstrado as pesquisas, mais verticalizadas, realizadas na documentação batista sul baiana e apresentada na exposição *A presença Batista no Sul da Bahia (1898-1940)*³ e, mais recentemente, na obra *Os Batistas em Ilhéus*⁴.

³ MACEDO, Janete Ruiz de. A presença Batista no Sul da Bahia (1898-1940). Exposição na 92ª Assembleia da Convenção Batista Baiana. Itabuna, 2014.

⁴ MACEDO, Janete Ruiz de. Os Batistas em Ilhéus. Ibicaraí: Via Litterarum, 2018.

3 As mulheres batistas do sul da Bahia

As narrativas sobre as mulheres bíblicas estão carregadas de referenciais que evidenciam a presença do discurso religioso nas formas de constituição das mulheres enquanto detentoras de um tipo de identidade na qual desempenham o papel pedagógico de mãe e professora, entretanto as posições das mulheres no processo histórico não foram sempre passivas, como faz parecer uma história em que as vozes das mulheres pouco aparecem. As formas de resistência são inúmeras e às vezes ocultam-se sob uma aparente passividade.

Foucault comenta em seus textos os significados de poder e saber. Esse poder que circula entre as esferas do saber foi utilizado pelas mulheres ao longo da história e quebrado por essas mulheres em busca de significados, impulsionadas muitas vezes por uma fé inabalável. Viram e nomearam a realidade de formas diferentes. Lidaram com diversos campos de poder. Aproveitaram brechas, ocuparam lacunas. Inventaram jeitos de ser, mesmo estando inseridas na clandestinidade de uma cultura patriarcal.

3.1 Cecília Bittencourt

Uma jovem nascida no seio de uma família abastada de Vargem Grande⁵ foi alcançada pela pregação do Pastor Salomão Ginsburg, e em 1910 quando seu irmão, o Coronel José Felix Bittencourt, decide se mudar para Ilhéus com sua família, resolve acompanhá-lo apesar de seus pais e outros familiares

⁵ Vargem Grande, arraial localizado a nordeste de Santo Antonio de Jesus, assume a categoria de município em 1989 com a denominação Varzedo.

permanecerem em Vargem Grande. Através dessa jovem, Cecília Bittencourt, a pregação Batista chega a Ilhéus, mais precisamente no arraial do Pontal.

A situação do trabalho batista na região sul baiana é retratada dessa forma por Ginsburg ao apresentar o novo plano de organização do trabalho batista e em 1909 demonstra a precariedade e a ausência da presença batista no Sul do Estado: "Canavieiras no litoral com três Igrejas sem diretor por falta de obreiros e sustento"(MESQUITA,1962, p.162)⁶. Cecília Bittencourt que evangelizava sua família e buscava incessante espalhar a Palavra no Pontal de Ilhéus; se congregou com um grupo de presbiterianos até encontrar um casal batista, e junto com eles iniciar um trabalho genuinamente batista.

Seus sobrinhos Deolindo, Edith, Guiomar e Alice foram através de sua influência enviados para realizar seus estudos no Colégio Batista do Sul no Rio de Janeiro, enquanto ela continuava a pregar e ensinar no Pontal de Ilhéus. Por ser irmã de um Coronel, a sua tarefa pode ter sido facilitada, vista talvez, como uma excentricidade de moça rica. Ciente o seu espaço social, Cecília busca ocupar essa brecha e torna constantes os convites para encontros no casarão dos Bittencourt, transformando-os em oportunidades de evangelização. Investia também recursos financeiros⁷ na obra, mantendo uma ativa Escola Bíblica, e incentivava seu irmão a fazer o mesmo. O Coronel

⁶ Nesse mesmo documento se registra: a capital com seis igrejas, Santo Antonio de Jesus com sete igrejas e grande número de pontos de pregação, Santa Inês com quatro igrejas e trinta pontos de pregação, Alagoinhas com três igrejas e para todos esses distritos foi indicado um diretor, ou articulador.

⁷ Em 1913 *O Jornal Batista* registra que Cecília Bittencourt adquiriu as literaturas destinadas para Escola Bíblica. OJB, nº 40,03/out/1913.

José Felix Bittencourt, que apesar de não ter sido membro de uma Igreja Batista, em inúmeras ocasiões disponibilizou recursos para o sustento de projetos batistas. Cinco anos depois da chegada de Cecília, a Ilhéus, uma nota publicada em *O Jornal Batista*, onde se registra a visita do seminarista Isaiás de Carvalho, diz: "D. Cecília Bittencourt crente de contrapeso e medida que não poupa esforços pela causa do Mestre, havia convidado bom número de pessoas e famílias de importância a ouvirem o som do Evangelho"⁸.

Incessante no seu trabalho de evangelizadora, Cecília Bittencourt não esmorece perante o assédio dos adventistas no Pontal e do avivamento dos brios católicos com a instalação do bispado em Ilhéus. A oficialização do seu trabalho aparece assim registrada no *OJB*, em nota assinada pelo pastor João Isidro de Miranda: "Pontal, neste lugar... preguei diversas vezes a bom auditório. Organizamos um trabalho [...]"⁹. Nos dois anos seguintes, a agora *Congregação do Pontal de Ilhéus* esteve quase que exclusivamente sob os cuidados de Cecília Bittencourt. Durante esse período, apenas dois eventos de apoio ao seu trabalho: a visita do pastor João Isidro de Miranda em setembro de 1915, quando realiza batismos e passagem do seminarista Isaiás Correa de Carvalho no final do ano que prega em algumas noites enquanto aguarda o navio que o levaria a Canavieiras. No ano seguinte o quadro quase se repete, mas no restante do ano é Cecília quem continua a evangelizar e conduzir os trabalhos na Congregação, discipulando e ensinando.

⁸ *OJB*, nº 12,25/mar/1915.

⁹ *OJB*, nº 26,8/jul/1915.

Seu incessante trabalho possibilitou que em 18 de fevereiro de 1917 fosse organizada a *Igreja Evangélica Batista do Pontal de Ilhéus*¹⁰ e um pastor fosse convidado para dirigir a novel igreja.

No início dos anos vinte do século passado os Batistas, em especial os pernambucanos e baianos, sofreram grandemente com o Movimento Radical¹¹. A Bahia Batista terminou dividida em vários agrupamentos que passaram a atuar de forma independente e competitiva. No Sul da Bahia, onde até então a presença batista se configurava rarefeita dentro de tão vasto território, suas igrejas se organizaram como *Convenção Distrital das Igrejas do Sul do Estado da Bahia* e fundaram um periódico para ser porta voz do movimento. Três mulheres se destacaram nessa empreitada: Cecília, Edith e Guiomar Bittencourt, se destacaram nessa empreitada. Essas três mulheres que por seu ativismo conjunto nas lides da evangelização Batista na região, nas duas primeiras décadas dos anos vinte no século passado foram denominadas de "trindade evangélica".

Na composição da primeira diretoria da *Convenção Distrital das Igrejas do Sul do Estado da Bahia*, os cargos de secretária e tesoureira foram ocupados por Edith e Cecília respectivamente. Juntamente com Guiomar Bittencourt, foram, invariavelmente, indicadas para representar a Igreja Batista do Pontal de Ilhéus nas Assembleias da *Convenção Batista Sul Baiana*¹² - CBSB e conseqüentemente tinham direito a voz e voto nas decisões

¹⁰ Igreja-mãe da atual Primeira Igreja Batista de Ilhéus.

¹¹ A historiadora Marli Geralda Teixeira caracteriza muito bem, na sua dissertação de Mestrado, o movimento gerado pelo confronto de posições e ideais entre os pastores nacionais e os missionários americanos, vide capítulo 5, p. 262.

¹² Antiga Convenção Distrital das Igrejas do Sul do Estado da Bahia.

deliberativas que pautavam os destinos do trabalho batista na região¹³. Outras tantas mulheres batistas membros das igrejas associadas à CBSB também participaram dessa instância de poder. É interessante ressaltar que nos primeiros anos de vida da *Convenção Batista Sul Baiana* as mulheres indicadas para representarem suas igrejas eram jovens solteiras¹⁴, mas mais tarde essa configuração se altera para uma predominância de mulheres casadas.

3.2 Edith Bittencourt

Sobrinha de Cecília Bittencourt, jovem solteira e recém-saída do colégio¹⁵ Edith protagonizará e possibilitará a marcante presença feminina na região Sul da Bahia. Convocada pelo Pastor José Lúcio Pereira para juntos fundarem um jornal que teria como objetivo principal, agregar as igrejas sul baianas no esforço de evangelizar a região, dando suporte à *Convenção Batista Sul Baiana*.

Edith: tenho a ideia de fundarmos um jornalzinho de publicação mensal para servir de portavoz das Igrejas que dirijo. Para isso, já vê, necessito imprescindivelmente da sua valiosa e comprovada cooperação

¹³ Em 1922 Cecília Bittencourt esteve presente na Convenção Batista Brasileira, que se realizou sob os auspícios da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, representando a sua Igreja.

¹⁴ Na 3ª Assembleia da Convenção Batista Sul Baiana das dez mulheres indicadas para representarem suas Igrejas, sete são jovens solteiras.

¹⁵ Edith Bittencourt cursou a Escola Normal em Salvador entre 1915 e 1918 e nos anos de 1919 a 1922 frequentou o Colégio Batista do Rio de Janeiro.

intelectual. Desde já poderá ir pensando o nome que deverá ter o jornal. É com prazer que coloco esta tarefa da escolha do nome nas suas mãos e bem assim de D. Guiomar e D. Cecília.¹⁶

Edith abraçou com entusiasmo o projeto. Através das páginas do jornal *"A Voz do Sul"* Edith Bittencourt, na qualidade de redatora, abriu espaço e deu voz a inúmeras mulheres provenientes de várias regiões brasileiras. Nos quase quatro anos que exerceu essa tarefa, vinte e oito mulheres publicaram seus artigos de forma pontual¹⁷ ou sistemática, a exemplo da professora Antonieta Guimarães Lima¹⁸. Edith como redatora, era responsável pela escrita de quase todos os editoriais e ainda, anonimamente, sob os pseudônimos Thabita Iradina e H. Tide produzia outras matérias.

Temas cruciais para mulheres no início do século passado foram abordados de forma clara, a exemplo do voto feminino¹⁹, que foi defendido, contestando o jornal *O Correio de Ilhéus* que publicou sob a manchete "Santo Deus! As Mulheres querem votar..." sua estranheza à "descabida pretensão do exercício do voto pelas mulheres". Constantemente também se publicava

¹⁶ Fragmento da carta de autoria do Pr. Lúcio convidando Edith Bittencourt para fundar um jornal, vinda a público no editorial de Edith quando se despedia do Campo Sul Baiano para fixar residência em Salvador. A VOZ do SUL, abril de 1926.

¹⁷ Dentre suas colaboradoras pode-se arrolar: Julieta Guimarães Maia, Lydia Dulcere, Else Nascimento Machado, Anysia Dulcer, Maria Amália Moreira, Amélia Coutinho Neves entre outras. E é claro a colaboração de sua tia Cecília Bittencourt e suas irmãs Guiomar e Alice Bittencourt.

¹⁸ Antonieta Guimarães Lima foi privilegiada com 20 publicações entre artigos e poesias.

¹⁹ Fez publicar no jornal o acompanhamento do projeto lei que concedia o direito de voto as mulheres. A VOZ do SUL, "Mulher no Brasil" jun/1925, p.3.

notícias de âmbito nacional e internacional²⁰ quanto à nomeação de mulheres em cargos prioritariamente ocupados por homens e concitava as mulheres a assumirem um novo perfil,

[...] a preocupação de beleza e o sonho de casamento não devem mais constituir o ideal único ou a preocupação absorvente da mulher desse século. A época é de transição. Essas modas vindas após a Grande Guerra: *as melindrosas, o bata-clan*, etc. são nuvens de futilidades passageiras.²¹

Questionavam os casamentos arranjados por interesses financeiros e familiares, tão comuns na região cacaueteira, conforme estudo apresentado por André Luiz Rosa Ribeiro em sua obra *Família, poder e mito: o município de São Jorge dos Ilhéus (1880-1912)*.

Si ella se casa por mero interesse de fortuna, commette um grave peccado contra a Religião, mentindo a Deus quando jura amor eterno ao companheiro, seu esposo, que ella não ama. Pécca perante a Família, porque não terá poder para constituir um lar feliz e educar os filhos no amor e no temor a Deus. Pécca ainda, contra a Sociedade, porque, pela sua leviandade della, pelo seu condenável egoísmo, ella, irá lançar no meio da Sociedade dois infelizes quando não sejam dois criminosos.²²

²⁰ "Mulher triunfando", "Outra vitória", "Triumpho para o feminismo", "Mulher se impond", "Os triumphos da mulher", são alguns exemplos de matérias publicadas pelo o jornal *A Voz do Sul* entre 1923 à 1927.

²¹ A VOZ DO SUL, 15/06/1924. Fragmento do artigo publicado na Secção das Senhoras com o título "As moças e seu futuro" p. 2.

²² A VOZ DO SUL, 15/10/1926. Fragmento do artigo publicado na Secção das

Defendiam o direito e a necessidade de educação para as mulheres, "todo chefe de família honesto e sensato deve procurar educar suas filhas dotando-as de uma profissão útil capaz de assegurar-lhes a subsistência"²³. O discurso cristão ia além do entendimento já consagrado no início do século XX que defendia a educação feminina, visto serem as mulheres as grandes responsáveis pela formação dos cidadãos. Nele, as mães se encarregavam de educar os filhos da nação e os filhos de Deus. Para além desse posicionamento, as redatoras do jornal *A Voz do Sul* incentivavam as educadoras a direcionar as jovens para novas diretrizes, evitando que desde a puberdade fossem tomadas por comportamentos que apenas valorizassem o seu corpo e cultivassem a vaidade; defendiam que as jovens não permitissem serem tratadas como objetos de troca ou troféus nas vitrines familiares.

É necessário uma reação da parte das professoras contra essa prática moralmente nociva, já que muitas mães, criminosamente ou inconscientes, não sabem o que perdem as filhas com o colorido do artifício e com vestes impróprias para idade e da candura de sentimentos. É dever da educadora guiar as alunas, não só nos estudos, mas nas acções: entrar-lhes o cérebro e penetrar-lhes a alma; dar-lhes conhecimentos e virtudes; afirmar a verdade e enaltecer o bem [...] É preciso concitar

Senhoras com o título "A mulher e o casamento" p. 2.

²³ A VOZ DO SUL, 15/06/1924. Fragmento do artigo publicado na Secção das Senhoras com o título "As moças e seu futuro" p. 2.

as meninas a que se prezem bastante, para não procurarem por adamanes impróprios e adornos contrafeitos, a sedução physica [...]”²⁴

Repudiavam de certa forma a pedagogia da beleza e sua utilização para afirmação pessoal, disseminando outras imagens femininas: "a moça educada no apreço ao trabalho e a elle affeita, capaz de manter-se com independência, exercendo um profissão, nunca será uma escrava ou um fardo social"²⁵. Outros artigos, entretanto, ainda não se descolavam dos discursos quanto ao papel historicamente destinado à mulher como esposa e mãe²⁶ e acrescentavam a estes, aqueles que se esperava da mulher cristã, como está posto nos artigos "Mulher cristã, seus deveres e seus dons", "O ideal da mulher cristã", "O concurso da mulher cristã na evangelização", "A mulher e o Evangelho". Esses artigos apontavam caminhos, responsabilizavam as mulheres, mas também buscavam o reconhecimento desse espaço que estava sendo ocupado por elas. Retomamos aqui a ideia foucaultiana de que toda relação é uma relação de poder, um jogo de forças, que, portanto, supõe uma tensão, nem sempre negativa, mas que precisa ser invocada para desnaturalizar as diferenças.

A jovem redatora-gerente entrou também em confronto com a imprensa católica representada na região pelo jornal

²⁴ A VOZ DO SUL, 15/12/1924. Fragmento do artigo publicado na Secção das Senhoras com o título "Excessos Condenáveis" p. 2.

²⁵ A VOZ DO SUL, 15/06/1924. Fragmento do artigo publicado na Secção das Senhoras com o título "As moças e seu futuro" p. 2.

²⁶ Essa posição está explicitamente colocada em artigos da Secção das Senhoras intitulados "As Mães", "Heroísmo da Virtude", "Amor Materno", "Mulher Ideal", "Missão da Mulher na Família", entre outros.

O Monitor, editado pelo bispado de Ilhéus. Rebatendo alguns posicionamentos, como no caso do artigo "Bibleiro errante", onde o periódico católico fazia ácidas críticas ao trabalho de colportor-evangelista realizado por José Antonio dos Santos, acusando-o de "vender literatura defasada, bolorenta e falsa". Adentrava-se na longa polêmica das bíblias falsas que rendeu vários artigos e alguns editoriais. Outros assuntos foram objetos de discussão, como o comportamento dúbio do clero católico ilheense quanto à Maçonaria, reprovada com veemência e sanções nas páginas do jornal católico, mas sem fazer nenhum reparo à nomeação do grão-mestre da Loja Regeneração ao cargo de patrono da festa de Nossa Senhora da Vitória. Também quanto aos jogos de azar, reprovado em ampla campanha de O Monitor, enquanto o mesmo veículo de comunicação promovia a venda de bilhetes de rifa, conhecido na época como "Tombola"²⁷.

3.3 Guiomar Bittencourt

A terceira Bittencourt, Guiomar, sobrinha de Cecília e irmã de Edith, cujo retorno à região sul baiana foi festejado nas páginas do *A Voz do Sul*, ultrapassou sua tia e irmã no que diz respeito ao grau de instrução conquistado. Concluiu o curso de bacharel em Ciências e Letras pelo Colégio Americano do Rio de Janeiro e o seu perfil se inclinava para ciências exatas e contábeis. Ocupou seguidamente o cargo de tesoureira da *Igreja Evangélica Batista do Pontal de Ilhéus*, na *Convenção Batista Sul Baiana* e no jornal *A Voz do Sul*. Seus relatórios apresentados nas assembleias eram sempre motivos de aplausos pela precisão, justeza e probidade.

²⁷ Outros debates podem ser acompanhados através das páginas do jornal a VOZ DO SUL, jul/1924, ago, set. e out/1924.

À semelhança de sua tia, nunca casou, escreveu alguns artigos, mas sua paixão era ensinar crianças. Criativa, estava sempre aplicando novas estratégias para incentivar seus alunos no estudo da Palavra e as crianças eram o seu alvo nas viagens evangelísticas empreendidas pela "trindade evangélica". Três mulheres jovens, inteligentes, abastadas, que dedicaram suas vidas à propagação do Evangelho, nunca deixaram de atuar, e, por vezes, assumiram a liderança da Sociedade Missionária Mista da sua igreja do Pontal. Arrostando perigos e desconfortos em lugares considerados na época extremamente insalubres e à frente de auditórios pouco amistosos.

3.4 Antonieta Guimarães Lima

Encontrei Antonieta nas páginas do jornal *A Voz do Sul*, jovem senhora casada com uma filha pequenina, sendo nomeada como professora do Educandário Batista em Macuco²⁸, anexo ao templo da igreja local. Comprometida com o Evangelho, se tornará uma das principais colaboradoras de Edith Bittencourt no seu empreendimento jornalístico. Seus artigos aparecem quase sempre publicados na Seção das Senhoras e estreia como escritora na edição nº 06, datada de 15 de setembro de 1923, com título "Do lar a escola", que defendia a cooperação dos pais e professores para bem educar as crianças.

No mês seguinte, na primeira página de *A Voz do Sul*, sua foto foi estampada e sob o título "Mais uma heroína" se publicava

²⁸ Trata-se do município de Buerarema, na época o arraial de Macuco pertencia ao município de Itabuna.

seu depoimento quanto à forma e à situação da educação que se praticava no Brasil nesses primeiros anos de regime republicano. Nesse mesmo número do jornal se publica dois artigos de sua autoria: "O perdão" e "Ignorância" e o ano se encerra para Antonieta com louvações ao discurso proferido por ela durante a Festa Escolar de encerramento das atividades do Educandário Batista de Macuco.

Ocorre uma tragédia que fará Antonieta se afastar da região, mas não das páginas de *A Voz do Sul*. Seu esposo, o capitão Américo Guanaes de Lima, foi barbaramente assassinado, vítima da violência e impunidade reinante nas terras dos coronéis do cacau. Buscando reorganizar sua vida, parte para São Paulo, vai para o Rio de Janeiro e finalmente se fixa em Minas Gerais, mas seus artigos não deixaram de chegar à redação do jornal e, em parte, retratavam as angústias de uma jovem mulher, viúva, com uma filha pequena, em uma sociedade onde as oportunidades de trabalho para mulheres eram extremamente escassas. São de sua autoria os artigos: "Deus, pátria e família" (jun/1924), "Vencendo o tentador" (dez/1924), "Interpretando um quadro" (jan/1925), "Rumando a um novo lar" (fev/1925), "O orfan enfermo" (jul/1925), "Saudades" (jan/1926), "No domínio do lar" (mai/1926), "Violetas" (dez/1926), "Reminiscências" (jul/1927) e "No oceano da vida" (out/1927).

3.5 Mais algumas...

Esse estudo, porém, não poderia se encerrar sem colocar em pauta algumas outras mulheres batistas sul baianas, professoras que acudindo ao lema "uma igreja uma escola", dedicaram

suas vidas ao ensino, proporcionando a tantas crianças do Sul da Bahia a luz do conhecimento. Quase todas deixaram seus lares, o aconchego dos seus pais, para ministrar nas escolas que foram sendo organizadas junto aos templos batistas da região, a exemplo de Julieta Motta (Macuco) e Adalgisa Araújo, (Córrego Vermelho). Outras, como Edeltrudes Casaes, Eleonore Assis e Olga Casaes, tomaram para si a tarefa de tornar o *A Voz do Sul* conhecido e reconhecido, porque entenderam a missão para qual se destinava, e a visão ligada à valorização do elemento feminino. Há ainda aquelas que se tornaram a voz de suas Igrejas como secretárias correspondentes, a exemplo de Adélia Carvalho (Igreja Batista do Salsa), Luzia Pereira (Igreja Batista de Córrego Vermelho), Hermelina Pereira Ramos (Igreja Batista de Genebra).

4. Considerações finais

É bem verdade que as religiões cristãs sempre demonstraram muita resistência em dar visibilidade à atuação feminina nas atividades das igrejas. Pautadas no argumento “natural” de submissão feminina, afastaram as mulheres por muito tempo das mais importantes esferas religiosas do poder. Entretanto considero que o poder das mulheres dentro das igrejas é algo real e concreto, os ministérios femininos e as atividades congregacionais ao mesmo tempo em que servem para segregar as mulheres, também desencadeiam formas alternativas de poder institucional, além de apoio emocional e materiais mútuos encontrados no espaço às vezes denominando de “comunidades de sexos”.

As mulheres batistas sul baianas, representadas pelas Bitencourt e suas companheiras, viram e buscaram ressignificar a realidade em que a cultura patriarcal não permitia sequer o acesso do sexo feminino a um clube literário. Lidando com diversos campos de poder, aproveitaram brechas, tendo em vista a extensão e a urgência da obra (Jo, 4:35), ocupou lacunas, (Is.6:8). Removeram o véu da invisibilidade que a religião constantemente buscava lhe impor, e, no interior desta, exerceram microrresistências e por vezes subverteram a premissa religiosa da hierarquização de gênero, inventando novos jeitos de existir.

Referências:

- ALMEIDA, Bianca Daéb's Seixas. **Uma história das mulheres batistas soteropolitanas**. Dissertação de mestrado. Salvador – UFBA, 2006.
- EBNER, Martin. Dos primórdios até a metade do século II. In: KAUFMANN T., KOTTJE R., MOELLER B. e WOLF H. (orgs). **História Ecumênica da Igreja**. São Paulo: Loyola; São Leopoldo, RS: Sinodal, 2012.
- FEBVRE, L. **Combates pela história**. Lisboa: Presença, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio: Edições Loyola, 1999.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**. Barueri, São Paulo: Manole, 2005.

MACEDO, Janete Ruiz de. **A presença Batista no Sul da Bahia (1898-1940)**. Exposição na 92ª Convenção Batista Baiana. Itabuna, 2014.

MESQUITA, Antonio Neves. **História dos Batistas do Brasil de 1907 até 1935**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

PERROT, Michele. **Os Excluídos da História Operários Mulheres Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

PERROT, Michele. **Mulheres ou os silêncios da História**. São Paulo: EDUSC, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In. **Revista Educação e Realidade**, n. 2, vol. 15, Porto Alegre, 1990.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia**. São Paulo: USP, 1998.

REUTHER, Rosemary, R. **Sexismo e Religião**. (Tradução de Walter Waltmam e Luiz Marcos Sander) São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.

TEIXEIRA, Marli G. **Os Batistas na Bahia. 1882-1925**. Salvador: UFBA, 1975.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

Expressões da literatura grapiuna em pluralidades

Maria de Lourdes Netto Simões*

Em tempos de novos apelos, não mais cabe nomear a literatura simplesmente por sua temática. Quando a pluralidade (1) se impõe pelas tantas possibilidades expressivas e dinâmicas que se apresentam, a literatura também ganha: os gêneros se enriquecem, as linguagens se misturam, os temas se diversificam. O deslimite entre erudito e popular, a intensificação da metalinguagem, o revigoramento das identidades, a metaficção historiográfica são algumas das novas tendências, sem apego a escolas ou a cânone. Nada é constante; vivemos “tempos líquidos”, como diz Bauman (2).

Por isso mesmo, podemos dizer que a literatura, hoje, além de *representação*, se faz também em *apresentação*. Se ela é representação da vida, pelo simbólico do tempo acontecido;

* Natural de Salvador. Pesquisadora e ensaísta, é doutora/ pós-doutorado em Literatura Comparada e Turismo Cultural (UNL, Portugal). É Comendadora da Ordem do Ensino Público (Portugal). Foi Conselheira Estadual de Cultura da Bahia. Professora Titular no DLA da UESC (aposentada), onde foi pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação. Exerceu funções de direção e coordenação de organismos relacionados à cultura. Tem produção científica com livros, artigos e documentários na sua área de atuação. Atualmente é consultora para assuntos literários e culturais. Na Academia de Letras de Itabuna- ALITA, ocupa a cadeira número 31, tendo como patrono Ildásio Tavares.

ela também se apresenta à vida, quando o seu processo criador ocorre em tempo real (acontecendo), através da internet e das várias ferramentas tecnológicas (3). Tempo de produção e recepção. Textos publicados em suporte de livro impresso; textos disponibilizados em *blogs, facebook, instagram, etc...* Textos em linguagens que se complementam, como a fotográfica, a pictórica... Formas de produção e fruição da obra literária.

A literatura sul baiana não foge à regra; o foco do cacau, já distante, ganha outras abrangências e a literatura da região acrescenta-se, além disso, de outras temáticas, outros recursos de literariedade e, inclusive outros suportes, que a tecnologia oportuniza. São abordagens de novas inventivas narrativas; são linguagens que se entrelaçam em comunicação plural; são questões éticas, étnicas e sociais (4,5). No contexto dessa rica e pujante literatura, aqui refiro três exemplos pontuais: Margarida Fahel (6), Jane Hilda Badaró (7) e Ruy Póvoas (8).

1 - A casa da esperança não era verde - um livro de amor, esperança e perdão.

Margarida Fahel oferece ao leitor, nesse seu terceiro livro, um tema necessário e inquietante. Num discurso provocador, pelo sutil trato de um ponto de vista múltiplo, é tecido um suspense de amor, no estilo neo-romântico, que marca a sua produção ficcional, inclusive na sua preocupação com a condição humana, no sentido mesmo que lhe empresta Hannah Arendt, sobre o direito do cidadão à igualdade em dignidade(9).

A narrativa foca a vida de Olavo, uma criança deixada aos cuidados de um abrigo de orfandade. O livro apresenta instigante

prólogo, onde a autora revela o seu processo criador motivado por sonho/ sonhos e por sensações que passou a ter, sempre que via uma criança. Depois, refere as coincidências e sincronidades, como ela própria admite, ao tomar conhecimento de histórias reais de crianças abandonadas ou colocadas em orfanatos... E esse bem achado prólogo se “casa” com o epílogo - entrelaçando o real e o ficcional - quando personagens transformam esperança em “realidade”, através do Orfanato Casa da Esperança.

A narrativa ficcional se resolve em fluxos das lembranças dos vários personagens que vão surgindo. Impulsionam a história sentimentos expressados pelos personagens: Amor (Ir Alzira, Olavo, Julieta, Isabel, Joana, Laura, Camila, Alfredo, Jacinta...) e ódio (Dr Nogueira).

Numa estrutura de círculos concêntricos, que se vão alargando a cada voz, pequenos núcleos acrescentam a narrativa, todos convergindo ao mesmo núcleo dramático central. Sem obediência a um tempo cronológico, a história vai-se compondo como uma colcha de retalhos. A verossimilhança é construída através do crescente suspense, legitimado pelo foco narrativo múltiplo; um intrincado foco que, muitas vezes, leva o leitor a se perguntar: afinal quem está falando?

O ousado processo de repetição de muitos fatos - porque contado por visões diversas - vai, passo a passo, também compondo a história. E digo processo ousado porque, com a estratégia das repetições, a autora corre o risco de cansar o leitor menos atento... É que, a cada fala (personagens diferentes, épocas diferentes, ambiências diferentes, focos narrativos diferentes), é acrescentado mais um fio, somado mais um detalhe,

revelado mais um segredo... tudo convergindo para o núcleo central, a história de Olavo. Depois, nas interrupções, o contar e recontar, instalam mistério e provocam o suspense... Além do recontar, semanticamente as repetições são intensificadas pelo discurso romântico na descrição dos personagens... Assim, nos vários capítulos, interrupções da cronologia da mesma história, em outros pequenos núcleos, vão “costurando” os segredos a serem desvendados e alimentando a curiosidade do leitor, fazendo crescer o suspense...

Dessa forma, como a vida, a narrativa vai acontecendo... e a sua estrutura pode ser percebida, até mesmo por reflexões colocadas na boca de personagens, como Joana: “A vida vai desfiando seus fios numa roda que ninguém vê e fusos que somente ela maneja” (p.210). Há um narrador onisciente, pois a história é narrada com ponto de vista em terceira pessoa, mas os segredos que tecem o suspense são revelados pelos personagens em fluxos de consciência ou diálogos diretos e indiretos. Mas pelas pistas do texto, o leitor vai se perguntando: quem conta a narrativa? Não é um personagem privilegiado? “É a voz de Julieta que vem à minha lembrança neste pedaço de sua história [...] está em mim, como das muitas vezes que a ouvi, na varanda daquela casa [...] datada de 1913.” (p.121). Lembrança de quem? Por vezes, o narrador conclama a atenção do leitor, lembrando Machado de Assis, em **Memória Póstumas de Brás Cubas**. E fica a dúvida no leitor: quem? É que, vez por outra, o relato deixa escapar uma primeira pessoa, dona do discurso, como na p. 79: “Só nós, eu que lhes conto a história e você, leitor atento, sabemos que era ele”.

O capítulo 26, “a ceia das verdades”, parece amarrar as pontas da história; preenche lacunas... Esse capítulo, além disso,

se realiza em metaficção, quando desvenda estratégias do discurso, fazendo a ficção falar do processo ficcional: “E Isabel toma então a palavra, ela, vizinha e amiga. A pintora que, até ali ninguém daquilo sabia, pintava também com as palavras. É esta que até aqui lhes falou incógnita. Mas assim fingirei estar: como se fosse outro o contador.” (p.243). Será? E o repetir, repetir, intriga o leitor. Ele pensa: já conheço esse relato, mas de outro ângulo. E sente-se parte envolvida, aquele que conhece outras perspectivas e as complementa também.

Afinal, a voz que encerra o livro surpreende, quando é uma voz incorpórea... Voz ou energia, pergunta-se o leitor? É mesmo o que sugere o título do capítulo: “De onde virá a minha voz?” “Decidi eu mesma contar este último capítulo” (p.257) Quem? Margarida Fahel, a autora conhecedora de Jung, a que recebeu os sonhos?, pergunta-se o leitor, curioso. E, outra vez, a estratégia machadiana. Mas essa voz, em primeira pessoa que se anuncia personagem, Julieta, será também a da autora tomada pela energia através do sonho???? A dúvida metafísica instala-se: “Estarei contando de onde me encontro agora?” (p. 257) . E a voz narradora (em outro plano?) levanta questionamentos metaficcionais: “revendo Isabel, minha vizinha de tantos anos, me ocorreu a interrogação: será que é ela que escreve a história?” . A voz-narradora retoma os personagens que contaram as suas versões da história e, suscitando mais uma vez o mistério, refere “uma brisa por ali chegada [...] tão leve, tão carinhosa, entra sorradeira, ninguém sabe de onde chegada...” (p.260)... Nesse último capítulo, as dúvidas sobre o narrador parecem se esclarecer quando, por mistérios metafísicos, a voz se declara: “Tudo isso vi e escrevo. Uma fresta de futuro [...]

ou estou ali, em algum tempo invisível [...] por alguma abertura de tempo e espaço?” (p.260). É a fala de Julieta, a mãe que já morreu!! Morreu?? A sua voz estará na autora, através dos sonhos?? Estará em outro plano? Instala-se, agora, uma inquirição metafísica, que faz lembrar Pessoa: “Há metafísica bastante em não pensar em nada/ O que penso eu do mundo?”.

O epílogo retoma o prólogo. Se o prólogo constata, o epílogo mostra ações possíveis de esperança para a casa (ou as casas) que não é verde; mas o título do livro, sutilmente, diz querer a metáfora. E o vento sopra suave... em energia circulante...

O livro finda, mas fica a inquietação filosófica do pensar o mistério do mundo e da vida. Quem somos? Para onde vamos?

Na sutileza do discurso, ocupando-se do ser, Margarida Fahel busca também explicação para o SER, busca explicação para a vida e seus mistérios...

2- Um olhar sobre Imagens e sentimentos – poemas (des) engavetados e pinturas

Surpreendente o livro de Jane Hilda Mendonça Badaró, uma artista singular, nascida no Rio de Janeiro, mas com raízes fincadas em Ilhéus, no sul da Bahia, onde vive; tem, portanto, a sua identidade calcada na terra grapiúna.

Imagens e sentimentos – poemas (des)engavetados e pinturas, primorosamente publicado pela editora Mondrongo, conquista o leitor por sua beleza plástica e o arrebatava com uma poesia que fala de vida. Então, essas linguagens – a poemática e a pictórica – dialogam em simplicidade lírica, através de traços espontâneos e expressões existenciais e intimistas. A Nota da Autora,

que abre o livro, refere a gênese do seu trabalho artístico, inicialmente literário, depois pictórico. Afinal, com emoção, Jane Hilda diz da motivação para a publicação do trabalho, incentivada que foi pelo poeta Abel Pereira. Assim, de forma original, para epígrafe do livro, toma o poema desse autor à sua obra poética. Como afirma, a arte que faz “é pura expressão, sentimento, reflexo de viagens interiores” (p. 9). Sobre o seu trabalho pictórico, declara-se autodidata.

Em linguagens que harmoniosamente se complementam, esse livro, de JHB, é uma produção que se realiza em *leveza, visibilidade, multiplicidade, rapidez*, bem como preconizado por Ítalo Calvino (10), nas suas propostas para a linguagem deste milênio. A visão da artista – sempre em busca do original, do puro – remete ao conceito filosófico de Rousseau (sec XVIII), de *homem natural*. É um trabalho *naïf*, de cores vivas e alegres, como podemos apreciar ao longo do livro, que alterna suas páginas entre pinturas e poemas. Poesia!

“Destino” é o título das primeiras expressões – linguagens dialogantes – abertura do *corpus*. Poema e pintura são síntese do olhar poético, temática do livro: destino. O poema sugere os possíveis vários focos sobre a existência, quando as palavras suscitam questionamentos sobre os rumos do humano, “na esteira do tempo” (p.14); a pintura (p.15) dá visibilidade ao seu caminho para as estrelas, para o infinito de luz...

A seguir, o trabalho vai se apresentando, alternadamente, em pinturas e poemas que compõem núcleos semânticos, sempre *linkados* com o sentido do destino: a) seja pela reflexão interior, b) seja pela valorização identitária, c) seja pelo vínculo com a natureza, d) seja por temas relacionados às várias buscas impostas

por um olhar sensível... Assim é que as pinturas, que seguem a essa abertura, sugerem os referidos núcleos. “Águas Claras” (p. 16) oferece um reflexo de imagem, que leva o observador ao mergulho interior. “Mistério” (p. 17) remete à natureza, à ancestralidade indígena. “Aguilha de Marear” (p. 18), com a rosa dos ventos e a embarcação “rumo norte”, imprime e ideia de pessoas buscando os seus próprios rumos... “Auto-retrato” (p. 19) evidencia a postura da artista e o seu olhar intimista, buscador do infinito...

Senão, vejamos:

Sobre a reflexão interior, os poemas “Silêncio Interior” e “Das Quatro Paredes de Mim” dialogam com as pinturas quando, como diz o eu poético, “faz-me projetar ao Alto/ voar no firmamento/ por detrás das nuvens/ para além das estrelas/ e da lua/ onde o Infinito-Tempo é!” (p. 20). Afirma, em visão otimista, “Das quatro paredes de mim/ sei voar” (p.21). A pintura “Mistério da Vida” como que arremata essa série semântica, quando um “cordão umbilical” liga o ser entre a luz de estrelas e o útero (ou o planeta?) (p.22). Esse mergulho intimista ao tema destino se verticaliza através de “Fuga”, onde a pintura é reveladora das palavras do poema de mesmo título: “Meu caminho [...] quem é você? [...] é a sombra de mim!” (p.35).

A ideia de parir, no sentido largo, presente no poema “Pre-nhe”, ultrapassa o ato da procriação e é, além disso, o gestar da natureza, dos pensamentos, do próprio tempo... “verdades em forma de poesia” (p.27). Esses sentidos múltiplos podem ser vistos nas pinturas “Mãezinha do Céu”, “Liberdade” e “Templo do Arco Iris” (pp.26, 28,29).

“Ápeiron (Infinito)” reitera o pensar a existência, em questionamentos “sobre o ser/ e o vir-a-ser/ sobre a realidade/ e a imaginação” (p. 24); enquanto “Melancolia” (p.25) é mais intimista, em reflexão sobre os mistérios da vida e da produção poética, quando “diante da máquina de escrever/ sonolenta/ dedilhando teclas/esperando alguma coisa acontecer...” (p.25). Pinturas no foco desses poemas são muitas ao longo do livro: “Tempo” (p.94), “Mandala da Sorte” (p.110), “Terceira Dimensão” (p.114)...

A questão identitária se faz presente através de várias nuances: uma remissão ao escritor grapiuna Jorge Amado, através dos quadros “Capitães da Areia” (p.23), “Gabriela” (p.36), “Amada Bahia de Jorge” (p.39), “Bahia de Todos os Santos” (p.58), “Menino Grapiúna II” (p.64), “O País do Carnaval II” (p.95), “Os Velhos Marinheiros” (p.116), “Tenda dos Milagres” (p.122), “Bataclan” (p.128), “Gabriela” (p.129) e de clara homenagem ao casal, na pintura que fecha o livro: “Casal Amado” (p.130). Também temas locais remetem à identidade ilheense, seja pelo cacau, sua riqueza: “Capicongo” (p.107), “Fatura” (p.112); seja pelo patrimônio arquitetônico: “Igrejinha” (p.38), “Cidade” (p.120) ; seja pela questão étnica, como na pintura “Afro-Brasileira” (p. 125); ou pelos costumes e festividades: “Noite de São João” (p.48) como também no poema “Fogueira de São João” “e a fogueira pinta o céu/ que vai se estrelando...” (p.49).

A natureza inspiradora é evidenciada em pinturas como “Jardim das Flores” (p.59), “Ares de Verão” (p.33). Exemplo é o poema “Veio o Verso”: “Chamei o verso /veio o mar/ cintilado pela lua/ pelo brilho das estrelas [...] Veio o verso!” (p.31). Esse olhar para a natureza tem vários momentos e focos em pinturas sobre flores, águas, paisagens... “Jardim Encantado” (p. 115),

“Árvore do Amor” (p. 118), “Duas Rosas” (p.121), “Rosa” (p. 123). “Serena” (p.30) ante a vida, a voz poética recorre, assim à natureza: seus mistérios, sua beleza. E, como diz, “simplesmente/ vivo a vida...” (p.40), mesmo num “mundo torto [...] com cabeças que não/ discernem/ o mal do bem...” (“Mundo”, p.41). Esse pensar do seguir a vida com serenidade e ligação com a natureza são traduzidas nas flores e águas, constantes no trabalho de Jane Hilda; outros exemplos são as pinturas “Navegando”, “Paz”, “Pescador”, “Lilás”, “Reflexo” e “Preparo” (pp. 42-47). E o poema Trajetória é traço de destino, “no caminho/ rumo ao Sol/ onde mora a Luz!” (p. 119).

Tais nuances relacionadas à natureza estão, também, em “os segredos da natureza/ para além do que os olhos podem ver...” (p.74). A pintura como **Quando Gira o Sol** (p. 87) é exemplar. Especialmente as rosas são reiteradas como em “Fios de Luz” (p.83), que dialoga com o poema “tantas borboletas se mostrando para a Flor” (p. 82), “Gestação da Rosa” (p.127); ou em imagens que se refletem na água “Reflexo da Rosa” (p.73); “Transparência da água”; ou “Serenata pro mar: homenagem a Dorival Caymmi” (p.81); “Arco-Íris Velejante” (p.124). E o mergulho na água é metafórico do mergulho intimista com diz o poema “Mergulho n’Alma” (p. 79).

O lado místico, com um tom de panteísmo, pode ser percebido, notadamente nas pinturas “Cósmica”, “Cores do sol”, “Divina natureza” e “Rosa encantada” (p.50-53), que dialogam com os -poemas “Tempo Real” e “Leitura Cósmica”, pois “É preciso/ Saber ouvir a voz/ do Tempo cósmico/ que revela mistérios/ e mostra caminhos...” (p.55), já que, como diz em “Grão”, “Cada grão/ que plantei/ uma flor desabrochou...” (p. 56).

O olhar sobre o mistério da vida traz, nas pinturas, a riqueza das entidades das águas: “Iemanjá” (p.57), “Rainha das Águas” (p. 60), que dialogam com o poema do mesmo título, quando a Rainha das Águas é “mandala dourada que/ ilumina o céu” (p.61) e o caminhar da vida é em busca de paz, uma leitura possível da pintura “Portal de Paz” (p. 72). Procurando se entender, a poetisa admite em Substantivo Abstrato: “Meu coração não tem métrica/ não respeita a razão/ dos Homens/ nem a história...” (p.62).

Assim, nesse permanente diálogo de linguagens, a prevalência é de luz e cor para as pinturas; e de chamadas de busca e paz para os poemas. As inquiuições existenciais que perpassam todo o livro enfatizam a fugacidade e o “Sentido da vida” (p. 108 - 109), tão sublime Criação! A pintura “Cristalina” (p.132) - rosa e luz, orvalho e brisa, movimentos da natureza em harmonia - fecha o livro em síntese de beleza; é o destino, já sinalizado desde o primeiro poema/pintura!

Um trabalho lírico, alegre, de questionamento, esperança e crença na vida!

3 – Um olhar sobre A SOMBRA NO ESPELHO – O secreto arquivo de enigmas

Um livro para leitores curiosos...

Ruy Póvoas com mais essa obra, de tantas já publicadas sobre afrodescendência, intriga especialmente pela repetição especular que ocorre na história e a multiplicidade de focos do discurso. A história, em *abismo*, contém outras narrativas dentro de si, provocando a reflexividade literária. O discurso faz narrador

dentro de narrador, um gestando o outro. O engendramento ficcional *autotextual*(11), enquanto reduplicação interna, se resolve em processo de *mise en abyme* (12): “um fenómeno de encaixe na sintaxe narrativa, ou seja, de inscrição de uma micro-narrativa noutra englobante, a qual, normalmente, arrasta consigo o confronto entre níveis narrativos”². Embora possa se configurar somente no nível do enunciado, esse processo em abismo pode ocorrer, de forma mais complexa, abrangendo a enunciação, como é o caso deste livro de Ruy Póvoas. Por que utilizar histórias dentro de histórias? E vários focos de discurso? Qual a intenção do autor? Como ele se beneficia disso para a produção do texto literário? São perguntas (enigmas?) a serem respondidas (ou não) no caminhar da leitura...

A estratégia em abismo é insinuada desde o título, **A sombra no espelho**. Que sombra? Por que espelho? Uma identidade cindida? Ou uma chamada para narciso? E o narciso seria o personagem ou o autor? Mas qual autor? Já, aí, um *abismo* anunciando uma questão de estrutura. Será a intenção de RP criar um jogo capaz de produzir, no leitor, uma sensação de estar entre espelhos, contemplando suas inúmeras reflexões? Ou faces?? Se o título sugere o olhar a si mesmo, “a circunstância do não dito”, a epígrafe *Orixá metá* aponta crença. E o subtítulo – “O Secreto arquivo de enigmas” – anuncia um jogo interminável de “segredos” a descobrir? Prevê *abismos* contidos no secreto arquivo a ser relatado? A primeira epígrafe já promove a dúvida: “o que se diz nem sempre é tão importante”.

² DÄLLENBACH, Lucien. *Le récit spéculaire. Essai sur la mise en abyme*. Paris, Editions du Seuil, 1977, p.64.

Em sintonia, os paratextos: agradecimentos, dedicatória, epígrafes abrangem as áreas ligadas à busca de si mesmo, da análise do discurso e do religioso nagô.

Ruy Póvoas apresenta o livro, circulando entre o real e o imaginado. Fala da condição do povo nagô, com olhar sobre o social. Enquanto apresentador, diz que são quatro os narradores ficcionais: Alcina, enquanto organizadora do texto; Ranieri, autor da história; Marcelo, personagem/narrador; o Marotti, editor. *Autotexto* de enunciação, portanto. São, pois, esses narradores-personagens que promovem os *abismos* do discurso. Ao final da sua apresentação, RP instala dúvida no leitor, quando inverte o preceito e diz: “qualquer semelhança com a realidade será a vida imitando a arte”. Será isso o primeiro Enigma a desvendar?

Embora semelhando paratextos, “Três bilhetes” são falas de personagens; iniciam o processo ficcional. O primeiro bilhete é de Alcina que envia o livro do marido Ranieri para a publicação pelo editor Marotti. O segundo e terceiro bilhetes são de Marotti, para Luisa, revisora do texto; e para Alcina, em resposta. E por que um editor-personagem? Esses três bilhetes, então, promovem *abismo* de enunciação, chave dessa trama *autotextual* do afrodescendente Marcelo.

Em “Missão executada”, prefácio ficcional, Alcina esclarece a história do manuscrito do marido. E conta como tratou todo o material recebido. Fazendo isso, Alcina não se torna coautora? Afinal, como ela afirma, recebeu um material que “era uma verdadeira barafunda” e o organizou a seu critério e deu corpo ao texto! E o leitor pode-se perguntar: nesse trabalho, Alcina não terá dado uma especial base tonal ao texto? Terá se imiscuído, dessa forma,

no discurso da narrativa de Ranieri? E outro possível enigma: O texto de Ranieri será autoficção? As insinuações de Alcina alertam o leitor a se questionar sobre o discurso; de quem é o ponto de vista narrativo? Então, será todo o texto construído a partir de dúvidas? Enigmas?

Ao assumir a narrativa (capítulo “Rompimento”), Ranieri já velho, mudado, relembra a infância e resolve criar Marcelo, a sombra no espelho, que assume o relato e fala para um bem-te-vi morto. Morto o passado??

Entre vivências e sonhos (capítulos de “Sonho” ao “Chamado”), Marcelo relata a busca de si mesmo, através dos vários processos terapêuticos. Inicialmente, devido à incompreensão sobre a sua condição mental; e o seu percurso, vida: doenças, psiquiatras... Depois, leitura de búzios, astrologia, psicologia analítica, interpretação de sonhos... Serão *autotextos* da “sombra” de Ranieri? O capítulo “Chamado” finaliza o arquivamento de Ranieri, com a conclusão da narrativa de Marcelo que, finalmente, assume a sua religiosidade nagô. Fica, para o leitor, a compreensão da identidade, na solução da cisão da personalidade: luz e sombra.

A circularidade do texto leva o leitor de volta a Ranieri ou ao autor Ruy Póvoas, agora Babalorixá? A vida imitando a arte ou a arte imitando a vida? E aqui lembro as palavras de Mia Couto, na *live* de 20/5/2020, sobre os seus personagens: “sou sempre eu, alguma face de mim”.

Mas não acaba aí o texto ficcional; termina a história, mas não termina a ficção. Alcina retoma a narrativa, em “Elegia”, provocando outros questionamentos ou... abrindo, mais, o arquivo de enigmas? Enigma 1: um livro é como um filho - a arte

faz permanecer depois de morto. Enigma 2: a dubiedade de uma personalidade: ser um, sendo outro.

Enigma 3: entendimento da sombra; as “estranhezas” de Marcelo; o percurso dos vários caminhos; personalidade cindida ou uma questão espiritual? Enigma 4: “Creio-te vivo, e morta te pranteio” - o enigma maior: vida e morte.

Os enigmas do discurso estão no texto integral de Ruy Póvoas: uma narrativa dentro da outra; um narrador puxado pelo anterior...

A mudança de Alcina, no primeiro texto confusa, buscando vencer uma sua lacuna de possível incompetência; no final, vitoriosa, tranquila, seria também um resgate do feminino, através da mãe de Marcelo, coitada, sempre culpada de tudo... Porém, no fim, com a vitória de Marcelo, reconhecida e resgatada? Seria mais um enigma ligado ao feminino?

E mais: Ruy Póvoas cria personagens agnósticos (como também aconteceu no seu livro **A Viagem de Orixalá**) como forma de justificar e explicar os estudos de religião de matriz africana? São muitas as questões. E a *enunciação*, em discurso múltiplo, sustenta os enigmas: Ruy Póvoas, Alcina, Ranieri, Marcelo, Marotti. Esses, apenas alguns dos *abismos*... A circularidade discursiva insinua o eterno recomeço.

Se a principal razão da narrativa em *abismo* é traçar paralelos com a história principal, cada camada pode ser encarada como uma releitura, ou um simbolismo do que o leitor acompanhará nos outros níveis. Essas camadas adicionam novos sentidos à estrutura e podem servir para suscitar enigmas, incutindo algumas ideias no leitor; acrescentam opiniões atuais às suas memórias do passado, os fatos apresentados mudam de forma:

passamos a olhá-los de outra maneira. Nesta obra de Ruy Póvoas, essa estratégia é forma de enfatizar as buscas do processo terapêutico. Tal processo afirma, também, uma dimensão reflexiva do discurso, uma consciência autoral estética, que se evidencia através da redundância textual, e que reforça a coerência ficcional.

Em conclusão - Margarida Fahel, Jane Hilda Badaró e Ruy Póvoas - esses são três exemplos dos muitos outros autores da mais recente literatura sul-baiana, Não se pode negar a constatação de um certo ecletismo nas tendências estéticas atuais; a preferência por formas minimalistas como os minicontos, minicrônicas, talvez em atenção à rapidez dos tempos. Uma temática transdisciplinar se amplia em vários enfoques: abordagens sobre minorias, questões identitárias, estudos pós-coloniais, abordagens de testemunho, questões de oralidade - os estudos derivados da virada culturalista. Também, devido à pulverização dos saberes e à confluência de linguagens, as abordagens passaram a abarcar novos discursos como os relacionados com a pós-escrita alfabética, com as teorias da sociedade midiática que está se gestando em meio à onipresença de imagens. Com a sintetização da vida, o homem deste sec XXI refaz sua auto-imagem e ele o faz, em parte, ainda por meio da literatura e das demais artes.

Mister acompanhar as redes sociais que, normalmente, têm se antecipado às publicações em livros. Naturalmente, uma não substitui a outra. Sem dúvida a disponibilização na rede provoca a recepção instantânea; é apresentação da literatura. Mas há que ser considerada a fugacidade das publicações nesse suporte...O que está na internet hoje, amanhã já não estará.

Em muitos casos, tal estratégia funciona como uma primeira forma de divulgação para uma recepção mais rápida e abrangente. No entanto, publicar no suporte impresso ainda é a garantia da perenidade da obra.

Assim andam os novos tempos... estratégias em pluralidades!

Tica Simões

Em setembro de 2022.

Referências:

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10º Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BADARÓ, Jane Hilda. **Imagens e sentimentos – poemas (des) engavetados e pinturas**. Itabuna: Mondrongo, 2016

BAUMAN, Zygmunt (2001). **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CALVINO, Italo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio: lições americanas**. São Paulo: Schwarcz, 1991.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

DÄLLENBACH, Lucien. "Intertexto e autotexto". In: **Intertextualidades**. *Poétique*, 27. Coimbra: Almedina, 1979

DÄLLENBACH, Lucien. *Le récit spéculaire. Essai sur la mise en abyme*. Paris, Editions du Seuil, 1977

FAHEL, Margarida. *A casa da esperança não era verde*. Ibicará: Via Literarum, 2021.

PÓVOAS, Ruy. *A SOMBRA NO ESPELHO - O secreto arquivo de enigmas*. Ibicará: Via Literarum, 2020

SIMÕES, MLN. *Pluralidades - Patrimônio Cultural e Viagens - relendo a literatura Sul-baiana*. Ilhéus: Editus, 2018.

A identidade negra, a literatura e a escola

Jorge Luiz Batista dos Santos*

A escola, sendo um espaço sociocultural onde as diferentes etnias se encontram, é também o primeiro espaço de vivência das tensões raciais. Um dos papéis da instituição escolar é o de preparar futuros cidadãos para a diversidade, para isso atua como referência para a constituição da identidade cultural.

A identidade cultural é a raiz nacional que cada um carrega como fruto de diversos segmentos étnicos. Portanto, o sujeito, numa sociedade plural como a brasileira, que se na forma democrática de viver não respeitar a diversidade, não constrói sua identidade nacional, devido à falta de uma única cultura como raiz.

Do mesmo modo, é possível perceber que nas práticas escolares as representações coletivas, na maioria das vezes,

* Mestre em Inovação pedagógica pela UMA(Universidade da Madeira-Portugal); pós graduado em Filosofia Contemporânea pela UESC; pós graduado em Arte pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá ; graduado em Filosofia pela UESC. Ator, diretor teatral, ativista cultural e professor da rede pública de Ilhéus. Atuou como Assessor pedagógico das Secretárias de Educação de Barro Preto; Una e Barra do Rocha, das editoras Moderna e Somos educação. Possui qualificação artística pela Secult e Retratar interior. Tem atuação na área de teatro e na contação de história com espetáculos apresentados na Suécia, Portugal, Minas Gerais, Brasília e Salvador. Membro da Alita da cadeira 36 tendo como patrono Fernando Leite Mendes.

aparecem sempre de forma negativa, preconceituosa e racista em relação aos negros, privilegiando somente o grupo dominante que exclui e marginaliza a cultura dos outros grupos formadores da mesma sociedade.

Diante disso, o direito social de participa de uma sociedade justa livre e solidária, onde se promove o bem-estar de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação têm sido negligenciados no currículo escola, fato este que conduz o questionamento acerca do que e como se tem formado a identidade cultural dos educandos brasileiros? Que práticas são incentivadas para exercício da autonomia e a manutenção da autoestima das diferentes raízes culturais? Tem o currículo escolar considerado as experiências dos educandos ou se está impondo um único modelo de educação?

Ao promulgar a Lei 10.639, em 9 de janeiro de 2003, o Brasil instituiu a obrigatoriedade do Ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira nas escolas do país, uma lacuna da alteridade começou a ser convocada para compreensão a um convívio mais saudável e democrático.

No ano de 2004, o Conselho Nacional de Educação aprovou o parecer que propõe as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas. A partir da referida aprovação o país assume, numa atitude corajosa, a confissão do seu desrespeito às diferenças étnicas ao longo de séculos.

Esse marco histórico é resultado também das reivindicações da comunidade de afrodescendentes que vinham lutando há muitos anos, para que a História do negro fosse incluída no currículo escolar. Além disso, essa iniciativa busca numa etapa

seguinte a garantia da aplicação da lei como estratégia educativa e pedagógica para a eficiência e combate ao racismo. No decorrer do processo de reconhecimento na história brasileira de contribuição de todas as raças e etnias, há em 2008 uma atualização legislativa de significativa reparação a outro grupo originalmente brasileiro, constantemente discriminado e que tiveram acessos negado a bens materiais e reconhecimento social por muitos anos no Brasil, que são os povos indígenas. Assistimos a promulgação da Lei nº 11.645, de 10 março de 2008.

“Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”

No processo de socialização da cultura, a transmissão de saberes culturais e antropológicos proporciona às pessoas um sentimento de “pertencimento”, quando elas reconhecem nesse processo as suas origens; os educandos posicionam-se como cidadãos de direitos, que lutam conscientemente pelo reconhecimento da sua história na construção da cultura do país.

Nesse sentido, o desafio da educação é garantir uma estratégia para a aceitação das diferenças e eliminação do preconceito e racismo que a sociedade ainda aplica aos seus cidadãos. Mas quais mudanças metodológicas auxiliariam efetivamente a realização de uma educação sem ato discriminatório e racial? Que efetivação será responsável pela herança do olhar diferenciado dos colonizadores na construção do que entendemos por “ser brasileiro” na sociedade contemporânea?

Na busca de tentar responder e guiados por um movimento que acredita no fortalecimento da escola como instituição responsável pela transmissão da cultura, pode-se vislumbrar na Arte literária a técnica de compor, expor e representar um diferencial positivo para ampliar e dialogar com as situações e causas delicadas da sociedade e da natureza humana. Reconhecemos que o livro paradidático possibilita explorar assuntos mais específicos e complementares e/ou alternativos aos tradicionalmente abordados nos livros didáticos. Aqui se faz necessário ressaltar que a literatura convocada não é aquela em que o europeu explorador fez uso e propagou de forma estereotipada e ideológica. Estamos acionando a literatura nacional composta por diversos grupos que compõem as representações da cultura brasileira. Uma convocação nacional para a exaltação da língua e das manifestações culturais do país.

No ambiente escolar a Pedagogia Projetos tem sido um diferencial na construção de um novo perfil do educando. Desenvolver Projetos de leitura, Rodas de conversas, Encontro com autores, e Feiras literárias, no entanto, só cumprem papel de auxiliar na dinâmica de autorreconhecimento identitário se a Literatura, como um ato de fala que contrasta com outros tipos de atos de fala (Jonathan Culler), não esteja reduzida a simples e comum ferramenta de ensino (enfadonha e tradicional) e que seu alcance esteja relacionado também a escolhas de autores de múltiplos olhares, gêneros e de diferentes grupos étnicos. A Literatura pode ser uma experiência inovadora, mas a inovação pedagógica deverá oferecer trabalhos procedimentais e de interação a partir do interesse dos educandos. Propor atividades investigativas na busca de desenvolver habilidades e competências necessárias

à aprendizagem e respeito as diferenças. É assim que Magda Soares (SOARES, 2003) chama a atenção de como a escola se apropria dos textos literários e de como essa literatura é oferecida na escola.

Diante da realidade escolar que não reconhece a diversidade da formação dos seus alunos uma proposta de destaque da Literatura com seu olhar comprometido com a vivência, a sensibilidade, a emoção e sua subjetividade é sempre o estímulo que no seu enlace artístico vira uma forma de desvendar um aspecto da história do país, podendo compreendê-lo a partir de um novo contexto.

A arte contribui na valorização das potencialidades de cada indivíduo, ampliando a concepção estética e atuando como a linguagem da expressão dos sentimentos, dos desejos e das angústias dos seres humanos.

Assim, a partir de uma experiência com a Literatura, é possível desenvolver uma compreensão mais significativa do mundo e das questões sociais, no intuito de identificar e conduzir à compreensão as diferenças existentes nas culturas. Através da arte da palavra escrita, as identidades Afro-Brasileira e Indígena podem ser compreendidas e entendidas como construção social, história cultural e plural do Brasil. Desse modo, a escola deve agir com responsabilidade social para a desconstrução de estereótipos raciais, atuando inclusive com as políticas afirmativas.

As ações afirmativas foram implementadas, inicialmente, pelo governo dos Estados Unidos, na década de 60. Seus pressupostos e fundamentos chegaram ao Brasil em 1995, através da compreensão de que as mesmas são ações que objetivam produzir mais igualdade a partir de decisões que privilegiem grupos e etnias excluídas socioeconomicamente no país.

Munanga (2000), em defesa a essas ações, comenta que a pluralidade cultural do país possibilitou a criação dos PCN, documento que trata do papel da escola no processo de construção da democracia. A escola, porém, ainda tende a idealizar alunos, ensinando um discurso social que moldura uma promessa de felicidade, trabalho e reconhecimento na vida. Um modelo mecanicista presente nas escolas com organização curricular tradicional.

A democracia só se efetiva quando os sujeitos interagem conscientes do seu papel e da sua história. Na prática escolar, a opressão e a desigualdade são reforçadas à medida que a meta da aprovação no vestibular/ENEM qualifica positivamente a metodologia das escolas.

É papel da escola impulsionar novas práticas pedagógicas para a aquisição de conhecimentos que visem a autonomia intelectual e emocional e o desenvolvimento de seus educandos, pois o acesso à educação propicia melhor conscientização e capacidade de luta pelos seus direitos, não esquecendo que a educação tem fator de multiplicação e no contexto atual a obrigatoriedade de desenvolver Projeto de vida no processo de finalização do novo ensino médio.

A Literatura como parte integrante do conjunto cultural de uma sociedade em nenhum momento, está dissociada das relações sociais, políticas, econômicas, éticas, filosóficas e estéticas, como escreve Eco: “A leitura da obra literária nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação”. (ECO, 2001, p. 12).

A própria literatura em seu desenvolvimento vai abrindo espaço para o perfil de uma nacionalidade brasileira, pois se

tivemos apagão no período clássico dos autores negros, que serão referenciados tardiamente com Cruz e Souza e Lima Barreto e uma romantização na trilogia indianista de José de Alencar, encontramos no decorrer histórico e em alguns processos sociais contemporâneos chamada de “literatura periférica” e produções nomeadas de “literatura afro-brasileira” e até a “literatura indígena”. De fato, há um número crescente de publicação de autores negros e de matriz indígena, a pergunta é: Leitores não participantes desses grupos identitários aprendem com obras produzidas por eles? Essas leituras são produtivas e auxiliam na constituição de um conceito mais próximo da verdadeira identidade brasileira a fim de promover um convívio de respeito entre os diferentes?

Referências:

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007.2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso: em set. 2022.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Tradução: Eliane Junke. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MUNANGA Kabengele. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. Revista Fórum, ano 8, nº 77, agosto 2009- Editora Publisher Brasil.

SOARES, M. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. EVANGELISTA, A.A.M.; BRANDÃO, M.B. MACHADO, Z. V. (Org.)

Breves considerações sobre poesia e romantismo na obra de Jorge Amado

Margarida Cordeiro Fahel*

Falar sobre este tema na obra de Jorge Amado pode pressupor, de início, que vamos captar do acervo ficcional de nosso grande escritor da Bahia passagens de suas obras, muitas das quais, a esse momento, já despontam à mente de estudantes, professores de Literatura Brasileira e de muitos estudiosos, pesquisadores e leitores da obra do mais lido dos nossos escritores, possivelmente.

Entretanto, não é a isso exatamente que nos propomos nesta fala. As considerações aqui trazidas baseiam-se, antes, um tanto possível mais amplamente, na busca de visão menos pontual da obra do nosso autor homenageado neste webinar. O autor que, antes de tudo, utilizou sua extraordinária veia ficcional

* Professora Titular de Literatura Brasileira, aposentada, do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. Exerceu, ao lado da docência, cargos na área acadêmico- administrativa, tais como Diretora do DLA, Secretária Geral de Cursos e Vice- Reitora. Foi membro titular do Conselho Estadual de Educação (CEE, Ba.) no período 1998 a 2006, com assento na Câmara de Educação Superior, tendo sido Vice- Presidente daquele órgão durante um biênio. Como ficcionista, publicou três romances. Margarida Cordeiro Fahel ocupa a cadeira 12 da Academia de Letras de Itabuna, ALITA, cujo patrono é o poeta Gil Nunes Maia.

para contar a história e as histórias da gente baiana, em grande parte de sua obra. Se nos voltarmos para ouvir algumas das centenas de entrevistas concedidas por Jorge Amado, uma realidade é facilmente constatada, tornando-se o grande foco norteador de suas conversas: a gente brasileira e, muito especialmente, a gente baiana. Expressão que lhe apetecia. Dela ele se fez porta-voz, antropólogo, defensor, e ardoroso apaixonado. Gostaria de frisar aqui o termo “apaixonado”, com toda carga de sentimentos e, conseqüentemente de poesia, que dele conhecemos. E o adjetivo com o qual aqui o qualificamos não é simplesmente enfático.

Então, inquirimos: – Como um amante fala do ente amado? Com nostalgia? Com ciúmes? Com uma espada na mão para honrá-lo e para defendê-lo? A última oferta foi, sem dúvida, a forma brotada da alma de nosso escritor, Jorge Amado. A espada, travestida de escrita apaixonada, às vezes usada com crueza, conforme as exigências da verdade ficcional ou, conforme a hora, com golpes de sensualidade, até lascívia; por momentos com revolta, por defender o ente de sua paixão. E, sempre, mesmo que sem a proteção da bainha de couro, a tudo envolvendo, ela gritou o amor por sua gente, a sua gente baiana. E continuamos a inquirir, afirmando: no seu romance, aquele dito regionalista especificamente, pois que ambientado e pintando as agruras e grandezas da Região Cacaueira, que sentimento insuflava o ficcionista, então especialmente voltado para a terra que o viu nascer e crescer, que acompanhou seus caminhos e descaminhos de adolescente fugido para as terras mansas de Sergipe? Que sentimentos moveram, anos depois, o homem andante do mundo, lutador político, cantor da Cidade da Bahia, sua segunda terra? Que sentimentos o fizeram reviver os fatos vividos

em sua meninice em Itabuna, em Ilhéus, nas terras úmidas e sombreadas do cacau? Sombreadas pelas copas das quais brotava ouro e em cujo chão arraigavam-se manchas de sangue. A revolta, uma espada ou um rifle na mão para matar os ricos, os coronéis, mandantes de tantos crimes, os jagunços, matadores por dinheiro? Respostas a tais indagações estarão sempre, a nosso enxergar, envoltas numa única resposta. E a perseguimos, neste raciocinar.

Jorge Amado iniciou verdadeiramente no Brasil, assim como os grandes José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Érico Veríssimo, Dalcídio Jurandir, o romance que pretendia mostrar, e mostrou, o verdadeiro Brasil, o que não estava em suas belas e avançadas capitais. Para conhecê-lo, necessário se faria percorrer seus caminhos pedregosos, beber de rios de água barrenta, dormir em cama de vara. Prosseguiam assim, estes autores, tomando outros caminhos e outros propósitos, aquele romance iniciado por José de Alencar, a busca do romance brasileiro. Alencar, para tal intento, valeu-se do que lhe parecia mais representativo naqueles idos da primeira metade do século XIX, a figura do índio, daí surgindo os belos Iracema e O Guarani. Os regionalistas acima referidos, a chamada Geração de 30, tinham um objetivo, sim, fazer romance do povo brasileiro, porém, com propósitos diversos daqueles de Alencar. Mostraram um Brasil a pedir e clamar por grandes transformações de ordem social. O homem a defender era aquele sem proteção, o caminhante de pés descalços, o que fazia girar o engenho sem que nenhuma doçura da cana lhe chegasse, o seguidor de alpercatas de poeira e pedras, subjugados todos pela injustiça. Então, vieram as magníficas sagas do ciclo da cana-de-açúcar, das terríveis secas do Nordeste, seu rosário de retirantes,

e dos dramas humanos e históricos das terras e gente gaúcha. Grandes outros ficcionistas perseguiram esse caminhar: Josué Montelo, com sua alma maranhense, cantando a São Luís em que crescera, e despontou o mágico Guimarães Rosa, nas Minas Gerais, aquele que fez do seu sertão o mundo. E veio Adonias Filho, um outro grande escritor de nossa terra, das perigosas terras de Pirangi, com uma estrada que não tinha começo nem tinha fim, a hoje Itajuípe. Uma epopeia talvez à maneira trágica, um revelador de novas feições narrativas, a bem dizer grandiosas, e de inovadora estrutura sintática. E o romance brasileiro de 30, prosseguiu, reformando -se. Muitos nomes se sucederam, novas visões se assentaram. O processo literário corre com a história, bem sabemos.

Jorge Amado, no propósito que sempre perseguiu, além de escanear as dores da gente baiana, suas necessidades vitais, dissecou-lhe as crenças, as esperanças, a sua força, a sua magia. Dissecou a gente baiana em suas variadas faces. Foi mal visto por tantos, especialmente pela crítica acadêmica. Criticado por realizar romance ideológico por uns, renegado por outros quando, outra cor aparentemente tonalizou seus livros. Se bem refletirmos, entretanto, seus romances de uma chamada primeira fase, de raízes ideológicas, refletindo princípios depois abandonados, caminharam sempre para a defesa do homem, quaisquer que fossem suas circunstâncias, esse homem que, maltratado, mas nunca longe da alegria e da festa e nunca esquecido da esperança.

Reporto-me a isso, para afirmar que Jorge Amado via a terra e a gente baiana com um olhar de exaltação, com um olhar de quem, apiedado de suas dores, iria fazê-los heróis. Sobre pobres

e ricos, bons e maus, e sobre os poderosos coronéis, o mesmo olhar... E isso, a princípio, parece incongruência ou terrível injustiça. Pobres seriam os mal pagos, mal assistidos, os explorados; maus seriam os jagunços matando por dinheiro? O que seriam as prostitutas, que tiveram um único caminho? Heróis seriam, acaso, os coronéis que enfrentaram as matas, as cobras, as onças, as balas traiçoeiras, para construir arruados, que viraram cidades? Que se tornaram donos de léguas de terras, matando árvores, bichos e gente? E então, como julgar? Temos que conhecer o olhar da paixão, o olhar da piedade, ou o olhar da admiração? O olhar de humanidade, talvez? E ousar afirmar, ou melhor, concordar com o próprio escritor que, mais claramente que qualquer crítico, soube explicar e defender sua obra ficcional: Jorge Amado fez romance épico. E todas as epopeias respiram lirismo e exaltação! Em todas elas, em todos os grandes épicos, foi a paixão que os moveu. Assim foi a *Ilíada*, assim foi *Mahabaratha* e *Ramayana*, assim foi o formidável *Os Lusíadas*, hino maior da Língua Portuguesa, tão esquecido nesses tempos tão necessitados, no entanto, de retidão, orgulho e bravura. E aqui, nesse refletir sobre o tema escolhido para homenagear Jorge Amado, o romance *Terras do Sem Fim*, a nosso ver, é o que melhor o realiza, até mais mesmo que *Tocaia Grande*, como alguns assim enxergam. Em *Terras do Sem Fim* assomam figuras épicas extraordinárias: Sinhô Badaró e Basílio da Silveira, em lados opostos, mas no mesmo lado em grandeza épica. O Negro Damião, o Pai Jeremias. O primeiro, jagunço e matador porque cumpridor de ordens, o segundo sabia das coisas do Além, e sua voz ecoava pelas matas e alertava os pecadores. De suas mãos saíam a cura dos furos de bala e a salvação das terríveis febres.

Alargando a visão, em meio a todos e naquele campo de ambições, fracos e fortes, o advogado Virgílio, amigo e defensor de Horácio da Silveira, que cumpre seu destino de apaixonado. O capitão João Magalhães, de quando coragem se alia à honra. E, dentre as mulheres, a força da camponesa Raimunda, a fragilidade de Ester, protótipo da mulher burguesa da época, que encontrou em Virgílio o sonho do amor verdadeiro, quase cavalheiresco. Esse amor atinge o clímax romântico quando Virgílio, sabendo que seria assassinado, não foge, a fim de não se afastar de Ester, a esposa de Horácio da Silveira, marido traído. Porém, Terras de Sem Fim não restringe sua visão romântica a essa tragédia amorosa, assim como a muitos outros episódios específicos. O que vou caminhando para afirmar é que quase toda a obra de Jorge Amado, até mesmo a dita fase ideológica, é ditada por um ideal romântico, porque construído a partir da idealização: o sonho de um mundo melhor, de liberdade, de alegria, de respeito a cada um em suas verdades e seu sentir e em suas fraquezas e suas forças. Podemos lembrar em Suor, uma de suas primeiras obras e claramente presa à ideologia comunista, a moça de azul descendo as escadas do velho prédio, na Cidade da Bahia. Era uma figura quase etérea, sempre de azul, a cor da pureza...E assim descia, muda, vestida de azul... O grande desejo, na verdade crença e certeza do romancista, sempre veemente em sua ficção, matéria de ação e luta, por exemplo, a miscigenação racial; português, negro e índio - as três raças em uma. Unidas, assim as queria. Respeitosas de seus credos, de suas danças, de suas histórias. E a eles cresceu os imigrantes, os árabes, os preferidos em suas histórias.

Assim, face a essa visão exaltada do homem e da terra, de sua terra, a busca da igualdade, de um mundo melhor, poderíamos,

de certo modo, aproximá-la dos ideais românticos do século XIX, com Gonçalves Dias, e, especialmente com o nosso Castro Alves. Entretanto, Jorge escreveu ficção, casos imaginados uns, outros iluminados por uma memória prodigiosa e sensível de um menino que viu e sentiu muita coisa. E narrou fatos, episódios, histórias embrulhadas na palavra literária, fatos vistos e outros de oitiva, a partir de uma sociedade real, nascida da brutalidade da selva, da violência das armas de fogo, da ambição e da ganância, da força do mais forte sobre o mais fraco. Mais do que ouviu, Jorge Amado viveu muitas histórias, ele sempre repetia. E as tomou como suas, pois que eram de sua terra, de sua gente, até de sua família. Elas eram reais. Ele, menino, viu gente cair furada de bala, viveu os prostíbulos, a exploração das mulheres, muitas tão puras em suas dores, embora envoltas nas vestes brilhantes e longos colares que lhes ocultava o que ia por dentro. Tudo viu e tudo escreveu com incrível clareza e percepção de sua própria obra. Mais do que qualquer crítico literário, Jorge soube explicar sua produção, seus propósitos, e conhecer seus personagens, apesar de muitas vezes dizer que eles caminhavam por si mesmos. E assim, sem nenhum pudor ante a crítica, que lhe valeu muitos rótulos, ele se disse um realista romântico. Seu romantismo e presença da poesia não estão somente nos poemas inseridos em seus romances, na triste história das três irmãs, Maria, Lúcia e Violeta, tão bela que faz chorar, nas cantigas de cordel com suas histórias de espantar, no amor de Guma e Lívia, em Mar Morto, na dolorosa história de Tereza Batista, na ternura pelos meninos de rua, na pureza de Gabriela, na beleza e na grandeza da mata virgem do Sequeiro Grande, na figura simbólica do negro Jeremias. Está também na aura

de força e magia que emana da mata, no heroísmo dos desbravadores que construíram cidades, onde também plantaram uma civilização. E aqui enxergo Terras do Sem Fim, narrando a luta pelas terras do Sequeiro Grande, como uma legítima epopeia das terras do cacau. Nascida do sangue derramado, da tristeza e infelicidade dos inocentes, da força e coragem dos maus... Poema épico em prosa, ditado pelos sentimentos humanos quase bárbaros, em estado também de selva, tal qual a mata do negro Jeremias.

E, então pretendo, com essas observações, ver Jorge como um realista, e algumas vezes naturalista, que enxergou, no entanto, com olhos românticos a história de sua terra e assim a narrou. À semelhança de Alencar, Gonçalves Dias e Castro Alves, e até Casimiro de Abreu (Todos cantam sua terra / também vou cantar a minha, / nas débeis cordas da lira,/ hei de fazê-la rainha.....) tão distantes em tempo e realidades, esses, entretanto, exaltaram sua terra e sua gente. Jorge Amado, homem do século XX, culto, conhecedor do mundo, filiado ao partido comunista em grande parte de sua vida, estudioso das grandes obras universais, apaixonado por Dom Quixote de La Mancha, não teve medo de se dizer um realista romântico. Um romântico, entretanto, lembramos aqui, que trouxe para a linguagem ficcional a fala, os hábitos, os dizeres de sua terra e de sua gente, muitas vezes ditos como impróprios, proibidos às moças da época. Todavia, um escritor que não teve receio de falar de ternura e de cantar a alegria e a festa. E de acalantar a esperança.

Peço licença para tomar aqui alguns trechos de seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, que vejo como passíveis de comprovar o aqui dito: a dimensão romântica em

Jorge Amado. O romantismo tomado como exaltação do homem e da terra, malgrado todas as suas feiuras e maldades, tornando-a épica, pela presença da força telúrica, pela força dos sentimentos, da beleza, da magia e da crença em dias melhores para o homem.

“Cresci ouvindo as narrações das epopeias que tentaria recriar, depois no espanto e na admiração pelos feitos daquela gente sem lei e sem medo. Aprendi os nomes dos chefes destemidos, os coronéis do cacau, os jagunços famosos, os bacharéis cuja voz nos júris e cujo saber nos tribunais davam a primeira forma de civilização à conquista bárbara.”

“... pois os escritores dessa família de Alencar escreveram menos com tinta do que com sangue, menos com as regras da gramática do que com o conhecimento da vida. “

E finalizo com uma passagem do crítico Antônio Carlos Villaça, enfatizando a capacidade narrativa do grande escritor, que não temeu expor sua alma e criou um grande poema épico com suas histórias das “terras violentas,” como são batizadas as terras do cacau por Alice Raillard, em seu “Conversando com Jorge Amado”. Nessa conversa, discutindo Seara Vermelha, Terras do Sem Fim, aqui privilegiado, e São Jorge dos Ilhéus, Villaça afirma.

“O poder descritivo de Jorge Amado penetra fundo na alma da gente. Porque nele há um sentido cósmico. O romancista tem um amor pegajoso à terra, a uma terra determinada, a terra do cacau. A terra com o homem e com o mar? Com efeito há aqui uma espécie de humanismo telúrico, em que se evidencia a capacidade do romancista em mesclar o realismo

bruto com certo romantismo, de narrar uma história real com lirismo poético ao mesmo tempo em que expõe seus ideais políticos de soluções para os problemas sociais.”

Agosto de 2022.²

Referências:

AMADO, Jorge. **SUOR**. Editora Record, Rio de Janeiro, 51ed. 2006.

AMADO, Jorge. **Terras do Sem Fim**. Editora Record, Rio de Janeiro, 77 ed. 1977.

DISCURSO de Posse Jorge Amado na Academia Brasileira de Letras. www.academia.org.br/acadêmicos/jorge-amado/discurso-de-posse.

PEREIRA DOS SANTOS, Nelson. Jorge Amado por Nelson Pereira dos Santos. **Cult**.24.02.2012.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução de Annie Dymetman. Ed. Record, Rio de Janeiro, 1990.

SWARNAKAR, Sudha, Ediliane Lopes Leite et all. **Nova-leitura- crítica- Jorge-Amado**. www.amazon.com.br/Nova-leitura-critica-Jorge-Amado-e-book/dp

² Trabalho apresentado no III Webinário Estudos Amadianos, em 12. 08. 2022, representando a ALITA – Academia de Letras de Itabuna.

Itabuna nas telas de Walter Moreira

Lurdes Bertol Rocha*

A cidade é um grande texto, cuja história está contida nos objetos, nas ruas, nas praças, nos prédios, nas pontes, nas fotografias, nas telas, na poesia, na literatura, nos monumentos, pronta para ser decifrada por quem se dispuser a isso. A imagem da cidade se mistura, no imaginário das pessoas, à coleção de lembranças de viagens, memória de infância, segredos encarnados em objetos (FREIRE, 1997, p. 11).

Normalmente as pessoas veem a cidade apenas como um espaço para exercer suas lides: circular, trabalhar, morar, estudar, comprar. Para elas, a cidade não se revela. Aos que a sentem, a conhecem, a enxergam, e não só a veem, a cidade se dá a conhecer através do significado de seus elementos.

* Graduada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Teófilo Otoni/MG. Pós-graduação lato sensu em Geografia Humana (FAFITO) e Desenvolvimento e Gestão Ambiental (UESC). Mestre e doutora em Geografia, na área de Planejamento Urbano e Regional. Professora titular aposentada da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Na Academia de Letras de Itabuna- ALITA, ocupa a cadeira número 06, tendo como patrono Milton Santos.

Nosso mundo é um mundo de pensamento lógico, mas, também, um mundo de emoções, de sentimentos e de percepções intuitivas. O ser humano não apenas pensa. Vivencia. É racional e não-racional. O ser humano é um ser binário em todos os sentidos, uma síntese de opostos conflitantes. Tuan (1980, 1983) estuda a organização do espaço pela ótica da percepção, da vivência do cotidiano, da significação dos signos. Analisa as diferentes maneiras das pessoas sentirem o espaço e o lugar e mostra como o homem que está, ao mesmo tempo, no plano do animal, da fantasia e do cálculo, experiencia e entende o mundo. Sendra et al (1992) procuram mostrar que os lugares geográficos não estão somente fora das pessoas, mas se encontram, também, em suas mentes, e que “explorar a existência mental dos lugares geográficos com todas as características que os distinguem é um objetivo próprio da geografia da percepção” (p. 8). Segundo Santos (1997, p. 2), “cada lugar está sempre modificando de significação, graças ao movimento social: a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas”.

Walter Moreira (1915-19990), um apaixonado por sua cidade, por sua região, retratou a cidade em suas telas, em sua poesia, em sua vida. Em suas telas-retratos, imprimiu, de forma magistral a luz, a cor, o social, o cotidiano da gente das terras grapiúnas. Retratou a Itabuna do início do século XX com suas feiras, suas praças, suas ruas; o rio Cachoeira com suas enchentes, suas lavadeiras, seus aguadeiros; pintou as primeiras buraras (primeiras roças de cacau), a flor do cacau, o trabalhador rural, os homens nas barcaças (secadores de cacau) “pisando” o cacau; as boiadas levantando poeira na estrada; o indefectível palhaço montado num jegue seguido pela garotada;

as lojas, o casario, a vegetação, os jardins. Enfim, retratou e pintou o corpo e a alma de sua cidade. Pintou a Itabuna que ele conhecia e tinha na lembrança, a vida rústica do trabalhador rural, os primeiros sinais de crescimento urbano e desenvolvimento econômico.

Para se entender as imagens representadas em obras de arte em sua plenitude é necessário treinar o olhar. E o que é o olhar? É uma intenção de descoberta. “O olhar resulta e é resultado de nossa leitura sobre o mundo” (BARROS, 2000, p. 44). O olhar sempre se faz acompanhar de sentimento, a forma como se posiciona perante os outros, de visão de mundo de cada um, enfim, de como se observa. Portanto, no caso de olhar as telas de Walter Moreira, haverá para cada olhante uma interpretação e um sentimento que só a ele pertence.

Através do olhar da arte deixada por Walter Moreira é-nos permitido usufruir o encantamento mágico do mundo da região cacauzeira do Sul da Bahia. O artista deixou-se penetrar pelo espetáculo dos sons, cores e formas para só então realizar dentro de si os sinais que devolveu através da pintura, escultura, poesia, música. Pois, é através do olhar, segundo Rodrigues (2000), que é possível ao pintor transferir o exterior para o seu interior e, ao mesmo tempo, sair de si em direção ao exterior, num movimento de tinta e pincel sobre o plano chato do quadro, produzindo o reencontro de dois seres. Nesse movimento, o autor fica ausente de si mesmo para encontrar-se com o mundo reproduzido na pintura. Segundo ainda este autor “a pintura escancara o exterior, não pelos caminhos da sua opacidade, mas pela transparência do modo como ele se apresenta ao espírito” (p. 23).

As telas de Walter Moreira cobrem vários temas da Bahia e, em especial, da região cacauceira e, de forma particular, sobre Itabuna, retratando cenas de sua paisagem das primeiras décadas do século XX. Suas imagens podem ser divididas em quatro categorias: 1) a cidade de Itabuna; 2) o Rio Cachoeira; 3) cenas do cotidiano da cidade e da vida rural; 4) personagens representativos da época.

Foi com os olhos físicos, mas, principalmente, com os olhos do coração que o artista plástico itabunense/baiano/bra-sileiro, cidadão do mundo, viu e registrou o cotidiano da cidade em suas telas a partir de imagens que ficaram gravadas em sua memória a partir da década de 30 do século XX.

Com certeza, Walter tinha muito de anjo: o anjo da pureza que a tudo retratava com os olhos do coração. Só os olhos do coração são capazes de enxergar o belo em sua essência, as minúcias que os olhos físicos não veem. Graças a esse olhar e ao talento usado para a arte, Walter deixou para a região cacauceira o registro das belezas dessa terra.

Referências:

BARROS, José Márcio. Duas ou três questões sobre o olhar. In: **CADERNO DO PROFESSOR. A educação do olhar**. Centro de Referência do Professor. Secretaria de Estado da Educação – MG: Ago./2000, n. 6.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

RODRIGUES, Neidson. A reconciliação do Dionísico e do Apolí-nico na educação do olhar. In: **A educação do olhar. Caderno do Professor**. Centro de Referência do Professor - Secretaria de Estado da Educação – MG. Ago./2000, n. 6, p. 17-24.

ROCHA, Lurdes Bertol. **O centro da cidade de Itabuna: trajetória, signos e significados**. Ilhéus: Editus, 2003.

SANTOS, M. **Espaço e método**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997.

SENDRA, J. B. et al. **Práticas de geografia de la percepción y de aa actividad cotidiana**. Colección “Práticas de Geografía Humana”, dirigida por Aurora García Balestros. Barcelona/Espanha: Oikos-Tau, 1992.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia. **Um estudo da percepção e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

Poesia

Ceres Marylise*

Eu os repudio!

Eu os repudio porque
Destroem o direito
De sonharmos
E enfraquecem nossas vozes
Dando lugar ao assombro.

Eu os repudio porque
Seus sorrisos são de ódio
De ganância
E os que lutam e caem
São peregrinos da paz.

* Natural de Ubaitaba, região cacauzeira da Bahia. Graduada pela UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz, pós-graduada em Linguística pela UFC - Universidade Federal do Estado do Ceará e doutorado incompleto na mesma área do conhecimento. Docente aposentada pela UNEB - Universidade do Estado da Bahia. Autora de-books e coautora de diversas antologias nacionais e internacionais, inclusive bilíngues, é detentora de algumas distinções literárias. Durante muitos anos colabora com revistas e sites literários no Brasil e no exterior e está em fase final de escrita e organização de dois livros. É revisora textual e coordenadora da comissão do projeto gráfico e editorial das Revistas da ABROL - Academia Brasileira Rotária de Letras. Na Academia de Letras de Itabuna ocupa a cadeira número 16 e tem como patrono Abel Pereira

Eu os repudio porque
Violam nosso sagrado
Direito de irmandade
E o ódio não dá lugar
Ao perdão, à reconciliação.

Eu os repudio, sim!
Não quero mais saber
De suas guerras,
De suas ambições,
De seus fanatismos,
De seus não sei mais o quê
Com que assassinaram
Meu sonho de viver
Em um mundo de paz!



(Momento real vivenciado na Fazenda Santa Bárbara - Caetité - Bahia)
(1º proprietário: Barão de Caetité)

Escrava e senhora

De portas, janelas, varandas enormes
Este casarão de cômodos tantos
Propõe-me um pungente e triste reencontro
Com a escravidão de seres humanos
Aqui existente nos tempos de antanho.

Próximo à cozinha, meio apodrecido
Ainda resiste um tronco com argolas
Grosso e enrugado cravado no chão
De terra batida do que foi senzala,
Casa dos escravos nos idos de outrora.

Num quarto imenso, lúgubre e escuro
No fundo da casa, perto dos currais
Estão sepultados os mortos no tronco:
São negros escravos, todos indefesos
Com as vidas ceifadas em atos brutais.

Por longos instantes ali eu reflito
E escuto a presença dos meus ancestrais:
Vieram de longe arrastando índios,
Arrastando brancos, arrastando negros,
Genes milenares, trago os seus sinais.

No silêncio reinante com voz alquebrada
Ressoa mais forte, aquela mais triste
Que delata a presença de todo um passado
De dor, inclemência, cruel, desumano,
Do negro que sofre e ainda resiste.

Quantas estacas perfuraram os seus peitos?
Quantos ferros queimaram seus corpos sãos?
Quantos chicotes rasgaram corpos inteiros?
Quanto sangue jorrou forte e indefeso
Enriquecendo aos senhores e às nações?

Inconformada, infeliz, rio como louca
E parece que ouço o zunir dos chicotes,
O arrastar de correntes e infinitas dores
Presentes na alma, na carne e no sangue:
Memória genética: escrava e senhora!

Repovoem o mundo!

Conscientes do caos do extermínio
Deixado entre nós como semente
Povoamos a terra controversa
E clamamos pela paz inutilmente.

Inocente, brinca e ri uma criança
Olhando “pássaros” voando sobre ela
Que regurgitam nos cegos intestinos
O ódio que sua mente não alcança.

Pobre mãe que um dia embalou
Nas entranhas, seu filho livre, são,
E na incerta biografia viu seu sangue
Espalhar-se nas fronteiras pelo chão.

Não há pátria que perdoe tanta injúria,
Nem disparo fatal que evite a morte
Se reclamarmos todos os paridos
E caídos nesta Terra, sem um norte.

Não justifico as discórdias de Babel,
Nem nego a Deus, cansado em seu refúgio.
Eu só queria que todos se amassem
Com as cores e idiomas deste mundo!

Mulheres,
Repovoem os seus ventres
Com humanos que se amem
Realmente!

Construção

Com as palavras
Fiz caminhos poderosos
Permiti silêncio e diálogo
Para encurtar distâncias.

Com as palavras
Ultrapassei horizontes
Transpus terras e oceanos
E segui mais adiante.

Com as palavras
Aprendi toda a História
E criei os seus avessos
Expondo o lado sem glória.

Com as palavras
Combati desigualdades
E provei do gosto amargo
Defendendo a liberdade.

Com as palavras
Entendi da humanidade
E a cada dia me espanto
Com suas faces e disfarces

Com as palavras
Me reviso a cada instante
E ainda me refaço
Como simples caminhante.

Cyro de Mattos*

Viagem sem tamanho

Sempre quis mundos ignorados,
a lua com sua prata na caverna
resvalava no meu rosto espantado.
Saí como lesma de rastro brilhante
por entre pedras e escorpiões
sem saber tomar a direção certa.

O tempo modelou meu grosso
pelo nas pegadas do primata,
teceu-me de ira excedida
na aurora sorvida com o sangue
do que encontrava, meus ciclos
como acasos, ocasos, ó infância.

O fogo que dominei após eras
aqueceu-me na aspereza das horas,
alimentou-me enquanto a noite
obscura escondeu-me como a presa

* Cyro de Mattos é autor de mais de 60 livros, entre o romance, conto, poesia, crônica, ensaio e literatura infantojuvenil. Premiado no Brasil, Itália, Portugal e México. Editado também em Portugal, França, Itália, Espanha e Alemanha. Membro das Academias de Letras da Bahia, de Ilhéus e de Itabuna.

que buscavam lá fora na caçada,
até hoje meu ser na vida instintiva
sabe a medo de caça procurada,
convive com bichos e insetos.

Rolei nos séculos com as mãos
que tudo transformam. Metade
terra, metade céu. Sem paraíso
meus pés andaram com os ventos,
na minha biografia vi-me na disputa
desde cedo nesse grito: “É meu!”

O egoísmo em que me inventei
produziu territórios de avidez
que se atropelaram na mente,
armazenaram na alma a agonia.
Mastiguei o que chamei vitória
no litoral atacado de horrores,
agi com assombros e miasmas
da mãe terra no verde dizimada.

Nuvens de amanhecer na maré
prepararam-me outros abismos,
da rota longínqua concebida
de monstros, medos tenebrosos,
submeti Polifemo ao meu arco,
medusas desencantei, amei sereias.

Singrei em ondas de escorbuto
com os que oravam em vão,
na aventura de funduras e largos
estendida por ondas incertas,
nos ventos de fé e esperança
dos que vieram ou ficaram
molhados de salgada aflição.
Esse amanhã heroicamente
de remoto reino edificado
na busca dos beijos da história.

Noite, tempo, vida, solidão.
Água, fogo, terra, ar: os desvãos.
Bem soube, pois sou navegador,
que viver não é o que importa,
mais valia alcançar os horizontes,
recolher os frutos da vontade,
os méritos ter como verdades.

Por essa luz de sol quente
um sino em mim se enroscou,
a tatuagem fixou-se nesses brios
a subir das espumas meu jeito
de tecedor de estrelas no peito
de tanto fiar dia e noite aos ventos.

Rosários de luz cintilaram
nos meus olhos do infante antes
pela janela do quarto,
bisaram meus olhos vítreos
no sem fim de galáxias
pela janela da nave hoje.

No seio da moça pousei,
vi quanto o meu querer
fez dos sonhos a esperança.
Chorei, supliquei aos deuses
que me livrassem da máquina
monstruosa que fabriquei
para matar-me e aos outros
nos anos de guerra onde tombo.

Contente senti o coração
na manhã seguinte com doçura,
livre dos grilhões que impediam
fosse generosa essa viagem,
houvesse nos prados os pássaros.
Voltei com rações promissoras,
água da fonte boa para todos,
linda lira vim tocando com as cores
do arco-íris em suas cordas.

Assim aerólito colombino,
pelas vastidões do sem fim
optei pelo canto mavioso
do novo dia, sem abrir mão
desse bendito ramo verde
tirado de coisas sensatas
para encher de sereno a ternura.

Da cena enramada no meu bico
deixei que eu viesse utópico,
sabedor duma união geral
no sono que mantém um sonho
capaz de derrotar todos os danos
no enfrentamento dessa vida
urdida há milênios por ódios.
Já me avistava no meu lar esférico
do que me tornei com fortes laços.

Pelos campos onde os olhos
aprendem o amor com sobras
exalavam meus suspiros e enleios.
Sem mais precisar da lágrima
que derrame dores constantes
advindas de confrontos perversos,
que a vida se torna afável quando
venerada nas tuas leis, mãe azul.

Basta-me ser os agrados
que dos céus herdastes
pois que dos céus és filha.
E eu no enigma de ti sou fruto
mais o outro no jogo do mundo.
Decerto agora razão e emoção
no som dessa música próxima
afloram anunciando a benção
dessas rações de tudo para todos,
entre os verdes que despontam
e os maduros caindo aos montes.

Heloísa Prazeres*

minibiografia

no pleno inverno de minha infância
desci a Rua do Canal, atravessei
o Largo Pontalzinho e subi mais
desci o bairro de pijama colorido
flanela do trajeto ao sol posto
travesseiro colado ao coração
(como antes via nos aeroportos)
era a chancela de minha companhia
aos primos órfãos do mês de maio
no ir e vir dos oito anos já era junho
e eu aviava o sonho de fraternidade
no estremecido luto de família

* Heloísa Prazeres, professora adjunta, aposentada pela UFBA. Cumpriu o doutorado na University of Cincinnati, OH, Estados Unidos. Natural de Itabuna, poeta, ensaísta e pesquisadora, desenvolve sua escrita principalmente no gênero lírico. Foi titular e pesquisadora da Universidade Salvador (UNIFACS) e coordenou o Núcleo de Referência Cultural da Fundação Cultural do Estado da Bahia (2004 -2007). Heloísa Prazeres possui vasta produção acadêmica, com artigos publicados em diversas revistas especializadas. Obra principal: Temas e Teimas em narrativas baianas do centro-sul (2000), Pequena história, poemas selecionados (2014), Casa onde habitamos, poemas (2016), Arcos de sentidos, literatura, tradução e memória cultural (2018), Tenda acesa, poemas (2020) e A vigília dos peixes, poemas (2021). Desde julho de 2021 Heloísa Prazeres ocupa a Cadeira nº 26, na Academia de Letras da Bahia. Membro, recém-eleita, da Academia de Letras de Itabuna, ALITA.

ocasião quando fui protagonista
da orfandade do outro em tenra idade
a mesma que em trânsito carrego
encostada ao peito a pluma antiga

Constant

a prole fora mesmo sua posse
corpos twist calças lavadas
calçados de pistas dançarinas
menos aquelas novas primas livres
dançando cintura fina e rock'n roll
rabo-de-cavalo e calça jeans
bem marcadas suas bocas vermelhas
frutos e flores da casa da matriarca
cultivos de camélias e romãs
cabeceiras de assentos femininos
eram as cores do jardim de Georgina
indago então à vó por que sozinha
a pelica dos chinelos se contrai
sobre a trança de sua cabeleira
rebrilham pentes de marfim –
ouço o cristal de sua entonação

nome de família

róseas, douradas e azuis luzentes
de distinta origem trafegavam
musselines, tafetás e organzas
cambraias no colar encarecidas
enfeitadas com o bege das rendas
miçangas nos peitilhos dos vestidos
cromáticas lembranças de telas
matizes de saias em xadrez
alinhados com a delicada
seda de blusas pregueadas
das vestes não exalava o chocolate
sequer o odor do fumo dos charutos
acesos com as cédulas da prosperidade
portadora do nome de família
vesti a cultura do aparato
apreciando a arte das estampas
das tramas áureas dos Oliveira

elementares

a cidade ali no largo tendas várias
vestiam o espaço gestos vivos
entre homens empurravam-se
mulheres na algazarra do calor
que escalda e despedaça o viço

e escorre o visgo do cacau
tocaias e guerras entre famílias
tudo serviço de fazer crescer
propriedade e aumentar chão
tituladas registradas invadidas
roubadas suas safras expulsavam
os roceiros de suas granjas
rodas exaltadas de armazéns
terra calor e mel de amêndoas
meus olhos voltados para as barras
dos torrões de chocolate bem à vista
na vitrina do balcão

boas festas

trajes de gala da primeira fila
viajam pela nave voam laudas
da homilia da noite de Natal
nas laterais salvo o meu lugar
o fluxo da nave me embalança
escondo os próprios fascínios
bem dentro da sagrada manjedoura
o brilho excessivo dos vestidos
desordena os assentos dos bancos
(sinto o atravessamento do espaço)
sob as luzes anuais da quermesse
acendem-se rosados e amarelos
e os ouvidos voltam-se à escuta

das páginas dos alto-falantes
recados cifrados já circulam
os meus olhos cobiçam a densidade
e a espessura do corpo libanês

Um livro escrito na “jamais vã vigília da poesia” e que assim nos lê, espreita, inquieta e instiga ao estado de repouso em alerta. Um livro que pede para ser lido e relido, que nos toca com seu intenso lirismo e convida ao recomeço sem cessar, como o “ofício de poeta para a reconstrução do mundo” (Sophia M. B. Andresen). É mais um belo livro presente da poeta Heloísa Prazeres, que nos acolhe, em “nesga de convívio” e esperança.

06 de novembro de 2021

Maria Mortatti

Ruy Póvoas*

Labuta

Tem gente
se acabando
para construir
um soneto.
Outros, se matando
para ser segunda voz
na gravação de um dueto.
Religiosos se virando
para garantir um lugar
no eterno reino da glória.
Enquanto os descrentes
nesse monte de história,
não querem nem saber
dos que vivem a paranoia.

* Fundador e liderança do Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon em Itabuna - BA. Licenciado em Letras (FAFI), Mestre em Letras Vernáculas (UFRJ), Doutor Honoris Causa (UESC). Escritor com vasta produção em verso e prosa. Fundador do NEAB da UESC. Editor do Jornal Tàkàdá, do Caderno e Revista Kâwé. Ocupa a cadeira 18 da Academia de Letras de Ilhéus. Na Academia de Letras de Itabuna, ocupa a Cadeira 13, cujo patrono é Plínio de Almeida

Lexicografia

Lenço é um paninho,
mas Bom Jesus
não é bom Genésio.
Quem estiver no alto
certamente é um egrégio.
Aquilo que se perde
costuma acontecer
quando a vaca vai pro brejo.
E quem não sabe rezar
termina ofendendo a Deus,
afogado em sacrilégios.

Filmagem

A esmo,
rua a baixo,
rua a cima,
procurando pela sorte,
o rei e sua grei,
o mendigo e sua corte.
De vez em quando,
erram a porta.
Abruptamente,
o diretor grita:
"Corta!"
E em vez de verem a vida,
dão de cara com a morte.

Raquel Rocha*

Cárcere

As paredes agonizantes
O chão gélido
A escuridão enlouquecedora
O algoz que fere
A dor lancinante

Não há mais lugar para ferir
Ela é toda ferida
Tortura, torpor, tempo

Tenta estancar o sangue para não morrer
Respira o tormento
Grita inaudível
Sufoca-se na exaustão

1 Possui graduações em Psicologia pela Faculdade do Sul, em Comunicação Social - Rádio e TV pela Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC e em Ciências Econômicas também pela UESC. Pós-graduada em Saúde Mental, Neuropsicologia e Terapia Familiar. Formação em Psicanálise Sociedade Brasileira de Psicanálise em Intensão e Extensão. Como cineasta dirigiu os seguintes documentários: Nos trilhos do tempo (2009), Itabuna 100 anos- a história contada (2010), Ferradas- um berço amado (2011), Pecado perdoado (2011), Onde planto uma canção (2012) Cacau para sempre (2012), Nadja (2013) e Waldomiro volta pra casa (2014). No Teatro produziu a "Paixão de cristo em cordel" e foi diretora da peça "Enfant terrible- o cinza". No campo da Comunicação também desenvolve trabalhos como Apresentadora de TV e escreve artigos para jornais e revistas. Na Academia de Letras de Itabuna-ALITA, ocupa a cadeira número 25, tendo como patrona Elvira Foepel.

Se arrasta fraca, febril, flagelo
Escuta a luz do lado de fora
Sente a vida pulsar dentro de si
Ouvindo dizer que liberdade explode em ondas cintilantes

Sabe que a porta está aberta
E extenuada pede forças
Para suportar a prisão

Pedra mundo

Era uma pedra do tamanho do mundo inteiro
O sol morno, a brisa fria...
Gritos e sorrisos
Palavras e Puridades

O medo de cair do mundo
Calor caminhando pelas veias
Olhos vagalumes
Coração buliçoso
Cansada, deitava, e sorria pro céu.

Aquela pedra era o melhor lugar só dela
Lugar de ser livre
De ser perigo
De ser menina
De ser rainha

A pedra permanece na menina
Que não é mais menina, nem rainha

Contaram para ela que a pedra é pequena
Ela não quis ver
Prefere que a pedra ainda seja mundo
Porque seus sonhos passeiam por lá
Correm com vento
Trocaram confidências com a brisa
São afagados pelo sol
Quando cansados, deitam-se e sorriem pro céu.

Renato de Oliveira Prata*

Ser de brinquedo

Vive em nós um menino-operário
Que, na vida, trocamos de brinquedo
Seja aquele mister utilitário
Ou bem outro - trazido em segredo.
O tempo dedicado não é ócio
Até porque ocupa a vida inteira
Para um bando, é fissura por negócio
Para tantos, prazer de estar à beira.
Cada qual, a seu tempo, todavia
E sempre a conservar algum estilo
Lúdico, se desvela em mania.
Se passatempo, nele eu me asilo
E o próprio tempo elege a fantasia
Quando fingimos um viver tranquilo.

* Graduou-se em Direito pela faculdade de Direito. Exerceu profissionalmente a função de Auditor Fiscal do Ministério da Fazenda. Apesar de ter produzido desde a sua juventude, apenas após a aposentadoria é que Renato passa a dedicar-se exclusivamente à literatura. Participou das antologias "Poetas da Bahia II" (Expogeo, 2002) e "Poetas da Bahia III" (Expogeo, 2015). Na Academia de Letras de Itabuna, onde ocupa a cadeira de nº 20.

O vendedor de cata-ventos

Visto que não peguei asa-delta
Nem o oxigênio das bolas de festa
Sequer os balões-de-soprar-coloridos
Vesti meus próprios cata-ventos
Incontáveis e giratórios.
Conto porém do impulso eólico
Que me retirou do Aterro
E de suas platitudes
Tenho por ora a gratuidade do voo
Tal a graça de existir apenas
Em diárias prestações
E este sopro.

Barco em banco de areia

Sou este navio soturno
Que me perdi dos astros
E ao mar já não deito
Rastro de ondas partidas.
Aos portos eu deixei
Carvão e alabastro
E - por horizontes de neblina
Mastros apagados.
Tal o desgaste do casco
Ora, zarcão ou ferrugem

Que mais emplastro eu vejo?
Então, diverso, me alastro
Em hábito de sal
E luzes ao maçarico.

Canto do meio-dia

Da vida quero pouco
Eu quero a vida
Ela, simplesmente, enquanto me tiver
Esta consciência de que natureza sou
Pelas leis e mistérios que atuam em meu corpo
Sou milagre pontual do minuto
Que passa e não passa.
Infante, eu me ensinava a verdade elementar
Do gosto da pedra
Da tepidez verde-nova do broto
Eu sabia que voava
No instante vertiginoso do pulo
E que o cheiro das plantas nos quintais
Queimadas pelo sol da tarde
Euforizava.

À selva dos sentidos

Raios da manhã não ardo
Ardo, quando Sol a pino
Mas à noite é que desatino
E tardo
Aguardo a mesma canção...
Se é para ser um bardo
Mestre-cantor dos ventos
Pastor num campo de nardos
Andarilho do meu destino
Não temo o invasor
Moscardo
Pelo zumbir furta-cor.
Nada terei como fardo
Nem me resguardo de bramir
Vadio
Qual leopardo no cio.

Contos

O menino assassino

Ruy Póvoas*

A chama avermelhada dançava igual a uma maluca no bico da candeia. Um raio tinha caído sobre um transformador, provocando um apagão em todo o bairro. Primeiro, o isqueiro; depois, a vela; em seguida, a lanterna do celular; finalmente, o candeeiro encontrado na prateleira do armário das tralhas, após tanto tempo esquecido. A escuridão dominava o lá fora. Em mim, uma vontade enorme de também acender uma luz nos meus escuros.

Andei pela casa toda com o candeeiro na mão. Já nem sabia o que fazer de mim mesmo, tão mergulhado naquele duplo apagão. Um, do lado de fora, fazendo o apartamento me parecer uma fantasmagoria. O outro, dentro de mim, pois há tempos eu vivia sem saber o que fazer para me livrar de gente chata, principalmente de mim mesmo, nas minhas chatices.

Momentos como esse nos remetem de volta ao caos pré-existente aos primórdios da criação. Mas agora, não temos mais

* Fundador e liderança do Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon em Itabuna - BA. Licenciado em Letras (FAFI), Mestre em Letras Vernáculas (UFRJ), Doutor Honoris Causa (UESC). Escritor com vasta produção em verso e prosa. Fundador do NEAB da UESC. Editor do Jornal Tàkàdá, do Caderno e Revista Kàwé. Ocupa a cadeira 18 da Academia de Letras de Ilhéus. Na Academia de Letras de Itabuna, ocupa a Cadeira 13, cujo patrono é Plínio de Almeida.

quem dê o brado: “Fiat lux!” De uns tempos para cá, só se ouve o berro: “Fiat obscurum!” E a escuridão tem embrulhado constantemente os que se dizem humanos. Parece até uma sentença eterna: servir à escuridão. E os escuros da alma abriram o alçapão e vêm constantemente cá fora. Não à busca da luz, mas justamente para apagar os fiapos que ainda restam dela.

A bem da verdade, meu escuro pessoal – sim, existem os escuros pessoais e os coletivos – apontou seu primeiro estilete, quando eu vivia meus doze anos. Foi quando me deu vontade de esfaquear um colega meu. Eu tinha comprado uma faquinha de meu primo Luís. Aliás, meu pai comprou diante de minha insistência. A faquinha tinha a forma de um sonho. E os sonhos não são para serem descritos.

Esfaquear um colega?! Sim, isso mesmo. Aquele Silas entendeu de me azucrinar com um apelido que eu detestava. Uma noite, a queda da energia elétrica em meu bairro, tal qual acaba de acontecer aqui e agora, provocou um apagão exemplar. Aproveitei a escuridão, apanhei minha faquinha, e saí à rua, disposto a esfaquear Silas. Chegava a sentir o cheiro almiscarado do sangue. Brotava de minha escuridão.

Topei com Silas na porta do Bar Progresso. Não contei conversa:

– Se você for homem, diga agora aquele apelido que você anda botando em mim!

E o infeliz gritou bem alto:

– Macaca de Tarzan!

Ao tempo em que repetia o apelido, Silas marchou sobre mim e segurou firme a mão em que eu empunhava a faquinha. Rodamos feito perus, um em torno do outro, em movimentos tormentosos. De longe, quem nos visse haveria de entender

que desenvolvíamos um bailado. Os colegas que estavam com Silas organizaram uma torcida imediatamente. Ninguém pensava em morte, apenas eu. Queria porque queria matar Silas com tantas facadas, quantas minhas forças permitissem.

Quanto tempo dancei com Silas? Sabe Deus. Deve ter sido uma eternidade. Quem vai poder contar o tempo transcorrido, quando se está sob o domínio da escuridão?

Um irmão de Silas emergiu das sombras externas e fez parceria com o futuro finado, no afã de me desarmar. Silas segurando meu punho, minha mão trancada no cabo da faquinha. Nossos braços, grudados pelas mãos, desenvolviam um movimento frenético de sobe e desce, numa agonia de vai e vem. Enquanto isso, o irmão de Silas rodopiava em torno de nós. Agora, éramos um trio de bichos pré-históricos, numa luta desleal de dois contra um.

A escuridão, no entanto, também tem os seus poderes. E, naquele instante, creio, ela já se sentia a grande vitoriosa. O sangue de Silas haveria de enlugar minha mão, encharcar meu braço, manchar minhas roupas e as dele. Por fim, poças de sangue haveriam de marcar o lugar da matança.

Na dança do vai e vem da luz com a escuridão, desenvolvida desde os princípios, sempre houve alternância de poder entre elas. E, quando a escuridão bem não esperava, Seu Dudu se fez luz, apartou-se do escuro e marchou sobre mim e Silas, anunciando-se numa voz poderosa e firme:

– Alto lá, vocês! O que é isso?! Meninos filhos de boas famílias querendo se matar?

Era um tempo em que a simples presença de um mais velho era suficiente para mudar o rumo do comportamento da gente mais moça. Ai, ai, como tudo se acaba.

A pino, uma lua minguante se esforçava para clarear a praça mergulhada na escuridão. Seu Dudu nos apartou e tomou a faca de minha mão. Passou aquele carão em nós dois e também nos demais que faziam a torcida. Por fim, nos mandou que cada um voltasse para sua casa.

Saí da porta do Bar Progresso às carreiras e fui tomar fôlego na beira do mar. Por dentro, um dor moedeira. Não matei Silas, tomei um carão de Seu Dudu e – o que era gravíssimo – além de sequestrar minha faquinha, certamente ele iria contar a meu pai. Só Deus saberia o resultado de tanta infelicidade. Minha parte assassina, envergonhada de si mesma, recolheu-se para dentro de mim, fazendo de conta que nada tinha acontecido.

Quando minha respiração se acalmou, fui embora para minha casa, procedendo igualzinho como fez minha escuridão. Minha mãe ainda reclamou comigo, querendo saber onde eu estava naquela noite escura. Inventei uma explicação qualquer e as coisas se acalmaram.

Varei a noite num sono só. No dia seguinte, o sol surgiu com toda força. A luz dissolveu a escuridão. Mas havia Seu Dudu, havia minha faquinha tomada de mim e, sobretudo, havia meu pai. O pior: Silas continuava vivo. O ódio dele contra mim deveria estar mais acirrado ainda, tanto quanto estava o meu contra ele.

Os dias foram passando, e meu pai não tocava naquele assunto. Sinal de que Seu Dudu ainda não tinha contado nada a ele. Mas o sentimento de perda da minha faquinha me triturava por dentro. Minha alma, agora, só tinha uma banda.

Evitei sair de casa por vários dias. Era do colégio para casa, de casa para o colégio. O máximo que eu me permitia era me sentar na calçada de minha casa. Também não vi Silas

nem ninguém da turma dele. De vez em quando, aquela vontade assassina vinha à tona. Eu queria ser um assassino, mas um assassino de Silas. Só me daria por satisfeito, vendo o sangue dele borbotando das facadas.

Eu disfarçava muito bem toda aquela tempestade que desabava dentro de mim. Todo mundo sabe, no entanto, que a juventude tanto é atrevida, quanto também tem de esquecida. Terminei me acalmando.

Lá um dia, eu estava assim, desinclinado, quando meu pai chegou da rua e foi logo me chamando às falas. O efeito Dudu foi instalado. Reclamação de Seu Dudu era uma coisa; desapontar meu pai era outra, bem diferente. Não, não foi uma conversa; foi um inquérito com direito a tudo: semblante fechado, voz alterada, navalhadas sob forma de palavras.

Meu pai me mostrou minha faquinha que Seu Dudu tinha entregado a ele. Eu não tinha forças nem coragem de enfrentar o olhar de meu pai. Finalmente, a sentença:

– Você não merece ter esta faca!

Enterrei a cabeça no chão. Agora, era eu quem estava sendo esfaqueado. As facadas de meu pai atingiram aquela porta por trás da qual meu instinto assassino estava escondido. Porta arrombada, instinto esfaqueado, o sangue escuro escorrendo pelo chão.

A última frase de meu pai:

– As diferenças não são resolvidas com sangue.

Nunca mais desejei matar ninguém. Houve uma coisa, porém: daquele dia em diante, também nunca mais consegui matar certas situações incômodas, conversas com pessoas chatas, com gente que só vive se queixando, ou que gasta o tempo com conversas bestas. Tem sido um preço alto

por não conseguir matar tantos “silas” vida a fora. Fiquei desarmado para sempre, por meu próprio pai, para matar.

Ah! A faquinha? Nunca mais quis saber dela. Foi morar nos meus sonhos. Conforme se sabe, porém, todo sonho, para se sustentar, não deve acontecer, pois o sonho do sonho é se transformar em utopia.

Pronto. A energia elétrica foi restabelecida. Minha casa já está toda iluminada, mas a lâmpada da despensa queimou. Depois, verei isso.

A casa mais feliz do mundo

Raquel Rocha*



1 Possui graduações em Psicologia pela Faculdade do Sul, em Comunicação Social - Rádio e TV pela Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC e em Ciências Econômicas também pela UESC. Pós-graduada em Saúde Mental, Neuropsicologia e Terapia Familiar. Formação em Psicanálise Sociedade Brasileira de Psicanálise em Intensão e Extensão. Como cineasta dirigiu os seguintes documentários: Nos trilhos do tempo (2009), Itabuna 100 anos- a história contada (2010), Ferradas- um berço amado (2011), Pecado perdoado (2011), Onde planto uma canção (2012) Cacau para sempre (2012), Nadja (2013) e Waldomiro volta pra casa (2014). No Teatro produziu a "Paixão de cristo em cordel" e foi diretora da peça "Enfant terrible- o cinza". No campo da Comunicação também desenvolve trabalhos como Apresentadora de TV e escreve artigos para jornais e revistas. Na Academia de Letras de Itabuna-ALITA, ocupa a cadeira número 25, tendo como patrona Elvira Foepel.

Ficava à beira da estrada, uma estrada de terra amarela, numa época em que quase não havia carros. O movimento que se via era de cavalos, de jumentos, de pessoas a pé. As crianças faziam festa, eufóricas, ao avistarem qualquer movimento ao longe. Seu Manoel venerava aquela casa, a casa que foi construída por seu pai. Ele adorava morar à beira da estrada, adorava conversar com as dezenas de compadres e comadres que passavam, adorava servir água aos passantes porque no sertão, de alguma forma, todos se ajudam. Havia uma irmandade silenciosa entre todos que viviam e passavam por aquela terra amarelada.

Quando seu Manoel estava na lida, Dona Maria era quem fazia as honras da casa. Lá vinha um viajante ao longe e Dona Maria já corria ao pote para pegar água fresquinha. Os nove filhos olhavam curiosos e excitados para os que passavam. De onde vinham? Para onde iam? Poucas vezes haviam saído dali e o que tinham visto, quando saíam, era sempre menor que aquela casa. Aquela era a maior e mais feliz casa do mundo.

O amor de Seu Manoel por aquele chão vinha de herança: seu pai havia nascido, construído e se ido naquela casa. Sentia-se orgulhoso de tê-la herdado e pretendia honrar aquele chão até o fim dos seus dias. E assim a vida era feliz... Seu Manoel se sentia um Rei na varanda daquela grande casa, à beira da estrada. Estufava o peito de orgulho, sentado na varanda com sua esposa ao seu lado e seus nove filhos brincando no terreiro.

Mas o tempo foi passando e os carros foram surgindo... Estes levantavam mais poeira que os animais. As pessoas dos carros não paravam para pedir água, muito menos para aquele “dedim de prosa”. Dona Maria não notou, estava muito ocupada

nas tarefas de casa, limpando poeira, jogando água no terreiro antes de varrer com a vassoura feita de alecrim do mato. Mas seu Manoel notou... as pessoas dos carros nem olhavam mais para sua casa à beira da estrada.

As crianças foram crescendo... de repente, aquela casa enorme parecia pequena para elas. Uma a uma foram ganhando o mundo, que agora se agigantava. Arrumavam empregos, esposas e maridos... A chuva era cada vez mais escassa, a poeira cada vez maior naquela terra onde apenas Seu Manoel e Dona Maria ficaram. Jamais saíram de lá, juraram morrer naquele pedaço de chão, naquela grande casa à beira da estrada.

Nas datas religiosas os filhos não apareciam, estavam longe. As passagens eram caras, os trabalhos não davam folgas. Os compadres e comadres já não os visitavam com tanta frequência, estavam doentes, artrite, artrose, coração... Aos poucos iam morrendo e, somente nesses momentos, Seu Manoel e Dona Maria deixavam aquela casa. Para se despedir dos amigos, para velar seus corpos a noite inteira, com o respeito e afeto de uma vida de cumplicidade e amor àquele chão amarelo que os ligava.

Um dia, Dona Maria deitou ao lado de seu Manoel e também se foi. Na cama em que pariu seus filhos, na mesma cama em que rezava. Não ficou doente, não sofreu, não foi ao hospital. Apenas o dia amanheceu e ela não se levantou. A lida da casa esperava, mas ela não se levantou. E então a casa acolheu as poucas pessoas do velório que chegavam. Nem todos os filhos puderam vir. Empregos, filhos, distância... No mundo lá fora, tudo pesava.

Seu Manoel ficou sozinho na velha casa. Ficou, porque para ele aquela ainda era a maior casa do mundo, embora já não fosse a mais feliz. Aprendeu a preparar sua comida, algo que nunca tinha feito antes. Não aprendeu a limpar a casa, não como Dona Maria. A poeira se acumulava, tudo amarelava... Ele ouvia a voz da esposa, mandando-o tirar as botas antes de entrar, ouvia os gritos animados das crianças que haviam avistado movimento na estrada, escutava a voz forte do seu pai contando sobre como foi construir aquela casa numa época em que as distâncias pareciam muito mais distantes. Seu Manoel se sentia tão solitário que passou a conversar com aquelas vozes. Ele não tomava banho porque Dona Maria não estava lá para mandar, ele já não preparava as refeições porque era triste comer sozinho.

A chuva era cada vez mais escassa, a poeira cada vez maior. Seu Manoel sentava na varanda dias e dias que não terminavam, grudados um no outro, e ele ia ficando tão amarelado e tão envelhecido quanto a casa.

Um dia, sua filha apareceu para visitá-lo e, vendo o estado do pai, que estava sujo e sozinho falava, decidiu que ele não poderia mais viver assim. Seu Manoel se recusou a sair, disse que morreria naquela casa, como seu pai.

Mas pessoas vieram, deram-lhe remédios e ele foi arrancado de lá. Assim como lhe arrancaram seu nome. Hoje, seu genro o chama de “velho”. O aceita em sua casa por causa da sua aposentadoria. Seu Manoel não tem mais a cor da poeira, tem uma cor pálida de quem nunca sai de um quarto minúsculo, cor engessada, desbotada... Ele toma muitos comprimidos, mas ainda assim as vozes continuam: a de Dona Maria, as dos filhos

pequenos e do seu velho pai, pedindo-lhe que cuide da casa. Seu Manoel não pode cumprir o que prometeu ao pai, não consegue mais nem se levantar, não tem mais vontade própria, Seu Manoel deixou de ser Rei.

Há muito a velha casa foi posta à venda, mas ninguém quis comprar. A chuva é cada vez mais escassa, a poeira, cada vez maior. Quando vendida, aquela pequena terra será dividida por nove filhos, não vai dar quase nada... Por isso, a velha casa fica esquecida à beira da estrada, abandonada, empoeirada... Ela é triste, mas ainda conserva o orgulho de um dia ter sido a casa mais feliz do mundo.

Eu sei disso porque passei por lá. Eu estava de carro, porém parei, assim como os antigos paravam em seus cavalos. Parei porque quando a gente vê uma casa como essa, a gente tem que parar. Parei diante da casa que, mesmo empoeirada, cintilava... Parei para um dedim de prosa, e aquela velha casa me contou...

Outros
textos

Eu e Ilhéus: uma história de amor

Marcos Antonio Santos Bandeira*

Um lugar onde nossos pensamentos fazem eco transcendendo os limites do universo palpável da realidade social; onde o tempo da memória retorna devagar e onde a magia de seus encantos se revela nos versos dos poetas: essa é Ilhéus, nossa Princesa do Sul!

Ilhéus deriva de ilhéu, que traduz habitante da ilha. Sua beleza majestosa é pontificada na Catedral Dom Eduardo, cuja abóboda é vislumbrada de todos os lados, mas o seu feitiço maior nos alcança quando passamos pela ponte que liga Pontal a Ilhéus e voltamos nossas vistas para o outeiro de São Sebastião por onde a vemos esgueirando-se sobre os ombros do morro. Um pouco mais atrás avista-se os espigões da Igreja da Piedade, como se fossem arranhar os céus fazendo lembrar que a cidade de São Jorge está a seus pés.

* Graduado em Direito pela UESC, Mestre em Segurança Pública, Justiça e Cidadania pela UFBA e doutorando em Direitos Humanos pela Universidad Nacional Lomas de Zamora (Argentina). Foi Juiz de Direito no Estado da Bahia no período de 1989 a 2016, sendo titular nas Comarcas de Urandi, Camacan e Itabuna, onde se aposentou. É professor assistente de Direito da UESC e advogado militante. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a cadeira 01 tendo como patrono é Rui Barbosa.

Na moldura e no cerne de sua existência convém lembrar-nos de um pouco de sua história que serviu de cenário para muitos fatos sociais que se immortalizaram ao longo do tempo: a capitania de São Jorge dos Ilhéus coube ao escrivão da Fazenda Real de Portugal, Jorge de Figueiredo Correia, que não podendo vir, mandou em seu lugar o jovem Francisco Romero, o qual partiu do Rio Tejo em 1535 chegando nestas terras no mesmo ano, aportando inicialmente na ilha de Tinharé, depois no Morro de São Paulo, para finalmente fixar-se no cume do outeiro de São Sebastião, recebendo, a sede, inicialmente, o nome de Vila de São Jorge. A extensão territorial era muito grande, abarcando em seu leito, Itabuna, Itajuípe, até o território onde hoje se encontra edificada a capital Brasília. A primeira igreja matriz foi construída no ano de 1556.

Sua marca histórica é exposta nas letras de famosos escritores grapiúnas quando Jorge Amado exalta sua cor morena de “Gabriela Cravo e Canela” no romance entre o árabe Nacib e a morena Gabriela e no coronelismo de Misael Tavares que exerceu o cargo de intendente e era considerado o “rei do cacau”; quando Hélio Pólvora afirma que nela “aspirarmos os odores do fermento do fruto de ouro oriundos dos cochos das fazendas de cacau”; quando o Estuário do Pontal, ponto de encontro do Rio Cachoeira com o mar, serviu de inspiração para Adonias Filho divisar “Jindiba”, a árvore testemunha da então vila de pescadores do Pontal, onde suas mulheres, a exemplo de Lina do Malhado, começaram a perder seus maridos para o misterioso mar.

Ainda viajando nas asas da ficção e da realidade da região cacauzeira não podemos esquecer da figura de Juca Badaró e

Horácio da Silveira e sua luta de sangue nessas terras do sem fim onde foram immortalizadas tocaias e lutas sangrentas, passando pela disputa do poder político entre o coronel Pessoa e o coronel, Domingos Adami de Sá (Intendente que construiu o atual prédio da Prefeitura Municipal de Ilhéus). Não podemos esquecer do então jovem João Mangabeira, bacharel em Direito naquela época (1897) com 17 anos e que aos 20 anos já era intendente e deputado Federal, chegando a ser Ministro de Estado do Governo, cuja visão socialista e humanista o fez deixar para a posteridade, a seguinte lição:

“Não basta a igualdade perante a Lei.
É preciso igual oportunidade.
Igual oportunidade implica igual condição.
Porque, se as condições não são iguais,
Ninguém dirá que sejam iguais as oportunidades”.

Nessas terras do sem fim desfilaram personalidades ilustres que fizeram a história, como o advogado Ruy Penalva, o médico Soares Lopes, o meu inesquecível professor de Direito Romano, Hamilton Ignácio Castro e o seu fino trato, a firmeza de caráter e retidão profissional dos médicos José Dunham de Moura Costa e Nelson Costa, bem como de tantas almas grandiosas e de outros grandes homens que continuam a construir páginas nestas terras, como o professor e jurista Francolino Neto, Soane Nazaré de Andrade e outros idealistas que ajudaram a tornar realidade a Faculdade Católica de Direito de Ilhéus, hoje Universidade Estadual de Santa Cruz, elevando sobremodo a cultura e a formação acadêmica do povo da região sul da Bahia.

E a construção da 1ª ponte, motivo de tanto clamor dos moradores do Pontal, grande parte formada por pescadores e nativos que utilizavam barcos e balsas para se deslocarem ao centro da cidade que aprenderam a chamar de “Ilhéus”? Não obstante o poderio econômico e político, foi demorada e difícil sua construção, conforme se pode aferir nos versos de Alberto Hoisel, extraídos do discurso de posse na Academia de Letras de Ilhéus do escritor Antônio Lopes em seu livro “Solo de Trombone”:

“De moda sai o colete
em tempo que longe vai
sai Getúlio do Catete
só essa ponte não sai!
Sai Herval da Prefeitura
(seu prestígio, não decai!)
Catalão, da Agricultura...
Só essa ponte não sai!
De Abel um livro de haicai...
E Ilhéus, Terra do Cacau...
Sai livro bom, livro mau.
Só essa ponte não sai!”.

Nada mais convidativo do que saborear um autêntico kibe árabe acompanhado de um chop estupidamente gelado no Bar Vesúvio, recanto outrora dos coronéis e do famoso romance do árabe Nacib com a fascinante Gabriela, imortalizada na obra de Jorge Amado, e hoje, ponto de encontro de artistas, turistas e pessoas comuns. O bar “Vesúvio” foi inaugurado em 1919 pelos italianos Nicolau Caprichio e Vicenti Queverini, sendo adquirido por Nacib em 1945.

Sentar-se à frente do Bar Vesúvio e sentir a brisa que vem do mar é experimentar interiormente um pouco do feitiço e dos mistérios guardados nesse lugar mágico de tantas histórias, encravado entre o Teatro Municipal de Ilhéus e a majestosa Catedral D. Eduardo. As peculiaridades desta terra são vistas na linguagem ou na conduta típica de cada morador. O morador do Pontal, principalmente, quando atravessa a ponte não se dirige para o centro, mas para Ilhéus, onde Salvador é Bahia e ingerir bebida alcoólica é “comer rama”, e por aí vai... tem até praia do Marciano.

Certa feita, espaipecendo da faina diária nas bandas de Porto Seguro, saí da comodidade de um bom hotel em companhia de minha família à procura de uma barraca que fornecesse um bom caranguejo e uma lambreta”. A maratona foi árdua, pois só encontrávamos pratos típicos do Rio ou de São Paulo, quando, finalmente, para gáudio de todos os tripulantes, encontramos uma barraca do Rei do Caranguejo. O tão procurado marisco estava lá, mas com um pirão tão pálido e umas pernas por fazer que fiquei com dó do bicho. Não merecia tanto desprezo! Também, era caranguejo preparado por mineiro recém chegado à Bahia. Se eles conhecessem o Chinaê, a Barraca Guarani, o Ribeiro ou o camarão empanado do “Tio Dico” chegariam à conclusão de que a diferença começa pelo paladar.

A beleza natural realça a majestade de Ilhéus: o morro de Pernambuco a sinalizar para os navegantes de além África, o rumo a seguir; o estuário do Pontal a nos brindar com suas águas mansas; o encontro do velho Cachoeira com o mar, e as belas praias de areias extensas e margeadas por lindos coqueirais a enfeitar a orla do norte ou as praias do sul. A paradisíaca Olivença, estância hidromineral de localização privilegiada e que atrai tantos turistas,

fascinados pela beleza e tranquilidade do local, bem como pelo folclore do sincretismo religioso da puxada do mastro de São Sebastião que é erguido em frente à igreja construída pelo padre da Companhia de Jesus em 1700. Os caboclos de Olivença, provavelmente remanescentes dos tupiniquins, bem como os antigos pescadores do Pontal são pessoas simples, mas cismadas. Se você sai do meio deles e passa a ocupar algum cargo mais importante e se não cometer com eles qualquer desfeita é Deus no Céu e você na Terra, mas se você cair na desdita de, por mero descuido, não cumprimentá-los, aí, como dizem na gíria popular, “o bicho pega” e dará ensejo ao “ranço do caboclo”, configurado pelo olhar matreiro, retraído, de soslaio do caboclo, como a dizer: “esse aí é metido a besta”. Muitas vezes, a cisma cinge-se apenas ao fato de você não mais fazer parte do grupo sem ter cometido qualquer pecado contra ele, que simplesmente deixa de falar com você.

Ilhéus é desse jeito: se existe o ranço do caboclo, existe também o ranço do coronelismo, legado da época áurea do cacau e que diferencia as pessoas pelo sobrenome (patente) ou pelas arrobadas de cacau que ainda sonham que possuem, razão talvez mais funda da sociedade Ilheense ter sido tachada por alguns de “fechada”.

O turista que visita Ilhéus é o de veraneio, normalmente visualizado num casal e sua prole, que vem em busca de tranquilidade, ouvir uma boa música ao som de voz e violão e se perder na magia das ruas e maravilhosas praias de Ilhéus. Não há dúvidas que o clima ameno de Ilhéus, ou seja, quente e úmido, contribui para tudo isso.

Ilhéus é abençoada por DEUS, protegida por três padroeiros (São Jorge, São Sebastião e Nossa Senhora da Vitória),

linda por natureza, rica por sua história de lutas e enredos. Imortalizada nos versos do poeta belmontense Sosígenes Costa e do poeta Melo Barreto Filho que a imortalizou como Princesa do Sul, como se pode apreciar no seu soneto “Ilhéus”:

Ilhéus é uma esperança permanente
Voltada para o azul sem fim dos mares
É a Princesa do Sul, proclama, crente,
Quem lhe sabe a doçura dos seus lares.

Ilhéus é uma certeza que o presente
sacerdote do tempo – em seus altares
oferece ao futuro onipotente
Visão maravilhosa dos palmares!

Ah! Quantas seduções Ilhéus encerra!
E o peregrino, seduzido, anseia
Desvendar-lhe os encantos da cidade...

E antes que o peregrino alcance a terra,
Unhão ...Pontal... a terra amiga o enleia
Num amplo abraço de hospitalidade.

Ilhéus é muito mais do que os versos possam exprimir, pois a sua beleza é inefável e indefinida, só podendo ser verdadeiramente apreciada por quem teve o privilégio de desfrutar intensamente dos encantos de suas esquinas, dos seus morros que circundam a cidade, de suas praias maravilhosas, de sua gente e da pujança de sua rica história, enfim, de seus mistérios. Por isso, a chamo de “Doce Ilhéus”!

Os encantos da terra de São Jorge dos Ilhéus atraem e convidam a todos diariamente para a construção de outros fatos sociais que amanhã poderão tornar-se históricos. A terra é fértil e a imaginação emanada da inspiração dos ancestrais que pisaram neste chão é infinita...

Jorge e eu

Charles Nascimento de Sá*

Em 1993 eu me preparava para aquele que seria meu primeiro e último vestibular. Ainda cursando o terceiro período do ensino médio, no Colégio Municipal de Camacã, eu já há algum tempo me eivara pelas letras e seus encantos. Com a idade de dezoito anos, haviam decorridos três que eu me deparei com o romance *O vale do terror*, de Arthur Conan Doyle e seu personagem Sherlock Holmes. Com a memória fresca de sua leitura, eu ainda estava impulsionado pelo encanto dedutivo e pela narrativa vitoriana do pai do maior detetive do mundo.

Antes de ler o romance de Sherlock Holmes ele já era meu conhecido, ainda que de modo superficial, pelas leituras que fazia em livros escolares de Língua e Literatura em meu colégio. Foi nessas leituras que nomes, autores, personagens e estilos literários passaram a fazer parte de minha rotina. Tendo aulas pelas manhãs e passando a tarde auxiliando painho na pequena farmácia que ele possuía, podia dedicar minhas horas de trabalho em leitura prazerosa de livros de história e de literatura que tínhamos na escola.

* Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (1998), mestrado em Cultura e Turismo pela UESC/UFBA (2003), sendo Doutor em História pela UNESP/Assis/SP. É professor da UNEB Campus XVIII em Eunápolis. Autor de livros, artigos e resenhas científicas publicados por diversas editoras e revistas acadêmicas. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA ocupa a cadeira de número 40, tendo como patrono o escritor e poeta Natan Coutinho.

Ao lado de maravilhosas professoras e professores desse período, fui adentrando nesse mar tão cativante do mundo de Calíope. Isso, porém, sem nunca deixar de me embevecer nos braços e saberes de Clio. Foram meus estudos no primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio que abriram as portas para meu conhecimento sobre o mundo maravilhoso que os livros podiam dispor. Paralelo a isso, pequenas incursões no universo da literatura me faziam sorrir com os olhos e com o pensamento diante da beleza que a escrita trazia, do conhecimento que depositava no leitor e do descanso que oportunizava. Foi assim que me fui cativando pela literatura.

Já no meu segundo ano, depois do contato maravilhado que tive com Sherlock Holmes, comecei a aquisição de obras de literatura clássica. *Moby Dick*, *O Vermelho e o Negro*, *Madame de Bovary*, *Decamerão*, *Dom Quixote de La Mancha*, *Shakespeare*, *Crime e Castigo*, *Ilusões Perdidas*, *Germinal* foram algumas das obras que, de modo ávido e voraz, foram alimentando meu desejo sempre crescente pelo saber literário. Nelas me movia para caminhos, e por caminhos que me indicavam a vida, os desejos, as alegrias, medo, beleza, feiura, história, cultura e toda uma gama variada de itens que fazem do ser humano, humano.

Paralelo às leituras de autores estrangeiros, debruicei-me sobre literatos brasileiros do século XIX. As escolas do Romantismo e do Realismo brasileiros do século XIX foram itens que me nortearam na escolha desses autores. José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Manoel Antônio de Almeida me apresentaram uma prosa com extratos da cultura e sociedade brasileira típicas da construção da identidade nacional do Império, sob a égide de D. Pedro II. A leitura desses autores, e de Machado

de Assis, o maior de todos, fez com que me familiarizasse com o estilo e características da cultura nacional, que eu começara a destrinchar anos antes com minhas leituras na área de História.

Foi o apego e o amor pela leitura, aliado ao desejo de saber, que me fizeram, nas aulas de Literatura do terceiro ano do ensino Médio, sob a direção da maravilhosa professora Cássia, debruçar-me sobre o Modernismo brasileiro. Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Mario de Andrade, Oswald de Andrade seriam apresentados a mim durante as aulas de Literatura. No entanto, minha verve foi direcionada desde o início para aquele que era considerado o autor modernista e regionalista de maior sucesso: Jorge Amado. Ler sobre sua trajetória, descobrir o título de suas obras, ouvir explicações sobre seu trabalho e notar como sua produção havia sido sucesso em diversos meios, como a televisão, o cinema, música, livros, me deixaram curioso para adentrar no universo amadiano. A coisa que mais me deixava ávido pelo encontro, porém, era seu foco na região Cacaueira, e o fato de muitos de seus romances terem aí seu cenário.

Apaixonado que era, e que sou, pela região do Cacau, vivendo em Jacarecy, distrito de Camacã, com minha rotina voltada para os frutos de ouro e sua sociedade, ao me embrenhar nas matas, rios, fauna e flora que compunham as fazendas de cacau em minha terra, tive desde o início um fascínio por Jorge Amado. Queria descobri-lo, mas o tempo, a avidez em ler textos, vários livros, as aulas, provas, estágio do Magistério, dentre toda vivência da adolescência, terminavam por sempre adiar esse encontro.

Tudo mudou no vestibular de 1993. Já ali havia sido totalmente fígado pelo estudo de Clio. Entendi ainda, nos meus treze anos de idade, que para compreender o porquê de o mundo ser

o que era, isso somente seria possível se eu acolhesse o abraço do tempo, e do ser humano aí inserido. Minha escolha pela História me levou ao vestibular da UESC para essa área. Para o ano de 1993 quatro livros foram indicados. Destes, um se sobressaiu aos meus olhos, *Terras do sem fim*, de Jorge Amado. Finalmente, obrigado pela leitura da seleção da universidade eu seria apresentado ao universo de Jorge. E como isso foi impactante...

A primeira coisa que me encheu os olhos nesse livro foi seu título. *Terras do sem fim* é de uma beleza poética que nos faz logo querer saber que terras são essas, aonde o fim nunca chega, que local é esse que está sempre a ser desbravado e, ainda assim, esconde novos tesouros, que imensidão de território seria esse que nunca acaba? Passando minhas tardes na biblioteca municipal de Camacã, ou na biblioteca do Colégio Municipal eu me debruçava sobre Jorge. Nas tardes em que lá não estava, encontrava-me com sua escrita na cama de meu quarto. Ali, com o calor da tarde e o vento a bater, fui conhecendo a jornada daqueles homens e mulheres que tinham na Princesa do Sul seu lugar de conquista. O capitão João Magalhães, embusteiro e jogador, correndo de Salvador para Ilhéus, para ali ganhar dinheiro com as trapaças que fazia no jogo. O coronel Juca Badaró que, ao lado de seu irmão, Sinhô Badaró, são os adversários políticos e econômicos de outro coronel, Horácio da Silveira, na guerra pelo Sequeiro Grande, mote principal a conduzir toda a trama do romance. Ao redor desses três nomes, cruzam e se entrecruzam mulheres e homens que fazem o dia a dia da cidade de Ilhéus. A disputa pelas terras, a riqueza dos coronéis, a pobreza dos trabalhadores e sua exploração, a violência intrínseca a uma região de fronteira, os bares, cabarés, prostitutas, senhoras, religiosos, família, comida, bebida, canções,

fazendas de cacau, tudo isso, e um pouco mais, está contido nesse belo romance. A Mata Atlântica ganha relevo especial na obra. Utilizando-se do realismo fantástico Jorge Amado executa em seu segundo capítulo uma singular descrição da fauna e flora da região.

No embate vivenciado em *Terras do sem fim* me vi envolvido por um lado. Escolhi meus heróis, ainda que estes não o fossem. Tornei-me fanático defensor dos irmãos Badaró. Mais ainda pelo amor desenvolvido entre a filha de Sinhô e João Magalhães. Esse romance torna este trapaceiro mais humano e também vai convertendo suas atitudes, faz dele um integrante das terras do cacau, é nele colado o visgo do fruto de ouro, tal qual afirmara o autor no início do livro.

Em paralelo aos embates entre os Badaró e o coronel Horácio da Silveira, outras tramas e ações vão se desenrolando. O mundo das roças e fazendas de cacau, os coronéis menos poderosos, mas nem por isso menos perigosos ou violentos, as ações das senhoras da sociedade, das prostitutas, e de toda uma gama de pessoas comuns que giravam nessas terras do sem fim, de sua violência, beleza, riqueza e temores; tudo isso se encontra nesse livro. A ação vai se desenvolvendo num crescendo, os inimigos vão se armando de questões legais, busca por títulos, homens, armas, aliados. O cenário vai se direcionando para o embate final, o momento em que os dois grupos opostos irão concretizar sua luta. E esta ocorre! É brutal, dura e define, sem possibilidade de mudança, o lado vencedor: numa série de ações mal feitas, tanto do ponto de vista legal quanto do ponto de vista bélico e geopolítico, os Badaró são defenestrados pelo coronel Horácio e seus aliados. A terra do Sequeiro Grande é incorporada ao império de Silveira, e este consolida-se como o maior produtor de cacau do mundo

e líder político incontestado das terras Grapiúnas. Por meio da terra adubada com sangue os novos pés de cacau aí plantados cresceram viçosos e com poucos anos de plantio já estão dando frutos, de ouro, é claro.

Ler *Terras do sem fim* descortinou para mim, nos meses iniciais de minha maioridade, um mundo novo e cheio de beleza e fantasia. A leitura de Jorge Amado me fez descobrir um autor culto, com textos e palavras que brincavam entre o erudito e o popular. Um autor que fazia uso de expressões consideradas chulas mas que, ao mesmo tempo, perfilava em seu enredo termos e conceitos que apenas a boa formação escolar, e a leitura da boa literatura, podia produzir. *Terras do sem fim* descortinou meu caminho para entrar em contato com *Tocaia Grande*, *Mar Morto*, *Tenda dos Milagres*, *Tieta*, *Dona Flor*, *Tereza Batista*, *A descoberta da América pelos turcos*, *Capitães da Areia*, etc.

Jorge Amado tornou-se, assim, meu autor predileto no cenário nacional. Daí em diante, descortinei diversos outros textos seus, em todos me delicieei e descobri novos mundos, novos heróis e heroínas, ação, violência, saberes, regiões, cidades, ruas, casas, povos, natureza, música, piadas, culinária e tantas outras coisas que me fizeram entender: houve em nossa terra do cacau grandes e maravilhosos autores, no entanto, nenhum tem o charme e a beleza lírica de Jorge, tão Amado.

Referências:

AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Os trilhos da esperança

João Otavio Macedo*

O jovem arraial de Tabocas crescia vertiginosamente e mais sergipanos e baianos de outras paragens por aqui chegavam, atraídos pela fama do novo núcleo habitacional e a nova riqueza que despontava das matas: os “frutos de ouro” dos cacauais. Estávamos nos albores do século XX e já se discutia sobre a emancipação política para livrar-nos dos grilhões que nos prendiam a Ilhéus. A chegada do novo século parece que deu um maior impulso às atividades, visando a emancipação, mas muita coisa ainda teria que ser feita.

O deslocamento das pessoas da pujante vila em direção a Ilhéus ou, para o oeste, em direção aos sertões de Conquista e norte de Minas, era feito a pé ou em lombo das mulas, já que o

* Natural de Itabuna, região cacauzeira do sul da Bahia, João Otavio de Oliveira Macedo, filho de Octavio Moreira de Macedo e Lindaura de Oliveira Macedo, nasceu em 10 de fevereiro de 1940. Casado com Zina Barbosa Lima de Oliveira Macedo, pediatra, têm três filhos: João Otavio, Márcio e Marlos. cursou medicina na Universidade Federal da Bahia - UFBA graduando-se em 1968 onde também realizou pós-graduação em Urologia no Hospital Prof.º Edgard Santos e fez residência em Cirurgia e Urologia. Publicou as obras: Santa Casa de Misericórdia de Itabuna - uma história edificante (1978); Vivendo o Servir - em comemoração aos 50 anos do Rotary Clube de Itabuna; Centenário da Santa Casa de Misericórdia de Itabuna - um século de bons serviços (2017) e Santa Casa de Misericórdia de Itabuna - Novos desafios (2008). Na Academia de Letras de Itabuna ocupa a cadeira de número 30 tendo como patrono Hélio Nunes.

rio Cachoeira não oferecia condições de navegabilidade, a não ser naquele trecho pequeno que vai de Ilhéus ao Banco da Vitória. A imensidão do país já reclamava por novos meios de transporte, assim como aquela movimentação febril que ocorreu logo após a Revolução Industrial, no século XVIII; já em 1804, o engenheiro inglês Richard Trevitnik, seguindo as descobertas e os estudos de Papin, James Watt e outros “bambas” da física, criou a primeira locomotiva a rolar sobre trilhos. Isso no País de Gales, tendo percorrido 15 km., usando o vapor como força motriz; em 1813, George Stephenson, utilizou a tração a vapor em estradas de ferro e a primeira composição ferroviária percorreu 51 km, transportando 600 passageiros e 60 toneladas de cargas, fato ocorrido em 27 de setembro de 1825.

Essas experiências fantásticas ocorridas no Reino Unido ganharam o mundo e o novo e eficiente meio de transporte surgiu em vários países, expandindo as fronteiras, aumentando a mobilidade das pessoas, que passaram a substituir as montarias e as carruagens pelo novo transporte ferroviário.

Uma conquista dessa natureza não poderia deixar de chegar ao nosso Brasil e, em 1854, graças ao empreendedorismo do Barão de Mauá, foi inaugurado o primeiro trecho ferroviário, de 14,5 km, ligando o Porto de Estrela à Raiz da Serra, no Estado do Rio de Janeiro, próximo a Petrópolis.

A segunda ferrovia construída no Brasil foi a Recife/ São Francisco, inaugurada no dia 08 de fevereiro de 1858. Daí em diante, ocorreu uma febril movimentação em favor da construção de novas ferrovias, a fim de facilitar o deslocamento das pessoas e, também, das mercadorias... A produção agrícola como o café, o algodão, o açúcar, produtos oriundos do interior de Minas Gerais, de S. Paulo e, também, dos estados nordestinos, passaram a ser

conduzidos através do transporte ferroviário, e isso também concorreu para o surgimento de várias vilas, povoados e cidades.

Em nosso Estado, a primeira estrada de ferro construída foi a Bahia /São Francisco, que passou a funcionar a partir de 1896, com um percurso de 575,4 km.

Um avanço desse porte não poderia deixar de chegar por estas bandas; a economia cacaueteira estava crescendo e, desde o início do século XX, tomando-se conhecimento da instalação de ferrovias em outras regiões do Estado, as lideranças locais também começaram a movimentar -se, visando trazer a nova conquista para a nossa região cacaueteira.

Depois de algumas tentativas que não deram certo, em 1908, a *The State of Bahia South Western Rail Way Company Limited* conseguiu a concessão estadual para construir uma ferrovia, cuja ideia inicial seria começar em Ilhéus, passando por Itabuna e outras localidades e indo até Vitória da Conquista. Em razão disso, observava-se que o nome escolhido foi Estrada de Ferro Ilhéus/Conquista (EFIC). Essa ferrovia seria interligada com outras situadas no oeste da Bahia e norte de Minas e, dessa forma, estaria realizada a ligação ferroviária por boa parte do território nacional.

O primeiro trecho da nova estrada ia de Ilhéus até o distrito de Aritaguá, com 16 km, e foi inaugurado em 1907. No dia 21 de agosto de 1913 foi inaugurado o trecho até Itabuna. O percurso Ilhéus/Itabuna era de 59 km e havia um importante entroncamento ferroviário no Rio do Braço, de onde partiam ramais para Itabuna, Sequeiro de Espinho (Itajuípe), Água Preta (Uruçuca) e Poiri (Aurelino Leal).

A inauguração dessa ferrovia mudou muito o panorama das cidades. O que era feito a pé, ou em montaria,

passou a ser movimentado pelo trem; algumas fazendas de cacau, às margens da estrada, passaram a transportar os “frutos de ouro” pela ferrovia, em direção ao porto de Ilhéus e, dessa vizinha cidade, as “novidades” que eram trazidas do sul do país e do exterior, rapidamente chegavam até nós, itabunenses.

A composição ferroviária, capitaneada pela imponente locomotiva, apelidada de “Maria Fumaça”, passou a integrar o panorama da cidade e o seu apito saudoso servia para marcar encontros, negócios, ou mesmo para acertar o relógio, já que a Maria Fumaça era muito pontual.

O transporte ferroviário serviu a esta parte da Bahia durante 51 anos e ajudou no progresso da cidade e da região. Na década de 60, houve um Ministro dos Transportes que promoveu uma verdadeira derrocada no transporte ferroviário, e trilhos e mais trilhos foram arrancados; priorizando-se, tal como hoje, o transporte rodoviário.

Muitos trechos servidos por algumas ferrovias poderiam continuar atuando, até como um chamamento turístico, tal como ocorre em algumas ferrovias paulistas, mineiras e gaúchas.

E os “trilhos da esperança”, que deveriam chegar até o planalto da Conquista, não passaram de nossa Itabuna, mas, por algumas décadas, nos serviram e nos encantaram.

Quando menino, eu costumava ir de trem para Ilhéus e para Água Preta e, ao escrever estas linhas e ler o primoroso trabalho de Manoel Tenório Junior, intitulado “Caminhos de Ferro – a história da ferrovia na Região Cacaueira”,* transporto-me, no pensamento, a uma época bem diferente da atual: mais calma, mais fraterna e mais sonhadora.

Ferradas na história do gramado

Gustavo Veloso*

Falar da história do futebol de Ferradas e sua inserção no cenário nacional e internacional exige um breve retorno ao passado. Para atender aos objetivos da expansão econômica europeia foi criado, em Ferradas, em 1814, o Aldeamento de São Pedro de Alcântara com data de fundação de doze de outubro em homenagem ao Imperador. O Ouvidor Balthazar da Silva Lisboa, procurando atender às necessidades da coroa portuguesa, requisitou ao Vice - Rei do Brasil, a nomeação de um missionário. Foi indicado Frei Ludovico de Livorne para desenvolver ação catequética na única povoação existente, na mataria bruta, situada entre Ilhéus e o Sertão da Ressaca, sentido Minas Gerais.

A tentativa inicial de expansão da agricultura cacaueira, tendo como ponto de partida a Vila de Ilhéus e, a partir daí, para os quatro sentidos (norte, sul, leste e oeste), por diversos motivos,

* Gustavo Veloso, é ferradense, contabilista, com bacharelado em Direito, aprofundamento em Auditoria e Direito Empresarial, especialização em Direito Tributário, Fundador do time amador Ferradas Futebol Clube FFC em 1977, da Sociedade Desportiva Ferradense SDF em 06/07/1985, filiada a Liga Itabunense de Desportos Atlético. Autor de diversos livros sobre Ferradas. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a cadeira 15, tendo como patrono José Haroldo Castro Vieira.

fracassou. Daí porque, não lhe restando mais alternativa, Balthazar juntamente com o missionário Ludovico e os ferradenses fizeram frutificar, no território de Ferradas, o primeiro jardim experimental de cacau de natureza nativa familiar do mundo. Assim, deu-se origem à fundação da cidade de Itabuna, no ano de 1910, e ao surgimento de novas povoações que foram se transformando em cidades, constituindo, dessa forma, a Região Cacaueira Sul da Bahia, ou seja, Eldorado Brasileiro para Gustavo Veloso, Nação Grapiúna para o escritor Jorge Amado e Planeta Cacau para o Jornalista grapiúna Eduardo Anunciação.

Esse é o ponto de partida que possibilita aos ferradenses externarem sua gratidão para com aqueles que, com seus esforços, seu sangue e suas vidas edificaram degrau a degrau a belíssima e honrosa história do pedaço de chão que deve ocupar, por dever e reconhecimento, o topo da pirâmide da História da Nação Grapiúna, conseqüentemente da Região Cacaueira Sul da Bahia.

Passados os Períodos Colonial e Imperial, quando então, nos idos dos anos de 1920, Período Republicano, os homens que constituíam a população de Ferradas e que já praticavam futebol se valendo de bexiga de boi, idealizaram a prática esportiva, estabelecendo como objetivo maior construir um campo de futebol. Movida pelo ideal esportivo, a comunidade se reuniu. Dentre os presentes, encontrava-se Aristides Vaz Sodré, Juiz de Paz, comerciante e parente do escritor Jorge Amado, possuidor de uma grande área de terra, cuja lateral, estava localizada entre as duas ruas históricas mais antigas. O doador disponibilizou a melhor área necessária para atender aos anseios dos ferradenses.

Homens trabalhadores de roças de cacau, leiteiros, boia-deiros, areeiros, trabalhadores do matadouro, pescadores, sapateiros, seleiros, balconistas, ainda que, não possuíssem nenhum curso de engenharia e nem de arquitetura, escolheram, dentro da propriedade do doador, a melhor área e seguiram firmes na construção do campo de futebol. Adolescentes, jovens e adultos de fibra, reunindo as ferramentas de que dispunham na época, passaram a realizar, “na raça”, a limpeza da área. Arrancaram as pedras que encontraram fincadas no solo, cavaram o cascalho e empilharam por diversos cantos a terra vegetal de que iriam necessitar mais tarde. Utilizando couro de boi e varas, transportaram areia lavada e de barranco das margens do Rio Cachoeira para que a área fosse nivelada. Extraíram nas matas uma madeira chamada buri, muito utilizada para o evento cultural do pau de sebo, com ela fizeram os travessões e com pau-d’arco as traves. Dando continuidade, ainda com pau d’arco, fizeram estacas e levantaram cerca para proteção de toda a área em uma das laterais e nos fundos. Um conjunto das outras, a meia altura, de fora a fora. Mais tarde, em cada uma das extremidades, foram fincados os quatro marcos limítrofes.

Se revelaria, assim, a construção de um patrimônio histórico cultural que, até a presente data, é a única área de lazer de Ferradas construída pelo homem. O doador do terreno vendera a área geral em que o campo de futebol ferradense estava inserido, mas este permanece respeitado por todas as famílias que lhe sucedera: Sodré, Veloso, Soares, Cordier, Messias e, também, pela empresa Ferradas Empreendimento. Todos compreendem que não são donos desse marco histórico esportivo futebolístico, de grandeza centenária, tão representativo no cenário (inter)nacional.

O forte da juventude ferradense sempre foi a prática do futebol e prevalece até o momento atual. Outros esportes estão presentes na comunidade, mas não tão valorizados pelos ferradenses, talvez pela falta de investimento do poder público em áreas de lazer. A prática destas atividades esportivas acontece em areal do rio cachoeira, nas ruas, na praça ou no próprio campo de futebol. Um campo que, centenariamente, carrega as marcas da sua própria história. Ferradas, até o momento presente, não possui uma única área de lazer construída pelos governantes, daí porque as crianças, adolescentes e jovens utilizam locais inadequados para estas atividades culturais.

A manutenção do campo de futebol se deu através da contribuição dos usuários e dos moradores e, dentre as diversas melhorias, podemos destacar a substituição das traves de madeira (buri) por tubo galvanizado, tamanho oficial. Esta ação foi feita pelo ferradense Gustavo Veloso que, no mesmo período, também deu tratamento especial ao gramado. Na sequência, outros voluntários como Joselito Nunes dos Santos (Tim), Adonias, Eraldo Oliveira Dantas e Antônio Dantas Veloso Filho (Toninho), nessa ordem, em períodos distintos, deram prosseguimento às ações. Após a atuação deste último, Edson José do Nascimento (Som) assumiu o cuidado com o campo, colocando em diversas partes pedras, brita, areia e cano para que fosse implantado o esgotamento sanitário em decorrência do crescimento populacional da comunidade, objetivando acabar com as valas negras, por onde corriam os esgotos das residências das duas ruas mais antigas.

Esse patrimônio possibilitou que, a partir de 1920, surgissem os primeiros times de futebol amador, dentre eles O Brasil Foot-Bull Club, cuja convocação para reunião se dispõe

de prova documental datada do ano de 1930. Esse registro é anterior, até mesmo, à fundação do Esporte Clube Bahia, que data do ano de 1931.

No túnel do tempo, surge uma lacuna na história que nos conduz à década de 1960. Quando, a partir de então, os ferradenses dão início à criação de diversos times: Bonsucesso, de Lapinha e Edson Horácio Veloso Sodré (Baratinha) e o Fluminense, de Antônio Nunes. Estes protagonizaram grandes rivalidades esportivas, nos fazendo testemunhar espetaculares eventos, frutos de uma paixão que se revelou tradicional no Campo Aristides Vaz Sodré. Nesse período, merece destaque a dedicação do voluntário Lapinha para com o campo e o esporte ferradense que, desarmado de qualquer ambição e de todo e qualquer desejo que não fosse o bem do futebol ferradense, veio a se revelar o maior e o mais elegante de seus provedores. Nesse espírito de colaboração, não se pode deixar de mencionar a grandiosa ação de Aprijo Evangelista da Silva, na confecção das chuteiras.

Tivemos, ainda, nesse cenário, o time Vasco, do Cajueiro de Ferradas; os times Gaivota, Fluminense e Vasco, do saudoso Miranda, com a proeza de permanecer invicto por cem partidas consecutivas no âmbito regional; o Fluminense, de Jorge Aloísio Ribeiro Sodré (Zabelê), que levou o adolescente Gerson José Sodré a vestir a camisa de um time pela primeira vez. A partir daí, Gerson formou dupla com José Roberto Souza (Beca), compondo o ataque no Vasco de Miranda, inicialmente, no banco de reserva, até conquistarem a confiança para atuarem como titulares.

Wilson Pereira Machado e os adolescentes ferradenses dão vida ao time Botafoguinho. Wilson, dessa vez, com Almiro Serafim Reis (Pombinha) fundam o Palmeiras de adultos.

Nossos conterrâneos da Uruba, através de Carlos Alberto Farias dos Santos (Carlinhos), criaram o Brasil; Antônio Domingos Ferreira Macêdo (Tonho da Nordeste), o Santa Cruz; José Santana de Jesus (Santana), o Flamengo. Na Rua Dom Pedro de Alcântara (Ferradas Velha), José Carlos dos Santos (Lapinha) cria o Vitória; Miguel criou o Expressinho e na Rua de Palha, Zé do Norte e seu irmão Erivaldo Matos, criaram o time com o mesmo nome do referido lugar “Rua de Palha”, o qual foi responsável por promover grandes rivalidades que marcaram época. Os empregados da fazenda Boa Sentença não deixaram por menos e também criaram seu próprio time. Domingos Everaldo Farias (Veveu) e Francisco Timóteo (Chico Português) criaram o Ferradense Mirim, com patrocínio do Banco do Brasil. Antônio Farias dos Santos (Tonho) vem a décadas conduzindo sua escolinha de futebol com crianças e adolescentes.

Gustavo Veloso juntamente com Erivaldo Oliveira Soares (Canário) e Zabelê criaram no ano de 1977, o Ferradas Futebol Clube (FFC), com atletas estritamente da comunidade. Este veio para marcar época, pois até o final do ano de 1985 era o representante de Ferradas como um todo. A década de 1980, em períodos alternados, foi marcada pela chegada do Fluminense, de Adonias Bomfim Oliveira e do Flamengo, de Tim. Estes passaram a tomar conta do campo de futebol de Ferradas e utilizá-lo com a prática esportiva de toda a cidade de Itabuna por falta de equipamentos no município.

O esporte é dinâmico e esse dinamismo levou Gustavo Veloso, o pior de bola do universo e admirador dos amigos, a fundar, no ano de 1986, a Sociedade Desportiva Ferradense (SDF), de nível amador, legalizada junto ao Conselho Regional

de Desportos, com fundamento em deliberação do Conselho Nacional de Desportos com atletas da comunidade. Mais tarde, tornou-se, por diversas vezes, Campeã Amadora de Itabuna e Campeã Interbairros, assim como da Copa Verão e da Copa Inverno.

Gustavo Veloso criou ainda a Sociedade Desportiva Ferradense Infante que foi campeã do campeonato realizado em Ferradas, por Tim. Esse era um vencedor em todos os sentidos emblemáticos do esporte grapiúna. “Foi a loucura” com a derrota de seu time dentro das quatro linhas. Mas, a simplicidade que lhe era própria o fez reconhecer a superioridade da equipe Ferradense.

Os confrontos entre esses times de futebol atraíam para o campo uma multidão composta por crianças, jovens, casais de namorados, adultos e idosos. Fossem homens ou mulheres, como se diz no futebol: casa cheia. Crianças vendiam cocada de coco, rabo de macaco, bala de jenipapo, picolé, juju, rolete de cana, laranja descascada, enquanto os adultos vendiam caldo de cana e outros percorriam os quatro cantos com os tabuleiros de pirulito ou quebra queixo.

A torcida de cada time, tomada pela emoção, nervosismo, gritaria, contagiava, a cada partida, cujo desenrolar não tinha fim, nem mesmo com o apito final. Com o final da partida, os jogadores dos dois times acompanhados pela torcida se dirigiam aos bares, onde ficavam até altas horas da noite, discutindo os lances mais arrojados e espetaculares da partida. Cada um narrando o jogo sob o seu olhar, fazendo a defesa do atleta de sua preferência. No fim, a criançada e a juventude que não saíam de perto, a todos atribuíam a pampa de herói.

Esse patrimônio veio a se constituir num berço de craques por revelar atletas profissionais, juvenis e amadores em

todas as suas gerações. Os times amadores de Ferradas, com jogadores locais e de alta qualidade, passaram a contar com a cobertura da imprensa, fazendo-os conhecidos e respeitados. Os atletas ferradenses passaram a atuar em times profissionais, nacionais e internacionais, inclusive da Europa. Outros atuaram em times amadores de várias cidades e, muitos foram convocados para seleções que disputavam o intermunicipal baiano.

Destacaremos, a seguir, alguns dos principais profissionais do esporte nacional e internacional que nasceram no gramado ferradense:

- **Beca** – José Roberto Souza iniciou sua carreira no campo de Ferradas, atuando pelo Vasco amador de Miranda. Depois, foi para a Seleção de Ibicaraí disputar o Intermunicipal da Bahia. Tendo sido o artilheiro, foi contratado como profissional pelo Ipiranga de Salvador. De lá se transferiu para o Itabuna. Foi o artilheiro do campeonato baiano e o quarto artilheiro do Brasil no ano. Ganhou os troféus de Berimbau de Prata, um como artilheiro e o outro como revelação do campeonato. Foi vendido à Portuguesa após sua contratação ter sido cogitada pelo Fortaleza e Atlético Mineiro. Defendeu a Portuguesa por dois anos. Foi transferido para a Europa. Em Portugal, jogou pelo Clube do Porto, União da Madeira e pelo Marítimo, tendo sido campeão e artilheiro. Ao retornar para o Brasil, atuou na Bahia por todas as equipes, exceto Vitória e Fluminense de Feira de Santana. Nos demais estados do Brasil, atuou pelo CSA,

União de Araras do São Caetano de São Paulo, Marília de São Paulo, Confiança de Aracajú, América de Natal, tornando-se tricampeão pelo Sampaio Correia. Foi vice-campeão baiano pela Catuense de Alagoinhas, campeão Pernambucano pelo Santa Cruz. A carreira desse gigante jovem areeiro do Rio Cachoeira, totalizou vinte e três equipes no cenário do futebol nacional, além de brilhar nos estádios europeus onde permaneceu disputando campeonatos por um período de seis anos.

- **Evandro** – Evandro Braz Guimarães, 49 anos, iniciou sua carreira de jogador amador no campo de Ferradas. Desde menino já deixava transparecer que seria um craque de bola. Meia, que marcava muito bem, uma enciclopédia que analisava, estudava, o que fazer com a bola, em espaços curtos e longos. Pegava a bola no meio de campo, descobria o companheiro em lugares imprevisíveis e, com qualquer das duas pernas, o deixava em espaço pequeno, na cara do gol, para decidir a partida. Saiu da base do Itabuna para São Paulo no ano de 1989 para fazer teste no Corinthians. Tendo sido aprovado, foi emprestado para clubes do interior paulista: Jaú, Ferroviária, Taquaritinga. Profissionalizado, foi para o Cerro Corá do Paraguai. Atuou na Copa Totó, que é internacional, e na UEFA Cup. Encerrada a carreira de atleta profissional de futebol, procurou ter como idiomas fluentes o Espanhol e o Inglês, quando então se formou em Educação Física pela Faculdade Tecnologia e Ciências (FTC). Em 2005, cursou na UEFA,

em Ancona, Itália e em Milão pela COTIF. Ainda realizou Curso de Formação em Valência, na Espanha e Curso Licença a CBF Academy – Brasil. Cumpriu estágio, tendo como treinador Michelle Tamponni e Ubaldo Simione, Cref em São Paulo, treinou Suzano e Garibaldi, 2006 e 2007. Como treinador atuou nas seguintes competições: Campeonato Brasileiro Série B, D e C; Copa do Brasil; Copa COTIF Espanha; Campeonato Paranaense Séries A e B; Campeonato Pernambucano Série A; Campeonato Maranhense Série A; Campeonato Paulista Série A2; Copa do Nordeste. Também treinou os seguintes Clubes: AGE Guarany – RS, 2007; Marília Futebol Clube – MA, 2008; A. Atlético Coruripe – AL, 2015, 2º Semestre; Cincão Esporte Clube – PR, 2010 e 2011; Grêmio Barueri – SP, 2011, 2012 e 2013; Esporte Clube Vitória da Conquista – BA, 2015; Sociedade Esportiva Juazeirense – BA, 2016; Salgueiro Atlético Clube – PE, 2016 e 2017; Fluminense de Feira Futebol Clube – BA, 2018; Club Desportivo Destroyer’s – Bolívia, 2018 e 2019; Brusque Futebol Clube – SC, 2019; Central Sport Club – Caruaru – SP, 2020; A. O. Itabaiana – Sergipe – SE, 2021; Altos – PI, 2022. Foi o primeiro brasileiro a ser eleito melhor treinador na Espanha, cidade Alcudia Espanha, Valência. Eleito o melhor treinador de Pernambuco, no ano de 2017, pelo Salgueiro. Conquistou os seguintes títulos: Campeão Maranhense pelo Marília, 2008; Campeão Segunda Divisão Paraná, pelo Cincão, 2010; Campeão do Interior Bahia, pelo Vitória da Conquista, 2014; Campeão Interior Bahia, pelo Juazeirense, 2016; Campeão Primeiro

Turno Pernambucano, invicto pelo Salgueiro, 2017; Vice-campeão Baiano pelo Vitória da Conquista, 2015; Vice-campeão Pernambucano pelo Salgueiro, 2017.

- **Gerson Sodré** – Gerson José Sodré, 65 anos, meia, muito habilidoso e veloz, iniciou sua carreira como Besourinho no campo de Ferradas. Seu primeiro clube foi o Fluminense de Zabelê, depois o Vasco de Miranda. A partir daí, passou a frequentar o campo da Desportiva. Após começar a carreira na base do Itabuna, o atleta foi contratado profissionalmente, time pelo qual alcançou, em 1976, o troféu Berimbau de Prata, por ser a revelação do Campeonato Baiano daquele ano. Destacou-se no cenário nacional como meio campista. Em 1977, se transferiu para o América do Rio de Janeiro e, em 1978, voltou para o Itabuna. Dois anos depois, em 1980, Gérson Sodré se transferiu para a Lusa, onde obteve maior destaque em sua carreira. Na madrugada de 05 de setembro de 1983 sofreu várias lesões, vítima de acidente automobilístico. Na ocasião estava cotado para defender a Seleção Brasileira. O jogador ficou no Rubro-verde até 1984, quando se transferiu para o Guarani. Antes de encerrar a sua carreira, no Uberlândia, Gérson Sodré ainda defendeu o Ceará, a Ferroviária, o América de Rio Preto, o Bandeirante, o CRB, o Grêmio Maringá e o Atlético Sorocaba. Atuou como auxiliar-técnico da Sociedade Esportiva Palmeiras e técnico do Alecrim de Natal, CRB.
- **Ribeiro Neto** – Porfírio Ribeiro Neto nasceu em Ferradas, no ano de 1951. Em seguida, se transferiu para

as Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Ingressou na escolinha do Flamengo. Ainda jogou futebol de salão pelo próprio Flamengo e, também, pelo Vasco da Gama e Minerva. O sucesso no futebol de salão o levou para o Confiança, em 1983. Neste mesmo ano, conquistou o título de campeão Sergipano. Depois de atuar como jogador da Organtec, foi convidado para ser treinador de futebol, onde ganhou quase todos os títulos: Confiança, 1983; Sergipe, 1991, 1992, 1993 e 1995; campeão como coordenador técnico de Júniores do Itabaiana, 2004; técnico da seleção Sergipana, 1991; técnico da seleção de Propriá, 1987. Foi também técnico do Náutico, Cascavel, Ipiranga da Bahia, Asa, Vitória de Santo Antão, Estanciano, Vasco e Lagartense. Faleceu vítima da COVID, em 2019.

- **Osvaldinho** – Osvaldo José Ribeiro dos Santos, revelado no campo ferradense, atuou pelo Itabuna, Jacuipense, São Francisco do Conde, Jequié, e teve uma rápida passagem pelo Bahia. Por sugestão de Evandro Guimarães, o técnico e o presidente do Oriente Petrolero de Santa Cruz de Lá Sierra, da Bolívia, compareceram a Ferradas para assistir sua atuação. Satisfeitos, o levaram para atuar no exterior. Osvaldinho chegou a atuar pela Libertadores. Canhoto, possuía muito bom domínio de bola, protegendo-a com muita eficiência. O fato de não beber, fumar e nem perder noite lhe permitiu ter um condicionamento físico e uma resistência pulmonar invejável. Grande

marcador, chutava forte de longa distância, daí porque executava excelentes e precisos lançamentos. Ótimo cobrador de falta, fazia muitos gols. Jogava para a equipe. Podemos afirmar que sua família é o sinônimo de futebol, uma vez que é parente próximo de Gerson Sodré e Ribeiro Neto. Depois que deixou o futebol profissional, passou a atuar por diversas seleções do intermunicipal da Bahia. Também atuou pela Sociedade Desportiva Ferradense (SDF), tornando-se campeão amador, ocasião em que a imprensa lhe conferiu o título de “Papai Noel da Bola”.

No quadro de juvenis do profissional, dentre outros, foram revelados Ernane José Oliveira Veloso, Roberto Carlos do Nascimento (Deco), Benedito Anjos Pereira (Bené), Egnaldo dos Santos (Marreta), Reinaldo Silva Santos (Nerreu), Magno Viana dos Santos e José Oliveira Soares (Eris). No quadro de amadores, revelaram-se: Eliésio Amorim Diger Júnior (Bigo) (campeonato amador de Itabuna, 1986), Iraldi Alves Dantas Júnior, Antônio Pereira do Nascimento Neto (Toinho), Thomaz Aquino de Araújo Júnior, Pedro Cardoso da Silveira (Bidinho) e Paulo Carvalho Neves. No quadro dos veteranos do passado distante, destacaram-se: Raimundo Cavalcante Moreira (Moreira), João Soares (João Popô), Lindolfo Inácio de Souza (Budego), José Farias Pereira, Valdomiro Serafim Reis (Miro), Laudelino Francisco Souza (Lino), Edvaldo dos Santos (Biguá) e José Batista Matos (Zé do Norte).

Ainda é destaque no cenário esportivo o grapiúna Reinaldo Souza Machado (Naná). Ele adentrou o campo de futebol de Ferradas carregando características que o dignificam

enquanto ser humano: simplicidade, respeito, honestidade, admiração e paixão pelo futebol. Após conquistar a simpatia de todos, vem realizando sua excepcional Copa Verão e Copa Inverno que, com segurança, carrega multidões, possibilitando à comunidade ferradense, paz, alegria, diversão, renda etc. Esse cenário, nessa terra abençoada pelo maior dos ferradenses, o Frei Ludovico, revela a história grapiúna comprovando e justificando o mérito pela inserção dos craques de Ferradas no futebol mundial.

P.S. Em respeito à memória de nossa história e aos seus construtores, mantenedores e usuários do secular campo de futebol de Ferradas, Gustavo Veloso ingressou com Procedimento Administrativo junto ao Ministério Público do Estado da Bahia, voltado a impedir a transferência de local de nossa única área de lazer, construída pelas mãos de nossos conterrâneos, presenteando todas as suas gerações com o bem que se revelou um marco em nossas vidas. Obteve **Parecer Favorável**. Portanto, este campo de futebol, tradicionalmente utilizado pela comunidade, é de acesso público, desde os seus primórdios, e por ali passaram várias gerações. Este espaço comunitário é, portanto, de extrema importância cultural e esportiva, sem jamais ter sofrido processo de descontinuidade. Os ferradenses jamais deixarão de externar a sua imensa gratidão à manutenção desse local, pois entendem que é com dignidade que se constrói a história.

A Magia do Caminho de Santiago

Silvio Porto de Oliveira*

“Onde se encontra o caminho do vento com o caminho das estrelas”

Sempre tive vontade de fazer a peregrinação do Caminho de Santiago. É a oportunidade de irmos ao encontro do nosso eu interior, vivenciar muita espiritualidade, conviver com o misticismo, encontrar Deus no Caminho ou mesmo ir em busca de uma grande aventura.

Em dois de junho de dois mil e sete peguei a estrada, com a proposta de caminhar em quinze dias trezentos kms.

Vou tentar resumir os momentos mágicos que vivi nessa Caminhada e, claro, recomendar a todos que gostam de aventura,

* Médico, cooperativista, nascido em Jussari Bahia. Fundador e atual Presidente da Unimed de Itabuna, Fundador e atual Presidente da Sicredi Integração Bahia. Realizou o I Congresso Médico do interior da Bahia – Congresso do Cacau. Membro da Academia Brasileira de Neurocirurgia. Membro Associado do Instituto Geográfico Histórico da Bahia. Conselheiro Diretor do Ramo Saúde na Organização das Cooperativas do Estado da Bahia (OCEB), Conselheiro da Bahia no Conselho Nacional de Saúde da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB). MBA em Finanças pela Universidade Federal do Ceará e produziu sua Tese sobre Satisfação dos Cooperados nas cooperativas financeiras. Tem vários trabalhos científicos publicados em revistas médicas e proferiu várias palestras em Congressos Médicos. Na Academia ocupa a cadeira 28, que foi ocupada por Maria Delille Oliveira e tem como Patrono Firmino Rocha.

que procuram novas descobertas pessoais, tenham curiosidade ou sejam muito espiritualistas.

Voltei do Caminho melhor e mais feliz.

Se o corpo ficar cansado, não se preocupem porque a alma, o espírito, os santos da devoção, a lembrança dos amigos, da família, levam o nosso corpo. É incrível a força que brota de todos os lados para nos levar em paz e feliz.

A partida melhor é de S. Jean de Pied-de-Port, na França, na divisa com a Espanha, na região dos Pirineus.

Assisti a uma missa medieval em Roncesvalles, que foi uma das coisas mais lindas que já vi na minha vida. A música é coisa de cinema, de tão espetacular.

Aconselho não esquecer de desviar da rota uns cinco quilômetros, antes de chegar em Puente de La Reina, para conhecer a Igreja Eunate, a igreja dos templários que deu origem à maçonaria.

Momento importante na Caminhada é a subida da Montanha do Alto do Perdão. Aprendi rápido que vale a pena todo esforço que fazemos na vida para vencer os desafios, contornar as ciladas que aparecem, e que sempre temos que acreditar na vitória, mesmo que nos pareça impossível.

Na Caminhada, pisei leve e respirei fundo, conversei com o silêncio e vi aflorar no meu pensamento a certeza de que os valores éticos e morais devem sempre nortear nossa vida, valorizar nossa individualidade, procurar sempre maior sensibilidade e compreensão no trato com as pessoas, praticar sempre a fraternidade, a misericórdia, a justiça e principalmente sermos humildes, sem esquecer que a maior virtude do ser humano é a gratidão.

Assumi o compromisso comigo mesmo de ensinar às crianças, aos adolescentes e aos jovens tudo isto, para termos um mundo melhor.

Na vida temos que ter atitude. O Caminho é duro em muitos aspectos, e não é preciso ter um grande preparo físico e sim uma grande decisão de tornar a sua vida mais leve e feliz.

Na Caminhada, conversei com o suor do meu rosto, e confirmei tudo que aprendi com meus pais e meus avós. Tive certeza de que o trabalho é importante na vida das pessoas. Um trabalho bem feito transcende a nossa existência. É um marco, e fica para a posteridade, uma herança para a família, os filhos e para a humanidade.

Outro encantamento do Caminho é a educação do povo europeu que tive a felicidade de encontrar na estrada. Não tenho dúvida de que o nosso Brasil precisa de educação. É o nosso futuro.

O Caminho de Santiago é o primeiro itinerário Cultural Europeu declarado pelo Conselho da Europa e também Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.

Durante séculos os peregrinos vêm enriquecendo os lugares do Caminho. Com um mínimo de coragem e boa vontade é possível vivenciar momentos maravilhosos, tempos medievais.

O Caminho é de PAZ e LUZ.

O meu aprendizado mais importante foi a solidariedade, a convivência fraterna e respeito aos nossos semelhantes e às suas diferenças. Aprendi que a Felicidade não é destino e sim um Caminho, e que devemos BUSCAR as oportunidades, e estarmos preparados para quando ela chegar.

Um Bom Caminho para todos.

Entre comunidades virtuais e um caminho real

Celina Santos*

O hiato que permite separar a vida entre antes e após a pandemia vem em paralelo a um caminho mais veloz em direção ao mundo virtual. Como anteviu o cientista Nicholas Negroponte, as comunidades virtuais, muitas vezes, vêm ocupando mais espaço do que o chamado mundo real. Tal cenário já era cotidiano antes mesmo de as medidas sanitárias o determinarem.

Ao mesmo tempo em que crescia o hábito de conduzir as atividades diárias com auxílio da tecnologia, diante de aparelhos cada vez mais sofisticados reunindo variadas funções, veio o imperativo das normas de saúde. Tornou-se uma necessidade o distanciamento físico, enquanto os *smartphones* e aparelhos afins apresentaram-se como o abraço ora desaconselhável.

Como a contemporaneidade não nos permite vislumbrar de que maneira se darão as relações humanas num tempo sem

* Graduada em Comunicação Social (Habilitação em Rádio e TV) pela Uesc (Universidade Estadual de Santa Cruz); Graduada em Jornalismo pela FTC (Faculdade de Tecnologia e Ciências) de Itabuna; Pós-graduada em Jornalismo e Mídia pela então FacSul (Hoje Unime). Chefe de Redação no jornal Diário Bahia, onde começou como estagiária em 2002. Desde 2019, integra a Assessoria de Comunicação Social da Câmara de Vereadores de Itabuna. Na Academia de Letras de Itabuna (ALITA), ocupa a cadeira número 24, tendo como patrono Clodomir Xavier de Oliveira.

ameaças até à respiração, só é possível fazer conjecturas. Ainda não há resposta sobre o incentivo ao diálogo sem mediação de uma tela, nem as formas de trocar informações para além dos artifícios tecnológicos.

Entretanto, parece prudente que encontremos um “meio termo” entre os avanços que desafiam a esfera cronológica e o espaço físico, sobretudo porque a imersão sem cautela no virtual pode trazer consequências indesejáveis. A atenção ao outro está nitidamente prejudicada, como é possível constatar entre pessoas de diferentes gerações.

Enquanto se discute o metaverso (o surgimento de um mundo paralelo, alheio ao que concebemos como real), ainda é necessário que as ciências que estudam a mente, o comportamento humano seguirem auxiliando no uso do aparato tecnológico a nós oferecido. Sob risco de serem formados reféns dos aparelhos (máquinas), quando o intuito é prevalecer a autonomia.

Aqui é possível citar exemplos a serem alvos de reflexão: motoristas distraídos (as) conduzindo veículos (inclusive motocicletas), pedestres atravessando a rua sem observar perigos no trânsito, ou mesmo duas pessoas ficarem no mesmo cômodo e não conversarem (ou “conversarem” apenas através dos seus respectivos celulares).

O sociólogo Stuart Hall (*in memoriam*) refletiu sobre como percebia a identidade cultural na chamada pós-modernidade, quando ainda não havia um “mergulho” tão amplo no mundo virtual. Daqui por diante, pensadores se debruçam sobre a maneira como a sociedade conduz a revolução digital, ressaltando a importância de fazê-lo de forma ativa. Sem a indesejável “robotização” frente aos aparelhos.

Consciência negra e a luta pela igualdade racial

Sione Maria Porto de Oliveira*

O importante dia da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro, em homenagem à morte de Zumbi, o lendário líder negro do Quilombo dos Palmares, teve como fato impulsionador o resgate pela igualdade e liberdade racial. Essa menção ao dia da Consciência Negra, prestada a Zumbi, nativo do Quilombo dos Palmares, engrandece pela sua trajetória, luta incansável pelos anseios de liberdade.

O preservado Sítio Histórico dos Palmares, onde viveu Zumbi, foi reconhecido pelo Governo Federal em 1980, premiado com a beleza singular do local onde, além do Observatório, temos um magnífico viveiro, trilhas exuberantes, universo que banha parte de nossa história afro-brasileira. Diz ainda a lenda que vinte mil quilombolas ali viveram, amaram, ensinaram suas crenças e sua cultura.

* Natural de Itabuna, formação acadêmica em Direito, pela Universidade Católica da Bahia, com especialização em Direito Penal; Direito Administrativo e Direito processual Penal. Professora da UNIME no curso de Direito Penal. Professora da Academia de Polícia da Bahia, no curso para escrivães e agentes, núcleo Ilhéus. Delegada de Polícia, com publicações na área técnica e poética. Mestranda em resolução de conflitos e resoluções. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a cadeira número 7, tendo como patrono Telmo Padilha.

Temos histórias também tristes e cruéis contra os negros fujões dos Palmares que sofriam pesados castigos dos líderes impiedosos, sendo torturados e muitas vezes, executados. Zumbi como herói é contestado, coroando-se Ganga-Zumba como o verdadeiro herói dos Palmares

A data 20 de Novembro é também intitulada Semana da Consciência Negra, comemorada em todo o Brasil, mas centrada nos moinhos da negritude brasileira e coincide com a data de morte de Zumbi dos Palmares, que teria sido em 20/11/1695, segundo historiadores.

Após ter lutado bravamente pelos seus ideais de igualdade e liberdade, Zumbi, casado com Dandara, resistiu à pesada artilharia do bandeirante paulista Domingo Jorge Velho, que não conseguiu capturá-lo em 1694.

Em 1695, entretanto, traído por Antonio Soares e surpreendido pelo capitão Furtado de Mendonça, tornou-se Zumbi um mártir, ao ser preso e degolado, cuja cabeça foi exposta na cidade do Recife, após ser apresentada ao governador de Pernambuco Melo e Castro.

A escravidão no Brasil e no mundo teve consequências que repercutiram por séculos, envolvendo os interesses das monarquias portuguesa e brasileira, elites aristocráticas e latifundiários.

O movimento social que resgatou o antirracismo surgiu em 1971, por iniciativa do Grupo Palmares de Porto Alegre (RS), e foi assimilado em 1978, durante o Congresso do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, hoje denominado Movimento Negro Unificado – MNU.

O racismo se destaca em todos os seguimentos: futebol, jornalismo, modelos, cantores, atores, esportistas, escritores,

poetas, presidente e ministros. Corajosos denunciadores, como Roberto Carlos, campeão da Seleção Brasileira, chamado de macaco, a apresentadora Oprah Winfrey, a jornalista Glória Maria; a atriz Thalma de Freitas; o cantor Seu Jorge, assim como Preta Gil, Rihanna, Anderson Silva, Machado de Assis (mulato de alma branca), João da Cruz e Souza, Barack Obama, ministra Cristiana Taubira (França) e o ministro Joaquim Barbosa (Brasil).

De um modo geral, a história transmitiu os horrores da época escravocrata, mas muitas vezes são escassas as informações inclusive por culpa de quem sofreu preconceito, racismo e intolerância.

Discursos

Discurso de posse do novo Presidente da Academia de Letras de Itabuna Biênio 2021/2023

Wilson Caitano de Jesus Filho*
Presidente

Ilustríssima Presidente da Academia de Letras de Itabuna, Senhora Silmara Santos Oliveira, demais diretores e diretoras, confrades e confradeiras, senhoras e senhores, boa noite.

“Que diriam os coronéis de cacau, Sr. Adonias Filho, aqueles que matavam e morreram para plantar na terra, ao ver-nos aqui, a vós e a mim, com tão estranho fardamento, membros da Academia Brasileira? Os seus meninos, que eles desejavam doutores, médicos, advogados ou engenheiros, sugaram ao nascer os seios da violência desatada, da indômita coragem e da vida vivida enfrentando a morte; assim cresceram mais do que eles pediram e esperaram, e, em vez de bacharéis, foram escritores,

* Graduado em Ciências Naturais pela UESC, Bacharel em Direito pela UNIME, Pós-graduando em Direito Previdenciário e em Direito Civil e Processo Civil pela LEGALE, graduado em Pedagogia pela FAVANI, foi vice-diretor do Colégio Paulo Freire em Cipó-Ba, professor e coordenador pedagógico na Escola PIO XII há 26 anos, coordenador do Jornal Tribuna do Saber da Escola PIO XII, coordenou durante três anos em Itabuna a ULBRA- Universidade Luterana do Brasil, autor de livros infantis: As Crianças da Vila, Um Estranho em Minha Casa e Uma Aventura ao Som do Berimbau. Na Academia de Letras de Itabuna – ALITA, ocupa a cadeira de número 21, tendo como patrono Augusto Mario Ferreira.

criadores de vida. E somos apenas dois entre os muitos escritores do cacau”.

Assim, Adonias Aguiar filho, nascido em 1915, na fazenda São João, município de Itajuípe, foi recepcionado pelo amigo Jorge Amado na ABL em 1969. Adonias teve a infância de ensino de roça de cacau; ouvia as histórias dos trabalhadores da fazenda – essas histórias, personagens e a própria fazenda foram para seus contos e romances. Adonias Filho, nosso honrado patrono.

Com tão rica referência literária surge em 19 de abril de 2011 a ALITA, fruto de grandes encontros entre Cyro de Mattos, Ruy Povoas, Marcos Bandeira, Carlos Passos, Sonia Maron, Sione Porto, Lurdes Bertol, dentre outros nomes relevantes para a concretização desse sonho. Em 2011, é eleito o primeiro presidente da ALITA, o Dr. Marcos Antonio Santos Bandeira, “A ALITA já nasce forte pela qualidade de seus membros e, sobretudo, pela sua inextinguível vocação de ser uma entidade soberana e livre”, disse Dr. Marcos Bandeira em sua posse, e foi enfático quando descreveu a sua disposição de conter o entusiasmo para transformá-lo em serenidade, determinação e perseverança, e assim transformar sonho em realidade.

Pois bem, confrade Marcos, passaram-se 11 anos e a ALITA é realidade, graças aos seus sonhos, sonhos de um jovem presidente.

Para os biênios 2013/14 e 2015/16, os membros da ALITA elegeram a Dr. Sonia Carvalho de Almeida Maron para presidente.

Dra. Sônia iniciou seu período falando novamente no sonho quando declarou: “O nosso sonho é reinventar a noção de academia de letras, levando sua mensagem ao jovem, fazendo

germinar a semente que servirá para revitalizar a cultura de uma cidade tão sofrida, condenada a não preservar sua memória, o que leva a não cultivar o respeito ao seu passado e às suas tradições.”

Dra. Sônia Maron sabia como ninguém a importância de manter viva a chama da literatura através da ALITA e, de forma contundente, buscou aproximar a academia da comunidade, através de projetos de leitura.

Foram anos de desafios, persistência e resiliência que fizeram parte da consolidação da ALITA, levando projetos de leitura a diversas escolas públicas, escolas particulares e a nossa biblioteca municipal.

Para dar continuidade aos projetos da ALITA, a professora Silmara Santos Oliveira foi eleita para os biênios 2017/19 e 2020/22, enfrentando tempos difíceis e desafiadores. De forma perspicaz, soube utilizar a tecnologia em um momento de pandemia, momento esse que pairou sobre o mundo e teve um impacto social, econômico, político, cultural e histórico sem precedentes na história recente da humanidade. Em meio à crise da COVID, a nossa querida professora e presidente Silmara Oliveira buscou o uso da tecnologia de forma criativa para promover nossos encontros no formato digital. As *lives* puderam unir os diversos membros da academia e promover grandes momentos de interação literária, e assim ficamos mais próximos e motivados.

É necessário sinalizar o grande orgulho da nossa academia, que são as mais diversas produções literárias registradas em nossa Revista *Guriatã*, divulgando a diversidade cultural e artística dos nossos acadêmicos.

Trago parte dos momentos vivenciados por nossos ex-presidentes, acadêmicos que tanto contribuíram com a história da ALITA, histórias que inspiram essa nova diretoria. Que possamos ressignificar os sonhos, que possamos oferecer à comunidade uma academia voltada não apenas para os saberes filosóficos, científicos e linguísticos, mas promover a arte como um todo e como uma agregadora das culturas e dos povos.

Assumo a presidência com o grande desafio de tornar essa Academia cada vez mais intrínseca aos movimentos literários da nossa região, inserindo as escolas e universidades como fomentadoras da Língua Portuguesa e com o propósito de dar visibilidade às diversas produções literárias produzidas pelos membros dessa academia, assim como também poder disseminar novos escritores regionais, através de concursos literários e noites de autógrafos.

Estou extremamente feliz em poder dar a minha contribuição para a ALITA, e trago comigo o amor pela literatura infantil, esse gênero tão bem representado por Monteiro Lobato (pai da literatura infantil no Brasil), inclusive lembrando que o mês de abril é o mês em que comemoramos no dia 02 o Dia Mundial do Livro Infantil, e no dia 18 de abril comemora-se o Dia Nacional do Livro Infantil (nascimento de Monteiro Lobato) e dia 23 de abril, o Dia Internacional do Livro.

Dessa forma, quero agradecer primeiramente a Deus, a minha parceira e amada esposa Renata Melo Nobre, aos meus amados filhos Felipe Gabriel e Maria Helena, a meus irmãos Luiz Carlos e José Ranieri, a minha vice-presidente Janete Macêdo e aos demais diretores que assumem esse compromisso comigo aqui, nesse momento.

Discurso de posse da nova diretoria da Academia de Letras de Itabuna e despedida da antiga diretora - Biênio 2021/2023

Silmara Oliveira*
19 de abril de 2022

Falar sobre ter exercido a presidência da ALITA me faz voltar a alguns atos e escolhas. Primeiro, decidi fazer o mestrado na Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC em Cultura e Turismo, com foco na obra do escritor Adonias Filho. Segundo, escolhi divulgar o nome e a obra do escritor num movimento de atividades culturais que se espalhou no circuito da microrregião cacauera e me tornou relativamente conhecida. Instalar o Memorial Adonias Filho em Itajuípe foi o que, de fato, importou para esse trabalho de divulgação do ficcionista. Assinar a curadoria do Memorial e exercer sua administração propiciou um número razoável de ações que mantiveram o nome do escritor em evidência.

* Natural de Itajuípe, Bahia, formação acadêmica em Letras. Mestre em Cultura e Turismo, com publicações na área. Fundou e dirigiu o Memorial Adonias Filho. Produtora cultural, fundadora e coordenadora do Cineclube da AFAI. Fundadora da Associação Brasileira de Apoio aos Recursos Ambientais - ABARÁ. Presidente da Academia de Letras de Itabuna nas gestões de 2017 a 2019 e 2019 2021. Diretora de Cultura do Município de Itajuípe. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a cadeira número 2, tendo como patrono Sosígenes Costa.

Nesse contexto, fui indicada para a Academia de Letras de Itabuna pelo escritor Cyro de Mattos, o que muito me honra e agradeço, e também por ele a indicação para assumir a presidência da casa. Fácil não seria, depois de ter dois presidentes que me antecederam: Antônio Marcos Bandeira e Sônia Carvalho de Almeida Maron. O primeiro mandato concorreu com poucas ações. O segundo, com muito mais acontecimentos, fez a roda girar e a ALITA retomou seu lugar de Casa das Letras e participação na cena cultural da região.

Lembro-me da nossa última reunião antes da pandemia, na sala da Diretoria da Faculdade UniFTC, sexto andar, quando combinamos ir ao lançamento da Revista da nossa coirmã, a Academia de Letras de Ilhéus, no dia 12 de março do ano de 2020. No dia seguinte, tudo, absolutamente tudo parou, em virtude do reconhecimento do vírus Sarsc Covid 19, como pandemia, em todo o planeta.

As cenas seguintes transcorreram entre notícias de medo e mortes, às centenas e milhares, números que assombravam o mundo a cada dia, nas circunstâncias vivenciadas por cada um de nós. Entretanto, o que poderia paralisar a todos, num momento tão delicado para a convivência humana, transformou-se em grande movimentação, através de reuniões remotas, pela internet, e não foi diferente conosco. A ALITA cresceu a partir das *lives* realizadas com seus membros, confrades e confeitras que reagiram conjuntamente, e o trabalho transcorreu para melhorar sua performance.

Presidir uma instituição de cunho acadêmico, tendo como patrono o ficcionista Adonias Filho e com autores de gabarito nomeando cadeiras, no patronato, além dos que estão em plena produção intelectual de reconhecida verve, num momento

tão insalubre para a convivência humana, impõe mais que responsabilidade: instiga a fé, consciência máxima desta envergadura, mas, principalmente, sentido de conjunto.

A isso procurei e persegui na intenção de acertar. Foi produtivo e para demonstrar, estamos aqui, nesta passagem de Diretoria, para o biólogo de formação, Wilson Caitano que, doravante, conduzirá a casa com os referidos literatos, alguns traduzidos para outras línguas, a exemplo do mestre Cyro de Mattos, Aleilton Fonseca, Ruy do Carmo Póvoas, Maria de Lurdes Netto Simões, Margarida Fahel, Ceres Marilize, Maria Luísa Nora, Lurdes Bertol, Marcos Bandeira, Janete Macedo, dentre outros.

Dentre todos os atos, um inesperado: o desencarne da nossa querida confeitra, também por duas vezes presidente da ALITA, Sônia Carvalho de Almeida Maron, em dezembro de 2021. A cerimônia de despedida foi um momento de comoção, respeito e gravidade. As honrarias do funeral cumpriram-se de acordo com o estabelecido em Regimento. E o fizemos com a dedicação que a confeitra merecia, desejando sempre que Sônia esteja em nosso coração, com seu traço pessoal de nos conduzir: com elegância, bom coração, empenho absoluto pelo bem da Academia, sabedoria e pulso firme nas horas necessárias.

Em certa conversa com o confrade Ruy Póvoas, ele me falou: ... “você passou por todas as etapas de realização da Academia”. É certo que percorri desde a mudança de endereço do Edifício Edilson Cordier, à rua Adolfo Maron, e entregando – a numa sala na reitoria da Universidade Federal do Sul da Bahia. Realizamos as comemorações dos dez anos da instituição com um painel

de convidados ilustres, incluindo o então Secretário de Educação Jerônimo Rodrigues, a participar da grande *live*, nos tornando brilhantes e fortes, numa noite ímpar.

A ALITA está erguida e com pessoas de muito empenho em sua atuação. O aniversário de dez anos trouxe novas personalidades para fazer parte deste círculo e elas já estão dando o melhor de si. Alessandro Fernandes, Joana Angélica, Charles Sá, Renhenigley Rehem, Sílvio Porto e Wilson Caitano.

Aos companheiros de antes, respeitosos confrades e confreiras, meus sinceros agradecimentos, pela oportunidade de crescimento, pelos momentos de alegria. Caloroso abraço aos integrantes da ALITA, pessoas que muitas vezes me apoiaram com palavras de encorajamento e auxílio no *know how* da condução da Academia de Letras de Itabuna. Boa sorte e sucesso à nova Diretoria.

ALITA 10 anos!

Silmara Oliveira*

Presidente

10 de abril de 2021

Animai-vos povo Bahiense!

Como palavras da noite escolho duas: animar e conspirar.

Faço referência ao título do livro *Animai-vos povo Bahiense! A conspiração dos alfaiates*, dos organizadores: Carlos Vasconcelos Domingues, Cícero Bathomarco Lemos e Edyala Yglesias.

O tempo é para **animar-se**, acelerar em alta a vibração no nosso entorno. Aproveitar o nosso lado psicológico - a alma, a mente e o coração, constantes na sede do nosso pensamento - para tomar posição ativa, já que adentramos o outono, estação que traz frescor e conforto visual na atmosfera.

* Natural de Itajuípe, Bahia, formação acadêmica em Letras. Mestra em Cultura e Turismo, com publicações na área. Fundou e dirigiu o Memorial Adonias Filho. Produtora cultural, fundadora e coordenadora do Cineclube da AFAI. Fundadora da Associação Brasileira de Apoio aos Recursos Ambientais - ABARÁ. Presidente da Academia de Letras de Itabuna nas gestões de 2017 a 2019 e 2019 2021. Diretora de Cultura do Município de Itajuípe. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a cadeira número 2, tendo como patrono Sosígenes Costa.

Somos quarenta acadêmicos, quarenta rotações de alegria por esta noite de felicitações à casa que nos une e, estamos vivos.

Se olharmos para os lados, há cinzas que recobrem, não só este nosso país, mas também, a terra inteira, *A Terra em pandemia* como já escreveu o poeta Aleilton Fonseca; se olharmos para trás, passos dados em estradas por vezes planas, por vezes, tortuosas, mas, se nos dignarmos a encarar o futuro, haveremos de ver luz brilhante no túnel, não no fim, nele inteiro, porque o que esta academia apurar ao longe, em idade muito avançada, certamente, sobreviverá.

O Tempo é para **conspirar** contra os maus augúrios dos últimos dias com a pandemia se alastrando, sem freios, pelo planeta, respirar em conjunto contra as desilusões de quando um sonho comum parece desvanecer, e tivemos que lutar para afastar alguns descompassos aqui na nossa academia. Aparecerão outras fissuras, é o comum da vida, mas fazemos parte de um sodalício que aniversaria dez anos de idade, a ALITA é, pois, uma criança, e estamos dando testemunho da nossa conspiração contra adversidades à sua infância.

Disto tratamos ao agradecer o companheirismo que em hora necessária nos tem ocorrido em união e prontidão às ocorrências. **Conspirar** em sentido construtivo tem sido providência, a exemplo da água, que se desvia de obstáculos; **animar** tem sido a alma que eleva nossas ideias, vontade, emoção e caráter, em sentido de animus, formando nossa identidade alitana.

Estamos hoje numa expectativa de boas aventuras, afinal, reunir em torno desta agremiação, um conjunto especial de pessoas com propósitos afins, de conagração com

a arte e a literatura, colaborando, cada um à sua competência, nos torna confiantes para pautar projetos que, por sua vez, pretendem atrair de forma especial, leitores e atores sociais, que sintam nesta entidade os pés e a cabeça no futuro, sem esquecer a nossa origem.

E falar da origem, do começo da literatura, no território do cacau, requer de nós rememorar os pilares que fundamentam a profundidade de tais escrituras. Geográfica, ambiental e socialmente: uma imensidão de mar, a mata, paisagens virgens e densas em abundância de tons verdes, sua derrubada, índios como donos, animais em grande quantidade e tipos; homens que ambicionavam terras, populações que se formaram; o cacau trazido e disseminado por homens e juparás, implantado; o comércio que chegou, comunidades localizadas, para depois, a sociedade plena.

Até aqui tudo muito simples no modo de dizer, mas ao mesmo tempo complexo como tem que ser. E para essa fala de complexas tensões sociais, grandes mestres. Mencionar seus nomes é como despertar o passado, dia após dia, em suas páginas de romances, contos e crônicas da vida narrada, poemas. Trazer em lufadas de memória amores e guerras, caminhos e fendas, tiros e correrias, banhos de rio e crianças ao peito, prostitutas e rezas, lautas mesas e fome, frio e sede, danças e mortes.

Entramos a chamar nominalmente, Adonias Filho, Jorge Amado, Jorge Medauar, Sosígenes Costa, João da Silva Campos, Ildázio Tavares, Euclides da Cunha, Telmo Padilha, Cyro de Mattos, Ruy do Carmo Póvoas, Valdelice Pinheiro, Hélio Pólvora, Maria de Lurdes Netto Simões, Sione Porto, Marcos Santarrita, Ceres Marilyse, James Amado, Firmino Rocha, Augusto Mário Ferreira,

Natan Coutinho, Aleilton Fonseca e outros mais novos de temática mais renovada, sobre os aspectos humanos e sociais.

Enquanto escrevo, observo um caracol no meu quintal, no alto da velha caramboleira, me pergunto: mas como? Saído do chão e vigiado por Júlia, minha filha, que vive a tomar conta do destino dos caracóis do quintal, imediata analogia tracei entre a ALITA e o caracol. Pequenino ser, tão lento e tão no alto, no topo da árvore. Sinto isso da Academia de Letras de Itabuna e penso que, pacientemente, traçamos um caminho que pode chegar a alturas.

A favor, tem edições de revistas, palestras, rodas de leituras em escolas, lançamento de livros, atividades culturais, é uma academia com empatia para com a identidade da Consciência Negra. Atividades que, possivelmente, serão acrescidas de outras com perfil mais moderno e de alcance em mídias digitais, atreladas ao mundo virtual.

São passos que devemos transformar em movimentos mais dinâmicos, com maior capacidade de abrangência. Lembrando que o lugar da academia será sempre o da cultura, primordialmente, no cuidado com a produção da escrita e da leitura. E é com esta perspectiva de bons ventos soprando ao nosso favor, que saudamos a Academia de Letras de Itabuna nos seus dez anos de existência e desejamos muitos, muitos, muitos anos de vida.

Nesta noite de festa e celebração estou convicta de que a sabedoria é aliada da calma, da fé e da esperança. Por algum tempo esperamos pela posse de alguns convidados, agora membros acadêmicos, gratos confrades, de espírito livre e ações de intelecto ativo.

Assim foi com o confrade Alessandro Fernandes de Santana, convidado pela confrreira Sônia Carvalho de Almeida Maron, o confrade Sílvio Porto, indicado pela Confrreira Sione Porto, a confrade Joana Angélica Guimarães da Luz, a convite de quem vos fala neste momento, o confrade Wilson Caitano de Jesus Filho, por indicação de confrade João Otavio Macedo, a confrreira Reheniglei Rehen convite de Cyro de Mattos, e Charles Nascimento de Sá, por Janete Ruiz, alguns com mais, outros com menos tempo de convite, todos confrades e confreriras empossados.

Agora reunidos, estaremos em condições de trabalhar em prol dessa região tão agastada por tantas faltas. Longe que estamos das condições de desenvolvimento econômico tão promissor, como de fato aconteceu tanto na vida real, quanto retratada na vida ficcional, pelos já mencionados escritores.

Nosso papel, enquanto alitanos, cada um em seus postos de trabalho e atuação social, devemos sempre pensar de modo a conduzir nosso grão de areia para esse construto por meio da literatura. Como chegaremos aos mais novos? Qual a chave de acesso para melhor aproximação com a comunidade local?

Questões fáceis de responder quando reunidas três importantes universidades: Universidade Estadual da Bahia – UNEB – acolhendo o confrade Charles Nascimento de Sá, Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC – Alessandro Fernandes Nascimento e Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB – Joana Angélica Guimarães da Luz, mais Sílvio Porto, Wilson Caitano de Jesus Filho e Reheniglei Rehen, pessoas de espírito e conhecimento, que há pouco juraram pelo bem da ALITA e seus objetivos.

Em nome de todos os alitanos, parabênizo e saúdo os novos acadêmicos para que imbuídos do sopro que anima a vida,

possamos realizar o que se deseja e espera de uma academia de letras. Sejam todos bem-vindos.

Tenho verdadeira admiração a homens e mulheres quando se juntam em agremiações para realização de grandes feitos na sociedade. Por isso, considero cada homem e cada mulher que edificou a Academia de Letras de Itabuna *Pedra Angular* que norteia e edifica esta academia. Minha consideração especial aos fundadores, à sua dedicação diuturna para afirmação da solidez desta academia. A cada alitano que cumpre seu papel com empenho e dedicação a nossa gratidão, nosso amor e carinho.

Ressalto que deposito minha fé em todos que estejam dispostos a acalantar o sonho de dignificar com trabalho e criatividade uma produção acadêmica que para além de dez anos, miremos para o alto e para frente, na composição social da intelectualidade que nos legou Adonias Filho, a quem tomo para exemplo, patrono desta academia, intelectualidade que é herança de um tempo, transformada em patrimônio da região cacauera.

É com imensa alegria e esperança nos dias futuros da ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA que os convoco, nobres confreres e confrades a conspirar em favor de nós mesmo, alitanos.

Animai-vos povo alitanos!

Trabalhar por nossas letra Discurso de posse na ALITA

Aleilton Fonseca*

Itajuípe, 27 de novembro de 2012.

Esta noite é marcante para todos nós, porque realizada em memória de Adonias Filho, natural desta aprazível cidade grapiúna, e imortal das letras baianas e brasileiras, pela excelência de sua magnífica obra ficcional.

Reúne-se aqui, neste momento, uma Academia de Letras - a ALITA - em visita à terra natal de seu patrono, Adonias Filho, e especialmente na data de seu aniversário, para homenageá-lo, concedendo posse a três novos acadêmicos.

Meus amigos: são vários os sentidos reunidos nesta sessão solene e extraordinária. Inicialmente, destaco o sentido da homenagem que rendemos ao nosso patrono, festejando a sua imortalidade, consignada em obras seminais como *Luanda, Beira Bahia, As velhas, O forte, Léguas de promessa*.

* Escritor e professor de literatura brasileira da UEFS. Graduado em Letras (UFBA), tem mestrado (UFPB) e doutorado (USP). Nasceu em Firmino Alves, em 1959, cresceu em Ilhéus, reside em Salvador. Produz poesia, conto, romance e ensaios. Já publicou mais de 20 livros, alguns no exterior. Publicou livros e/ou textos em países como Canadá, USA, Portugal, França, Itália e Bélgica. Participa de livros, revistas e antologias de prosa e poesia no Brasil e no exterior. Pertence às Academias de Letras da Bahia, de Itabuna e de Ilhéus. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a cadeira número 22, tendo como patrono Castro Alves.

Em seguida, sublinho a minha subida honra de assumir a cadeira nº 22 nesta Academia de Letras de Itabuna, sob o patronato do grandioso poeta Castro Alves. Nascido em Curralinhos, na Bahia, em 1847 e falecido em Salvador em 1871, teve apenas 23 anos de vida, e já desfruta de 141 anos de glória e imortalidade, por ter deixado uma trajetória soberba de feitos literários e cívicos, ao celebrar a musa dos amores às mulheres e às paisagens líricas, e consagrar seu canto e seu grito contra os horrores da escravidão. Poeta romântico, mas de um romantismo que se nutria das ruas, da efervescência das ideias em jogo na sociedade, e também das sutilezas amorosas, em poemas de suave sensualidade que espargia nos versos, na languidez rítmica das palavras, na musicalidade das rimas. Poeta jovem e erudito, leitor de Lord Byron, Baudelaire, Musset e Victor Hugo, entre outros, e de uma capacidade criativa impecável, que se deixava enlevar nas espumas flutuantes dos afetos mais tangíveis e efêmeros, colhendo na efeméride a sua perpetuidade; poeta que soube banhar e consagrar os olhos na Cachoeira de Paulo Afonso”, aparando-lhe nos respingos das águas o espelho de versos de extrema beleza e exaltação; poeta que bradou às plateias seu grito a favor dos homens, mulheres e crianças escravizados, que cantou, à bordo dos versos do “Navio negreiro”, mandando Colombo fechar as portas de seus mares. Poeta que amou as mulheres, inscrevendo seus olhos, seus corpos, seus nomes na imoralidade dos versos românticos, cânticos de crença no amor e na sensualidade entre corpos que se amam e se desejam, como versos de uma poesia eterna. Poeta que amou a Natureza, pintando seus traços através de versos imortais. Castro Alves amou seu país e sua terra, e sobretudo, amou a poesia, até os últimos instantes de sua vida, vertendo-a como as últimas gotas de sangue de seu corpo, até os últimos sopros de sua alma.

Guardarei por toda a minha vida a Cadeira nº 22, sob a proteção de Castro Alves. Sua imagem é uma inspiração para minha trajetória literária. Assim, rendo minhas homenagens ao célebre poeta, cujo epitáfio poderia ser:

“Para uma vida tão breve, toda a glória da eternidade”.

Na condição de membro da Academia de Letras de Itabuna, tanto devo como desejo contribuir para a sua existência concreta, com atuação fecunda e eficaz na sociedade, como um lugar de produção e disseminação de saberes e experiências, nos campos da arte literária, do pensamento e dos demais ofícios e misteres.

Como escritor grapiúna, que nasceu e se criou nesta região cacauieira da Bahia, sinto-me muito feliz por haver sido convidado a integrar os quadros dessa valiosa agremiação. É natural, portanto, que eu lhes diga qual é a minha convicção sobre uma entidade que se denomina Academia de Letras.

Quero declarar a todos que creio na ideia de uma coletividade fraterna das letras, na qual nos reunimos para atribuir os reconhecimentos mútuos, destacando em cada acadêmico os seus diferentes talentos, saberes e misteres. São valores que se somam como contribuição de 40 intelectuais para o engrandecimento da sociedade em geral.

Na minha opinião, a Academia é um lugar de paz, respeito, tranquilidade e trabalho social através das letras e da leitura. Nunca um lugar de disputas e dissensões capazes de nos tornar infelizes, soberbos, divididos entre vencedores e vencidos.

Vejo, na associação e convívio de intelectuais de diversas áreas dos saberes, reunidos numa academia, não um lugar de cultivo e exibição individual de títulos, biografias e primazias. Ao contrário, a Academia deve ser um lugar de igualdade de condição e de propósitos, um consórcio de ideias e ideais em busca de

servir a comunidade, contribuindo com exemplos e ações para a melhoria dos índices de leitura, de vivência das letras e da conscientização da importância da leitura literária na vida cotidiana.

De fato, outros não podem ser os objetivos de uma Academia de Letras senão servir à sociedade, cultivando os hábitos da leitura e da criação literária, como um centro de atividades intelectuais. Entre seus pares vicejam a criação literária, a discussão de ideias e ações consensuais, as atitudes exemplares de uma sociabilidade fraterna em torno da promoção e da difusão da cultura. Uma Academia cuida dos acervos de poesia, drama e narrativa que herdamos do passado, ao lado das novas obras que dialogam diretamente com o nosso tempo e a nossa existência cotidiana.

Uma academia deve ser uma casa de saudável convívio de pessoas esclarecidas, amáveis e conscientes, onde se cultivam a saúde moral, mental e física de todos, através do reconhecimento e encorajamento de suas ações culturais, literárias e profissionais. Trata-se, sobretudo, de uma casa de convivência fraterna, de respeito às diferenças de opinião, credo e convicções diante da vida, da sociedade e do mundo das letras. Uma academia deve reunir e unir seus membros, somando as suas energias para promover ações culturais, como uma instituição ativa e aberta à sociedade, estendendo e disseminando o encanto da leitura e das letras como parte da formação de cidadãos críticos, participativos, propositivos e sensíveis às epifanias e aos ensinamentos da arte literária.

Sei que foi para essa missão que os acadêmicos e as acadêmicas me convocaram, nesta gloriosa noite de aniversário de Adonias Filho, nosso patrono imortal. Podem contar comigo. Aqui estou para trabalhar com vocês, esteja eu onde estiver, pelo engrandecimento das nossas letras.

Muito obrigado.

Registros

Março de 2022

Assembleia Legislativa outorga Comenda
2 de Julho ao poeta e escritor Cyro de Mattos

A Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA) aprovou projeto de resolução da autoria do deputado Marcelinho Veiga (PSB) que concede a **Comenda 2 de Julho** ao poeta e escritor Cyro de Mattos, um dos ficcionistas e poetas mais importantes da literatura contemporânea, na Bahia e no Brasil.



Segundo o deputado Marcelinho Veiga, essa Comenda 2 de julho é mais do que merecida. “A história de Cyro de Mattos lhe respalda. Parabéns! São mais de 60 anos comprometidos com as letras e a cultura”. Membro da Academia de Letras da Bahia, Pen Clube do Brasil, ele é autor de 64 livros pessoais, de diversos gêneros, e além disso tem 15 livros publicados no exterior.

Entre os membros da Academia de Letras da Bahia que foram homenageados com a Comenda 2 de Julho figuram Luís Henrique, Cid Teixeira, João Carlos Salles, Mãe Stella de Oxóssi e Joaci Góes.

Abril de 2022

Posse da diretoria da Academia de Letras de Itabuna



A atual diretoria da Academia de Letras de Itabuna (ALITA), sob a presidência do professor Wilson Caitano (cadeira 21), tomou posse em abril de 2022 e responderá pela entidade até 2023. A vice-presidência é exercida pela professora Janete Ruiz de Macêdo (cadeira 39).

Como 1ª secretária, professora Lurdes Bertol Rocha (cadeira 06); o 2º Secretário é o advogado Marcos Antonio Santos Bandeira (cadeira 01); a 1ª tesoureira, professora Silmara Santos Oliveira (cadeira 02); o diretor da revista, professor Charles Nascimento de Sá (cadeira 40); diretor de ações culturais: professor e ator Jorge Luiz Batista dos Santos (cadeira 36); diretora de comunicação social e marketing: comunicóloga Raquel Silva Rocha (cadeira 25) e a diretora de projetos e pesquisas: professora Margarida Cordeiro Fahel (cadeira 12).

A 2ª tesoureira é a delegada Sione Maria Porto de Oliveira (cadeira 07); diretor da biblioteca, médico Silvio Porto de Oliveira (cadeira 28); diretor do arquivo, professor Alessandro Fernandes de Santana (cadeira 33).

Durante a posse, a então presidente da ALITA, Silmara Oliveira, destacou as realizações de sua gestão e relembrou os presidentes que a antecederam (Marcos Bandeira e Sônia Maron). Outro ponto alto da noite foi a informação de que o escritor e poeta Cyro de Mattos receberia a Comenda 2 de Julho, a mais alta distinção da Assembleia Legislativa da Bahia “aos que dedicam a sua vida à valorização da humanidade nas letras, ciências e artes”.

Wilson Caitano, devidamente empossado, destacou os objetivos de sua gestão. “Como grande desafio de tornar essa Academia cada vez mais intrínseca aos movimentos literários da nossa região, inserindo as escolas e universidades como fomentadora da Língua Portuguesa e dar visibilidade às diversas produções literárias produzidas pelos membros dessa academia e como também fomentar e disseminar novos escritores regionais”.

A acadêmica Raquel Rocha homenageou Sônia Carvalho de Almeida Maron, uma das fundadoras da Academia de Letras de Itabuna, com a leitura de uma crônica de autoria do poeta Cyro de Mattos.

“Prefiro lembrar a garota mais bonita de nossa juventude. Foi rainha dos estudantes, da primavera, da cidade. Foi rainha de tudo. Quando passava, arrancava suspiros dos rapazes com a pose de galã fatal. Já moça, nos bailes noturnos esbanjava alegria no carnaval do Grapiúna Tênis Clube”.

Julho/Agosto/Setembro de 2022

Roda de Leitura Sônia Maron
incentiva estrada do saber



A Roda de Leitura, projeto no qual a Academia de Letras de Itabuna (Alita) estimula o caminho mágico dos livros, em 2022 ganhou o nome da saudosa Sônia Maron. Uma das fundadoras da entidade literária, ela foi uma incentivadora da ação que vai às escolas, creches e outras entidades.

O intuito é fomentar o gosto pela leitura na primeira e segunda infância. “Sônia foi a primeira acadêmica a abraçar o projeto Roda de Leitura, esteve presente em todas as rodas, era apaixonada por essas tardes, transbordava amor pelos livros, pelas crianças e pela nossa academia”, afirmou a alitana Raquel Rocha, coordenadora do projeto.

Novas incursões aconteceram a partir de julho, começando pelo Centro Comunitário e Creche Irmã Margarida, no bairro Pedro Gerônimo. Lá, o acadêmico e ator Jorge Batista misturou literatura e teatro.

“Um projeto de leitura é sempre uma humanização do outro, para o outro e com o outro. Quem faz a leitura, quem conta uma história e quem ouve, ouve com o corpo todo. A leitura movimenta o corpo todo. Rubem Alves dizia ‘A gente ama não é a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito’”, afirmou Jorge.

“Experiência maravilhosa”

Em agosto, o Instituto Municipal Teosópolis foi o local escolhido para o momento de ler com os estudantes. As confradeiras Raquel Rocha, Janete Macedo e Lurdes Bertol mostraram poemas, trocando emoção e saber com alunos da primeira e segunda infância. “Foi uma experiência maravilhosa. Todos aprendemos uns com os outros. Este projeto é, realmente, uma faísca que incentivará a leitura, a escrita, a trilhar os caminhos da literatura”, disse Lurdes Bertol.

O Gacc (Grupo de Apoio à Criança com Câncer) recebeu, em setembro, a Roda de Leitura Sônia Maron. Com a presença das acadêmicas Raquel Rocha e Sione Porto, os pequenos puderam participar de um momento lúdico e, ao mesmo tempo, de aprendizado.

Setembro de 2022

O Sentido de Viver com Amor- Lançamento do Hino da Academia de Letras de Itabuna



Por Raquel Rocha

Uma noite de música, confraternização e amor às letras. Assim foi a cerimônia de lançamento do hino oficial da Academia de Letras de Itabuna (ALITA), no dia 16 de setembro de 2022, no Auditório do Hospital de Olhos Beira Rio. O hino, com letra do escritor Cyro de Mattos e musicado pelo cantor e compositor Marcelo Ganem, foi apresentado, pela primeira vez, à comunidade itabunense com a interpretação do Coral dos Servidores da CEPLAC.

Foram convidados para a mesa de autoridades o Presidente da Academia de Letras de Itabuna, o professor Wilson Caitano; a vice-presidente, professora Janete Ruiz de Macedo; o escritor Cyro de Mattos, membro fundador da Academia de Letras; o Magnífico Reitor da Universidade Estadual de Santa Cruz, Alessandro Fernandes, e o vereador da comarca de Itabuna, Israel Cardoso.

O Hino Nacional Brasileiro, executado pelo Coral dos Servidores da CEPLAC, abriu oficialmente a cerimônia. Na sequência foi solicitado um minuto de silêncio em homenagem de respeito e saudade ao confrade Carlos Eduardo Lima Passos da Silva, falecido em 05 de setembro de 2022, também membro fundador desta Academia, ocupante da Cadeira no. 03, que tem como Patrono Nestor Passos.

A seguir, pronunciou-se o Prof. Wilson Caetano, Presidente da Academia, que assim se expressou: “Agradecemos ao nosso decano, Dr. Cyro de Mattos, pela belíssima poesia que, de forma primorosa, ganhou música e harmonia pelas mãos do magnífico músico Marcelo Ganem. Que presente recebermos desses dois gigantes artistas da nossa região. Esse hino chega para elevar e encantar a nossa alma, como disse Aristóteles.”. Ele destacou, ainda, os feitos da entidade: “Nesses 11 anos da ALITA vê-se uma academia dinâmica, vultuosa, dialética que procura desenvolver uma diversidade de projetos que valorizam a língua portuguesa, a riqueza cultural em suas diversidades, seminários, noites de autógrafos, palestras e em especial a nossa Roda de Leitura Sônia Maron que promove leitura de livros infantis em diversas escolas da nossa comunidade.”

Chegou-se, então, ao momento culminante da noite, quando o Coral, pela primeira vez em público, cantou o Hino da ALITA, acompanhado pelos presentes e sendo muito aplaudido.

*A cidade contigo conhece
Que a vida não é coisa vã,
É a palavra solta a dizer.
A beleza de cada manhã.*

*Imortal é tua maneira de ser,
Tua luz que nunca se apaga,
Ideal é a página que escreves
Pra voar com as asas da alma.*

*Tudo vale, tudo anda, com Deus,
Que nos deu a razão e a emoção,
O sentido de viver com o amor.
Pra dizer o que vem do coração.*

Esteve presente à cerimônia o autor da melodia do Hino, o músico Marcelo Ganem, que executou alguns belos números de nossa música popular brasileira, com muito agrado para os presentes.

O anúncio do Primeiro Concurso Literário da Academia de Letras de Itabuna, com o tema “Rio Cachoeira” foi proferido pelas Alitanas Margarida Cordeiro Fahel e Ceres Marylise Rebouças, destinado a alunos regularmente matriculados em cursos superiores de Instituições Universitárias da Região Cacaueira da Bahia.

Na oportunidade, houve ainda o lançamento do livro “Os Saberes nas Narrativas de Jorge Amado”, de Cyro de Mattos, livro editado pela Fundação Casa de Jorge Amado, com prefácio de Nelson Cerqueira, doutor em Letras, poeta e ficcionista, da Academia de Letras da Bahia, e o posfácio de Ângela Fraga, escritora e diretora da Fundação Casa de Jorge Amado. Sobre o livro, o escritor Cyro de Mattos, com sessenta e duas obras publicadas, revelou: “Concebi o livro em que analiso a obra de Jorge Amado como incursões que faço na linguagem e no imaginário de um narrador poderoso, que sabe articular

como poucos na trama as marcas da solidariedade, do saber e do humor, logrando extrair da vida real a esperança e a ternura de seus personagens, os que vivem como excluídos nas camadas populares. Esse consagrado romancista faz com que as cenas dramáticas retiradas do plano real apareçam no texto mescladas com um mundo fantástico cheio de episódios extraordinários. Informo que são incursões essas realizadas por um ficcionista experimentado, que não usa o achismo para opinar sobre a ficção de um autor de linguagem sensual, fecunda imaginação, quando recria a vida com a arte bem-sucedida da escrita, como só poucos sabem fazer”.

Ao final da cerimônia, procedeu-se à Noite de Autógrafos do escritor Cyro de Mattos, com sua obra já referida. Naquele momento, no *foyer* anexo, aconteceu um agradável coquetel e confraternização entre os presentes.

Agradecimentos:

Agradecemos ao HOSPITAL DE OLHOS BEIRA RIO, seus diretores: Rafael Andrade, Rafael Bulhões, Katucha Pitanga e a Patrícia Ribeiro, secretária executiva, pela acolhida calorosa. Agradecemos também a todos os componentes do Coral de Servidores da Ceplac, na pessoa da Maestrina Deyse Gois.

Aos 70 anos, morre promotor itabunense

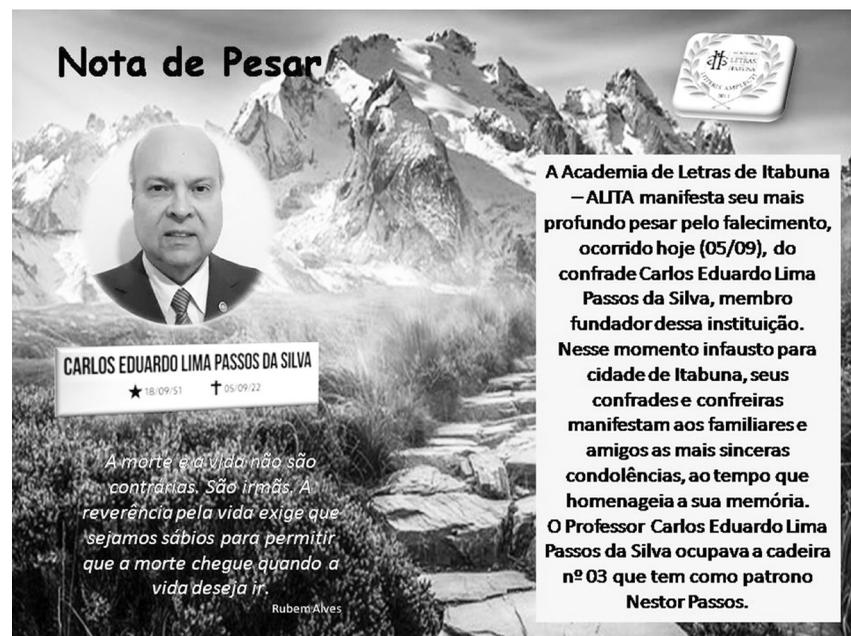
Carlos Eduardo Passos

Faleceu em 05 de setembro de 2022 o promotor de Justiça e professor universitário Carlos Eduardo Passos, um dos fundadores da Academia de Letras de Itabuna (ALITA).

Dr. Eduardo Passos, como era mais conhecido, vinha enfrentando complicações na saúde e havia perdido há meses a esposa, Jurema Haun, companheira de décadas.

Os confrades e congreiras externaram pesar pela partida de uma figura querida e cordial com todos que encontrava. O juiz aposentado Marcos Bandeira, por exemplo, comentou sobre as experiências compartilhadas, ao tempo em que rogo pela alma do amigo.

“Meu dileto amigo. Trabalhei com Passos no Judiciário e fomos colegas na UESC, além de ser nosso confrade na ALITA. Profissional exemplar e um ser humano maravilhoso”, afirmou.



Nota de Pesar

ALITA

Carlos Eduardo Lima Passos da Silva
★ 09/51 † 05/09/22

A morte e a vida não são contrárias. São irmãs. A reverência pela vida exige que sejamos sábios para permitir que a morte chegue quando a vida deseja ir.
Rubem Alves

A Academia de Letras de Itabuna – ALITA manifesta seu mais profundo pesar pelo falecimento, ocorrido hoje (05/09), do confrade Carlos Eduardo Lima Passos da Silva, membro fundador dessa instituição. Nesse momento infausto para cidade de Itabuna, seus confrades e congreiras manifestam aos familiares e amigos as mais sinceras condolências, ao tempo que homenageia a sua memória. O Professor Carlos Eduardo Lima Passos da Silva ocupava a cadeira nº 03 que tem como patrono Nestor Passos.

Outubro 2022

Concurso literário marca interação da Alita com estudantes

Tendo como tema o Rio Cachoeira, o primeiro concurso literário da Academia de Letras de Itabuna (ALITA) abre espaço para textos elaborados por estudantes universitários do sul da Bahia. A seleção, específica para crônicas em prosa, visa incentivar a criação e a revelação de novos talentos.

Ficou decidido que o primeiro lugar será premiado com o valor em dinheiro de R\$3.000,00, além de diploma e publicação na revista Guriatã, periódico da ALITA. Ao segundo lugar, a quantia de R\$2.000,00, em dinheiro, além de menção honrosa e publicação na Guriatã. Ao terceiro lugar, o prêmio de R\$1.000,00, assim como menção honrosa e publicação na revista Guriatã.

Segundo uma das organizadoras do concurso, a escritora Margarida Fahel, a escolha do tema atende a importante e urgente necessidade da cidade de Itabuna, assim como de todo o seu entorno.



1º CONCURSO LITERÁRIO

CRÔNICAS DO RIO CACHOEIRA

INSCRIÇÕES PRORROGADAS: ATÉ 15 DE MARÇO

<https://academiadeletrasdeitabuna.com.br>

“A situação de nosso rio, hoje apenas triste lembrança do que foi em outras épocas, belo e caudaloso, local de pescarias e praias arenosas, hoje reduto de perigo e graves riscos à saúde pública”, comparou.

Alita deixa assinatura em Sarau de poesia

O Dia do Poeta, celebrado em 20 de outubro, ofereceu um Sarau de Poesia como presente a quem foi à Praça José Bastos. Realizado pela Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania (FICC), em parceria com a Academia de Letras de Itabuna (ALITA), um verdadeiro festival com declamação, contação de histórias, teatro e exibição de documentário.

O evento teve como objetivo valorizar, promover e homenagear o poeta e a poesia grapiúna, dando ênfase ao seu dia comemorativo, bem como promover várias atividades culturais e artísticas voltadas para o público infanto-juvenil e população em geral.

Com olhos e ouvidos atentos, estudantes conheceram a história “O poeta Cyro de Mattos”, narrada por Raquel Rocha. Já Maria Rita Prudente, trouxe “O Menino e seus botões”. Em seguida, uma encenação teatral ficou com os atores Lucas Oliveira e Manassés de Oliveira.

O presidente da ALITA, professor Wilson Caitano, participou de Roda de Conversa com o tema “Literatura Regional e Juventude”, junto com os também professores Samuel Mattos e Cláudio Zumaêta.

Também foi exibido o documentário “Nos Trilhos do Tempo”, de Raquel Rocha, além do Recital do Clube do Poeta, com Cinthia Fragoso e José Antônio (Labor de Poetas).

Ainda entre as atrações, o público pôde conferir a exposição “A praça na praça: José Bastos”, organizada pela professora Janete Ruiz, vice-presidente da ALITA. A organização do evento foi feita por Bruna Setenta e Genny Xavier (FICC).

Novembro de 2022

Posse de Heloísa Prazeres mostra emoção da volta à origem

A poeta e ensaísta Heloísa Prazeres, professora aposentada da Universidade Federal da Bahia, imortal da Academia de Letras da Bahia, foi recebida com emoção na Academia de Letras de Itabuna (Alita). Indicada pelo escritor Cyro de Mattos (Presidente de Honra da instituição), a mestre e doutora em Literatura tomou posse na cadeira 14, mostrando o simbolismo daquele momento.



Afinal, a nova alitana tem como patronesse a saudosa poetisa Valdelice Soares Pinheiro e senta-se à cadeira deixada pela também saudosa Sônia Carvalho de Almeida Maron, uma das fundadoras e presidente da Alita em dois mandatos. “A Academia de Letras de Itabuna demonstra lealdade à sua missão ao promover a literatura, a riqueza

e o dinamismo da Língua Portuguesa, com um espírito, que defendo, honro e ao qual me associo, 'O Abraço das Letras' (*Litteris Amplecti*)", reconheceu Heloísa, no discurso de posse.

Ela buscou conectar a emoção de todos os presentes com os versos de Valdelice, cuja criação é sempre reverenciada. "[...] eu sou artista, este ser que não precisa se comprometer com nada, porque ele próprio, por si, já é o olho mágico que descobre o presente, que recria o objeto e o fato para o ângulo maior da história", compartilhou.

Empossada no mês de novembro de 2022, Heloísa não poupou palavras repletas de sentimento ao mencionar Itabuna, a terra natal que lhe apresentou o mundo. "Aqui nasci e esta cidade continua a evocar a minha identidade. Pessoal e literariamente vivo este vínculo espiritual e telúrico, preso à amizade, à raiz e à benignidade de minha herança familiar", revelou.

A poeta, num ato de reconhecimento ao tratamento literário que insere o cacau no espaço das letras brasileiras, citou grandes nomes que projetam o sul da Bahia adiante das fronteiras. Além de Jorge Amado e Adonias Filho, mencionou os ficcionistas Jorge Medauar, Cyro de Mattos, Euclides Neto, Hélio Pólvora, Ruy do Carmo Póvoas, Marcos Santarrita, e poetas como Sosígenes Costa, Telmo Padilha, Firmino Rocha, Minelvino Francisco Silva, novamente Cyro de Mattos, Florivaldo Mattos, dentre tantos.

Cyro de Mattos, discursando sobre o percurso desde a menina Heloísa que conheceu a magia do rio Cachoeira até a escritora Heloísa Prazeres cheia de leveza, definiu: "Aos seus predicados de natureza intelectual, ajuntem-se os

hábitos da criatura prestimosa, como apanágios de seu caráter, a leveza, a sinceridade, a solidariedade e a gratidão. Com ela se aprende que a vida tem sentido se marcada com o entendimento e o saber que inaugura momentos positivos advindos do diálogo constante entre os seres e as coisas. A vida reveste-se de esperança e se propaga com afeto nas circunstâncias e propósitos das relações que circulam com seriedade sob o enleio do difícil gesto do viver".

Diversos

**Membros e Patronos
da Academia de Letras de Itabuna
2011 - 2020**

Cad.	Patrono	Membro
01	Ruy Barbosa	Marcos Antonio Santos Bandeira
02	Sosígenes Costa	Silmara Santos Oliveira
03	Nestor Passos	Carlos Eduardo L. Passos da Silva
04	Helena Borborema	Dinalva Melo Nascimento
05	Jorge Amado	Cyro Pereira de Mattos
06	Milton Santos	Lurdes Bertol Rocha
07	Telmo Padilha	Sione Maria Porto de Oliveira
08	Euclides Neto	Maria Luiza Nora de Andrade
09	Walker Luna	Rilvan Batista de Santana
10	Amélia Rodrigues	Ary Quadros Teixeira
11	Minelvino Francisco da Silva	Marialda Jovita Silveira
12	Afrânio Peixoto	Antônio Laranjeira Barbosa
13	Plínio de Almeida	Ruy do Carmo Póvoas
14	Valdelice Soares Pinheiro	Sônia Carvalho de Almeida Maron
15	José Haroldo de Castro Vieira	Gustavo Fernando Veloso Menezes
16	Abel Pereira	Ceres Marylise Rebouças de Souza
17	Machado de Assis	Hélio Pólvora

18	Anísio Teixeira	Raimunda Alves Moreira de Assis
19	Aracydo Marques	
20	Ariston Caldas	Renato Prata
21	Augusto Mário Ferreira	Antônio Lopes da Silva
22	Antônio de Castro Alves	Aleilton Fonseca
23	Saboia Ribeiro	Carlos Valder do Nascimento
24	Clodomir Xavier de Oliveira	Celina Santos Silva
25	Elvira Foepel	Raquel Rocha
26	Fernando Leite Mendes	Jorge Luiz Batista
27	Fernando Sales	Maria Palma Andrade
28	Firmino Rocha	Maria Delile Miranda de Oliveira
29	Gil Nunes Maia	Margarida Cordeiro Fahel
30	Hélio Nunes	João Otavio Moreira Macedo
31	Ildásio Tavares	Maria de Lourdes Netto Simões
32	Itazil Benício	Sérgio Alexandre Menezes Habib
33	João da Silva Campos	
34	Jorge Calmon	Luiz Antonio dos Santos Bezerra
35	Jorge Medauar	Florisvaldo Mattos
36	José Bastos	Maria Rita Coelho Dantas
37	Luiz Gama	Gideon Rosa
38	Manoel Lins	Naomar Monteiro de Almeida Filho
39	Manoel Fogueira	Janete Ruiz de Macedo
40	Natan Coutinho	Soane Nazaré de Andrade

**Membros e Patronos
da Academia de Letras de Itabuna
2020 - 2022**

Cad.	Patrono	Membro
01	Ruy Barbosa	Marcos Antonio Santos Bandeira
02	Sosígenes Costa	Silmara Santos Oliveira
03	Nestor Passos	
04	Helena Borborema	Dinalva Melo Nascimento
05	Jorge Amado	Cyro Pereira de Mattos
06	Milton Santos	Lurdes Bertol Rocha
07	Telmo Padilha	Sione Maria Porto de Oliveira
08	Euclides Neto	Maria Luiza Nora de Andrade
09	Walker Luna	Rilvan Batista de Santana
10	Amélia Rodrigues	Ary Quadros Teixeira
11	Minelvin Francisco da Silva	Marialda Jovita Silveira
12	Afrânio Peixoto	Antônio Laranjeira Barbosa
13	Plínio de Almeida	Ruy do Carmo Póvoas
14	Valdelice Soares Pinheiro	Heloísa Prazeres
15	José Haroldo de Castro Vieira	Gustavo Fernando Veloso Menezes
16	Abel Pereira	Ceres Marylise Rebouças de Souza
17	Machado de Assis	Joana Angélica Guimarães da Luz
18	Anísio Teixeira	Raimunda Alves Moreira de Assis
19	Aracydo Marques	

20	Ariston Caldas	Renato Prata
21	Augusto Mário Ferreira	Wilson Caitano de Jesus Filho
22	Antônio de Castro Alves	Aleilton Fonseca
23	Saboia Ribeiro	Carlos Valder do Nascimento
24	Clodomir Xavier de Oliveira	Celina Santos Silva
25	Elvira Foepel	Raquel Rocha
26	Fernando Leite Mendes	Jorge Luiz Batista
27	Fernando Sales	Maria Palma Andrade
28	Firmino Rocha	Sívio Porto de Oliveira
29	Gil Nunes Maia	Margarida Cordeiro Fabel
30	Hélio Nunes	João Otavio Moreira Macedo
31	Ildásio Tavares	Maria de Lourdes Netto Simões
32	Itazil Benício	Sérgio Alexandre Menezes Habib
33	João da Silva Campos	Alessandro Fernandes de Santana
34	Jorge Calmon	Luiz Antonio dos Santos Bezerra
35	Jorge Medauar	Reheniglei Hehem
36	José Bastos	Maria Rita Coelho Dantas
37	Luiz Gama	Gideon Rosa
38	Manoel Lins	Naomar Monteiro de Almeida Filho
39	Manoel Fogueira	Janete Ruiz de Macedo
40	Natan Coutinho	Charles Nascimento Sá